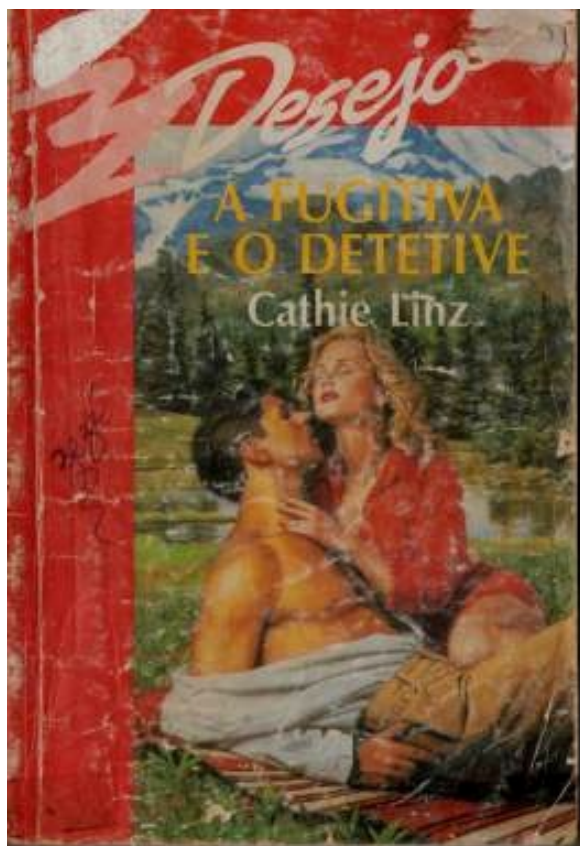


A Fugitiva e o Detetive

Escapades

Cathie Linz



Nem todo o dinheiro do mundo vale o amor de uma mulher!

Dez mil dólares é o preço do detetive particular Rick Dunbar pra trazer de volta Ellen Redmond, uma herdeira rica e mimada que fugiu de casa.

Só que Ellen é bastante diferente da mulher que Rick pensava encontrar. Linda e sexy, ela o faz quebrar a primeira de suas regras: jamais seduzir a filha de um cliente!

Mas que mistério existe por trás desse homem que surgiu do nada pra fazer Ellen perder a cabeça com suas enlouquecedoras carícias? Apesar de estar perdidamente apaixonada, ela só poderá viver toda a grandeza de seu amor quando desvendar o mistério de Rick...

Digitalização: Rosana Gomes

Revisão: Cassia

Querida leitora,

Nas séries sensuais DESEJO e TENTAÇÃO dos ROMANCES

NOVA CULTURAL você sempre tem encontrado excitantes histórias que mostram, com romântico realismo, as mais ousadas conquistas e íntimos encontros de amor entre um homem e uma mulher apaixonados.

Continuando com essa deliciosa fantasia, preparamos para este mês quatro histórias que irão fazer seu corpo vibrar de pura emoção... No DESEJO 11 você vai se sentir; atraída pelo enredo realista de **Pecado de uma Noiva** e em DESEJO 12 conhecer a moderna e sensualíssima história **A Fugitiva e o Detetive**.

Em TENTAÇÃO 08 e 09, dois livros super quentes e originais: **Um Homem Desejado** e **O Guarda-Costas**.

Não se esqueça... Em todas as bancas do Brasil os maravilhosos livros





ROMANCES NOVA CULTURAL esperam por você para lhe proporcionar muita alegria, amor, sensualidade e emoção!

Carolina Maria Editora Chefe

Romances nova Cultural

Copyright © 1993 by Cathie Baumgardner

Originalmente publicado em 1993 pela Silhouette Books,

Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a

Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: ESCAPADES

Tradução: Nicole Anne Collet

Copyright para a língua portuguesa: 1993

EDITORIA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901 São Paulo — SP —
Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

PRÓLOGO

— Não me importo se tiver que amordaçá-la e colocá-la numa camisa-de-força, contanto que traga minha filha de volta!

Rick Dunbar não disse nada. Em vez disso, observou a luxuosa mobília que o rodeava. Tirara duas conclusões daquela entrevista. A primeira, que Howard Redmond, presidente da Redmond Imports, parecia estar em ótima situação financeira. A segunda, que ele estava muito descontente com a filha. E era aí que Rick entrava em cena. Detetive particular e especialista em encontrar pessoas desaparecidas, fizera fama como um dos melhores investigadores da cidade. Mas ele cobrava por isso, é claro.

— Ok. Quer que eu; traga sua filha de volta. Mas trazê-la de onde?
— Rick perguntou por fim.

— Não sei onde ela está agora. Da última vez em que tive notícias de Ellen, estava no Alasca. Tome, eu preparei um relatório de tudo o que sei.

Assim dizendo, Howard estendeu-lhe um envelope.

— Minha filha já deu várias escapadas. Citei algumas em meu relatório. Você não acreditaria nas confusões em que ela já se meteu. — Ele torceu o nariz e a seguir acrescentou casualmente: — Oh, além do relatório, coloquei um cheque de mil dólares no envelope. Quando a localizar receberá outros mil dólares e, quando a trazer para casa, mais três mil.

Rick fez um gesto de assentimento. Estava conversando há uma hora com Howard. A história do pai dominador e da filha rebelde não era nova para ele, assim como não era a primeira vez que o incumbiam de resgatar garotas transviadas. Sua experiência lhe dizia que chegara o momento de negociar seus honorários e partir para a busca.

— Dê-me cinco mil dólares agora e mais cinco mil quando eu a trazer de volta e estamos conversados.

Howard franziu a testa e olhou-o com uma expressão ameaçadora que teria intimidado a maioria dos mortais. Rick nem sequer piscou. Aos trinta e quatro anos já estava muito calejado para se deixar impressionar por um simples olhar.

— Eu poderia contratar outro detetive. Seattle está cheia deles — Howard replicou.

— Mas nenhum é tão bom quanto eu — Rick disse calmamente.

Howard deu um sorriso amarelo. Dunbar fora-lhe recomendado por

um de seus melhores amigos, que usara os serviços do detetive para obter seu divórcio. Graças às informações que Rick levantara, ele fora salvo de pagar uma pensão astronômica para a ex-mulher.

— Acordo feito, Dunbar. Cinco mil dólares de adiantamento e mais cinco mil quando trazer Ellen para cá.

— Então está combinado.

Com visível relutância, Howard fez um cheque adicional e entregou-o a Rick.

— Se ela não fosse minha única filha... — grunhiu.

O detetive devolveu o cheque no mesmo instante.

— Esqueceu-se de assiná-lo, Sr. Redmond.

— Oh, que distração a minha...

Depois que o cheque, devidamente assinado, estava a salvo em seu bolso, Rick recapitulou:

— A última vez em que teve notícias de sua filha, ela estava no Alasca, não é?

Howard balançou a cabeça e fez um sinal afirmativo que refletiu toda a sua contrariedade.

— Ela se comporta como se ainda estivéssemos na década de sessenta.

Rick estreitou os olhos e perguntou:

— Sua filha usa drogas?

— Não, graças a Deus. Pelo menos disso Ellen está livre. Não, seu único vício é a comida vegetariana — Howard acrescentou com um sorriso de desaprovação.

Rick sorriu também. Ele mesmo era um fã incondicional de filé com batatas fritas. Não entendia como poderia haver pessoas que recusavam um bom bife sangrento em prol de uma salada aguada.

— Sei o que está pensando, Dunbar. Acha que minha filha vai amadurecer e aceitar as responsabilidades que a vida nos impõe. Só que Ellen já não é uma adolescente. Ela tem vinte e oito anos. Um dia terá que me ajudar a cuidar dos negócios da família. Já lhe dei todo o tempo do mundo para amadurecer e confesso que estou começando a perder a paciência.

— Pelo que entendi sua filha não parece disposta a voltar espontaneamente para Seattle.

— Ora, ela nem sabe o que quer! Ellen é tão volúvel quanto sua mãe... Que Deus a tenha. Não me leve a mal, eu amava muito minha esposa. Só que a pobre coitada não conseguia se concentrar em nada

por mais de dois minutos, e logo perdia o interesse. Ellen é igualzinha a ela.

Rick achava muito improvável que Howard quisesse uma mulher volúvel à frente da Redmond Imports. Porém, esse já era um problema que não lhe dizia respeito. Ele abriu o envelope e relanceou o maço de folhas impressas por computador. Ao que tudo indicava, Ellen tivera uma vida bastante movimentada e fora dos padrões.

— Sua filha realmente criou uma fábrica comunitária de peixes enlatados?

— Ela tentou. Depois, como de costume, abandonou o projeto. Ellen é o tipo de pessoa que está sempre começando alguma coisa.

O olhar de Rick percorreu as páginas seguintes do relatório.

— Fazenda comunitária, escola comunitária de artesanato... Sua filha parece ter um fraco por projetos comunitários. Será que ela não está envolvida com alguma seita de religiosos fanáticos?

— Isso é você quem tem que descobrir Dunbar. Traga minha filha o mais rápido possível. O tempo está passando e, a essa altura, só Deus sabe em que encrencas ela já não deve ter se metido!

CAPÍTULO I

Liberdade. Essa era a coisa que Ellen mais adorava. A liberdade de ir e vir, de fazer e dizer o que lhe desse; vontade. Lutara a vida toda por aquele ideal e finalmente conquistara sua tão sonhada liberdade. O passado era uma página riscada e não valia à pena olhar para trás.

Ellen nunca fora do tipo nostálgico, e não sabia por que se flagrara pensando no passado agora. Ainda estavam no mês de julho e o sol brilhava no estado de Washington. Portanto, não podia atribuir sua súbita nostalgia aos melancólicos dias de inverno.

Sendo assim, o que fazia enfiada em casa num dia tão maravilhoso? Ellen analisou seu próprio estado de espírito enquanto tentava moldar um punhado de argila na roda à sua frente. A resposta é que ela estava tentando provar que era capaz de produzir um vaso sem que a argila despencasse num amontoado informe. Até ali, porém, não tivera muito êxito.

Ela suspirou e, com as costas da mão, afastou uma mecha que lhe caía sobre os olhos. Os cachos loiros estavam sempre escapando da presilha. Assim como Ellen, seus cabelos também adoravam a liberdade.

Ela ainda tinha que resolver um milhão de coisas. Por exemplo, examinar as fichas dos participantes que haviam se inscrito na última

semana. Por ora, entretanto, precisava ficar um pouco sozinha. Na qualidade de fundadora e diretora da Visão Interior, era muito solicitada por todos os membros da comunidade. Ellen não pôde deixar de sorrir diante daquela ironia: quem diria que ela, a rebelde Ellen Redmond, chegaria a ocupar uma posição de responsabilidade e liderança!

Ao refletir sobre tudo aquilo, ela concluía que seus projetos passados haviam sido uma espécie de prelúdio para a concretização da Visão Interior. O trabalho que agora fazia tinha grande importância para ela. Gostava de pensar que estava ajudando muita gente a adquirir mais auto-estima e autoconfiança.

A seu ver, não fazia mais que compartilhar sua experiência de vida com toda aquela gente. Já descera até o fundo do poço e sabia como era sentir-se num beco sem saída. A memória daquele tempo a fez sorrir com amargura. Ellen tinha então apenas oito anos de idade, e todos os seus sonhos de criança já haviam caído por terra.

Ela nunca se esqueceria do que o pai lhe dissera no dia da morte de sua mãe:

— Sua mãe morreu e não podemos fazer nada para trazê-la de volta. Portanto, pare de chorar, menina. Os Redmond guardam suas fraquezas para si mesmas. Sua mãe mimou-a demais e acabou estragando você. Ora, veja essa bagunça!

Com uma exclamação agastada, o pai atirara no chão seus desenhos coloridos com guache e a caixa de tintas que a mãe lhe dera.

Ele já tinha tratado de se desfazer de todos os pertences da esposa, como que para apagar sua presença da casa. Ressentida, Ellen voara para cima dele, chorando e gritando. O pai imobilizara-a como se não passasse de um inseto, até que ela caísse a seus pés, soluçando de frustração. Ele então a soltara e saíra do quarto sem lhe dizer sequer uma palavra de consolo.

Ainda hoje, quando se recordava do episódio, Ellen sentia uma onda de fúria. Na manhã seguinte, o pai a colocara em um avião para Sacramento, de onde seria encaminhada para um internato na Nova Inglaterra.

— Lá aprenderá o que é respeito e disciplina — declarara antes de se despedir dela.

Mas o internato não lhe ensinara nada de útil. Pelo contrário. Regido por normas severas, quase a transformara em uma boneca despersonalizada. Por sorte, havia lá uma professora de arte que lhe dera muito incentivo e plantara dentro dela uma semente de liberdade e

inconformismo ante todos os padrões estabelecidos.

Houve outras escolas e outros internatos, mas Ellen nunca se sujeitou à lavagem cerebral a que freqüentemente tentavam submetê-la. Mas aquilo já fazia parte de um passado distante. Hoje, ela estava a anos-luz da garota que, até completar a maioridade, tinha sido controlada com mão de ferro pelo pai.

Ellen consultou o relógio de pulso e viu que, se não se apressasse, chegaria atrasada para a aula de pintura das crianças.

O tema daquele dia foi á pintura com os dedos. Em breve, os dez artistas-mirins que compunham a classe se entusiasmaram e passaram a pintar os cabelos uns dos outros em vez de usar as folhas de papel destinadas a suas expansões criativas.

Mas as complicações estavam apenas começando. Ellen mal entrara em seu quarto após a aula, quando Celeste foi procurá-la, esbaforida.

Celeste tinha quarenta anos e usava sempre os cabelos negros presos numa trança frouxa. Era uma hippie convicta e, para ela, o tempo parecia ter estacionado na Era de Aquário. Celeste assava seu próprio pão, confeccionava suas roupas e fazia o melhor chá de ervas que Ellen jamais havia provado. Na verdade, as únicas coisas que sua amiga não conseguia fazer era controlar seu saldo bancário, trabalhar num emprego das nove; às cinco e votar no partido republicano.

Mais que uma companheira, Ellen considerava Celeste como um membro da grande família que se formara em torno da Visão Interior.

— Você precisa ir ao escritório central. E melhor se apressar — Celeste disse num tom de urgência.

Sem pedir explicações, Ellen acompanhou-a a passos rápidos. As duas encaminharam-se ao prédio que funcionava como quartel-general da Visão Interior. Lá encontraram Caridade, a secretária, reunindo freneticamente uma série de objetos dentro de um carrinho de bebê.

— O que aconteceu? — Ellen perguntou.

— É minha filha! Raio de Sol está com febre alta e o pediatra quer que eu a leve a seu consultório imediatamente. Guido vai me dar uma carona até lá. Ele já está na caminhonete com minha filha.

— Pode deixar que eu fique no escritório, Caridade. E não se preocupe. O doutor Broncasio é muito competente e cuidará bem de Raio de Sol.

Caridade enfiou uma mamadeira dentro de uma bolsa térmica e murmurou qualquer coisa sobre a chegada de um executivo chamado

Potter dentro de poucas horas.

— Eu me encarregarei de recebê-lo — assegurou-lhe Ellen. Mas, antes de recepcionar o futuro integrante, era melhor limpar as marcas de tinta que adornavam seus ombros e braços, como resultado da atribulada aula de pintura que dera às crianças do alojamento. Ellen riu consigo mesma e foi ao banheiro se lavar.

Rick saiu do carro e se espreguiçou. Viajara duas horas de Seattle até a Visão Interior. Antes de partir, telefonara para certificar-se de que Ellen Redmond ainda estava lá. Evitara, porém falar diretamente com ela para não assustá-la. Se Ellen era a mulher volúvel e escorregadia que seu pai proclamava, ele precisava tomar todo cuidado. A última coisa que desejaria seria perdê-la de vista agora que a tinha encontrado.

Rick seguira seu rastro do Alasca ao Arizona, só para descobrir que ela tinha ido parar praticamente no seu quintal dos fundos! Sem perder tempo, ele juntara algumas roupas numa mochila e dirigira-se para as montanhas. Se tivesse sorte, resolveria aquele caso antes do prazo previsto.

Ele ainda não entendia direito que tipo de lugar era a "Visão Interior". Quando telefonara para lá, informaram-lhe que consistia num instituto de desenvolvimento criativo. Rick não fizera muitas perguntas para não despertar suspeitas.

Munido de um mapa da região, ele seguira pela estrada principal até deparar com uma placa de madeira que indicava a direção da Visão Interior. Tomara então uma via secundária e fora dar naquele lugar.

À direita, Rick avistou alojamentos alinhados com o que poderia ser chamado de precisão militar. A sua frente havia um lago e, mais adiante, avultando-se sobre as colinas arborizadas, ele reconheceu o monte Rainier. À esquerda; outros alojamentos se enfileiravam, mas sem a simetria dos primeiros. Entre eles, fora erguido um pequeno prédio, que ostentava a placa "Centro da Visão Interior".

Rick estava prestes a se dirigir para o edifício, quando uma mulher de uns quarenta anos surgiu à sua frente, trazendo uma menininha ruiva pela mão. À medida que se aproximavam dele, a garotinha sorriu e acenou-lhe.

— Eu tenho uma vagina... E você não — ela cantarolou quando passou por Rick.

Ele olhou-a extremamente chocado. A mulher que estava com a menina limitou-se a encolher os ombros.

— Ela está na idade de explorar sua identidade sexual — explicou

com ar casual.

Rick não quis ficar ali para ver se a garota iria discutir a anatomia dele, e rapidamente se encaminhou para o "Centro da Visão Interior"

Logo que entrou no prédio, ouviu a campainha insistente de um telefone. Olhou à sua volta, mas não viu ninguém.

Em algum lugar, nos fundos da recepção, uma mulher gritou:

— Atendam esse maldito telefone ou então dêem um tiro nele!

Rick achou que atender ao telefone seria mais sensato que destruí-lo. Tirou o fone do gancho e mal teve tempo de dizer "alô". Do outro lado da linha, uma voz masculina falou:

— Aqui é Potter. Fui mandado para San Francisco em caráter de emergência para fechar um negócio. Vai ser impossível chegar aí hoje e estou ligando para cancelar minha reserva.

Sem esperar por uma resposta, o homem do outro lado da linha desligou.

Reserva? Rick perguntou-se sem entender. Que diabo de lugar era aquele? Uma comunidade ou um hotel de luxo?

Mas, antes que ele pudesse chegar a alguma conclusão, uma mulher veio até a recepção. Rick não precisou de um segundo olhar para constatar que se tratava de Ellen Redmond em pessoa.

Howard dera-lhe uma fotografia da filha como referência. Rick, porém, não podia negar que ao vivo ela era ainda mais interessante. Ellen tinha um andar provocante e todas as curvas nos lugares certos. Usava um; jeans laranja; vivo que lhe caía; como uma luva.

O olhar dele mediu-a de cima a abaixo e deteve-se nos cabelos loiros, presos desordenadamente no alto da cabeça. Algumas mechas soltas emolduravam-lhe o rosto, de uma maneira que Rick considerou bastante sedutora. Os olhos dela eram inesperadamente castanhos, o que ô fez pensar sem querer no acolchoado marrom que recobria sua cama... E em como Ellen ficaria se deitasse ali, nua...

Então aquela era a mulher que tanto gostava de escapulir do pai. Rick pegou-se imaginando o que mais ela gostaria de fazer.

Ellen não usava nenhum anel, mas exibia uma estranha gargantilha de couro no pescoço esguio. Em suas orelhas, tilintava um par de brincos de prata. Eram dois peixes enormes segurando anzóis com... Os peixes estavam segurando anzóis, de onde pendiam dois minúsculos homenzinhos.

Rick tentou descobrir o que significariam aqueles brincos tão extravagantes.

— Ah, deve ser o Sr. Potter — ela disse; vindo em sua direção e estendendo-lhe a mão.

Rick apertou-lhe a mão sem hesitar. A pele de Ellen era macia, delicada e... Talvez escorregadia também. Ou será que ele estava imaginando coisas?

— Sim, sou eu mesmo — Rick apressou-se em dizer.

— Oh, sinto muito, acabei de passar creme de aveia nas mãos... Bem, seja bem-vindo à Visão Interior. Sou Ellen Redmond e estou aqui especialmente para recebê-lo. Espero que não tenha levado a mau o que eu disse sobre o telefone há pouco. — Ellen olhou para o aparelho. — Acho que desistiram de esperar que alguém atendesse. Em todo caso, devem ligar; de novo. Não repare, hoje é um daqueles dias confusos... Sabe como é...

Ellen tinha plena consciência de que estava falando pelos cotovelos, o que não era de seu feitio. Entretanto, aquele homem não tinha nada a ver com os hóspedes que o centro costumava receber. Ela não podia negar que o Sr. Potter era um tipo bastante... Impressivo. Ellen conhecera muitos homens e, é claro, tinha trocado muitos apertos de mão no decorrer de suas viagens. E, no entanto, a única vez que se lembrava de ter ficado tão abalada com um simples aperto de mão fora quando levara um choque de uma torradeira elétrica!

Decididamente, o Sr. Potter era um hóspede bem diferente dos habituais. Não tinha nada a ver com os adultos analíticos que procuravam o centro. E muito menos com as crianças que se inscreviam nos cursos de pintura. Havia uma crueza perigosa em seu olhar, que fazia Ellen temer por suas próprias reações. O magnetismo dele era quase tangível.

Potter devia ter uns trinta anos. Olhos azuis, cabelos castanhos, e uma expressão de eterno cinismo. Vestia um jeans desbotado camiseta branca e jaqueta de couro, fazendo o gênero "juventude transviada".

— Sabe não se parece nada com um executivo — ela observou.

— Nem você — Rick replicou incerto.

— Acontece que eu não sou uma executiva. Você, sim.

Ele sorriu. Então o misterioso Sr. Potter era um executivo.

Adotando sua velha tática de que o ataque era a melhor defesa, perguntou:

— Por que acha que eu não me pareço com um executivo?

— Bem, você é muito... — Ellen calou-se, procurando o termo correto para descrevê-lo. O que poderia dizer? Que ele era muito sexy?

Muito perigoso? Confiante demais? — Você parece muito relaxado — ela improvisou.

— Relaxado? Essa foi a definição mais estranha que já ouvi...

— Esqueça. Isso não importa. Já preparamos sua cama. As acomodações são modestas, mas confortáveis, e nossos instrutores são imbatíveis. Infelizmente você perdeu a palestra introdutória, mas, se leu os prospectos que lhe demos, já deve ter uma idéia do trabalho que realizamos na Visão Interior.

— Olhe, eu confesso que não tive tempo de ler os prospectos. Por que não me explica em linhas gerais o funcionamento e as metas do centro?

— Ah, mais um apressadinho! — Ellen exclamou, balançando a cabeça.

— O quê?

— Apressadinho. Você não tem paciência para se concentrar em um assunto. É um problema comum aos recém-chegados. Mas não se preocupe; nós vamos mudar o seu jeito de ser e de pensar.

— O que é isso? — Rick inquiriu, desconfiado. — Um centro de lavagem cerebral?

— Claro que não.

— Então qual é o seu objetivo? Vai tentar me vender alguma coisa? Pretende me converter a alguma nova religião?

— Nada disso. Nós simplesmente vamos iniciá-lo em novas técnicas de auto-ajuda, para que aprenda a administrar seus problemas e o modo como se relaciona com as pessoas.

Administrar problemas e pessoas? Rick sabia que os administradores, aqueles sujeitos de terno e cabelo engomado, muitas vezes tinham que assistir a seminários sobre administração. Mas não conseguia atinar que utilidade um seminário desse gênero poderia ter para uma instituição como a Visão Interior.

Rick deu um suspiro. De qualquer modo, a julgar pelo passado de Ellen, ela nunca havia se envolvido com projetos que pudessem ser classificados como normais ou corriqueiros.

— Hum... Quer dizer que vocês dão seminários de administração aqui? — ele arriscou.

— Seminários de criatividade — Ellen corrigiu. — É mesmo uma pena que você não tenha lido nosso prospecto.

Ela fez uma pausa, tentando lembrar qual era o primeiro nome do novo hóspede.

— Nós somos muito informais e não costumamos chamar nossos alunos pelo sobrenome. Qual é o seu nome?

— Richard. Mas pode me chamar de Rick.

— Ok, Rick.

Agora Ellen tinha um nome para aquele homem sexy que, no momento, á observava com um interesse bastante suspeito. Ela franziu a testa.

— Eu realmente acho que deveria ler o prospecto do centro.

— Pois eu discordo. Uma explicação pessoal é muito mais agradável que uma brochura — ele murmurou com um sorriso devastador.

Ellen decidiu optar por um confronto direto.

— O que está olhando, Rick?

— O desenho na sua camiseta.

— Que desenho? Não estou vendo nenhum desenho — ela disse, sem entender. Baixou o rosto para examinar a própria roupa e não viu nada de mais... A não ser seus seios, que oscilavam ao ritmo de sua respiração entrecortada. Será que ele havia notado aquilo.

— Quer que eu lhe mostre? — Rick perguntou num tom sugestivo.

— Não é preciso. Diga-me apenas onde está o desenho.

— Está na camiseta toda.

Ellen percebeu pela primeira vez as marcas deixadas por seus indisciplinados alunos.

— Ah, refere-se às impressões digitais coloridas? Foram; pintadas a mão. Um presente de um de nossos hóspedes.

— Muito bonito — Rick elogiou, dando a impressão de que se referia ao que havia por baixo da camiseta.

Ele encarou-a por fim e disse:

— Então é só isso que fazem por aqui? Desenvolvem a criatividade com pinturas, arranjos florais e coisas do gênero?

A expressão condescendente dele irritou-a. No fundo, porém, Ellen estava perturbada pela reação que aquele Rick Potter despertava nela.

— Não, não é só isso que fazemos na Visão Interior — ela replicou.

— Ótimo.

Rick ficou satisfeito. Precisava-se; passar alguns dias preso naquele fim de mundo antes de levar a Srta. Redmond para Seattle esperava pelo menos se safar de ter que participar de aulas de pintura primitiva e artesanato. Seria absolutamente enfadonho, para dizer o mínimo.

— Temos cursos de pintura primitiva, escultura, tecelagem cerâmica

e muitos outros — esclareceu Ellen.

— Ótimo — Rick tornou a dizer dessa vez sem tanto entusiasmo.

— Não se preocupe. Você vai mudar sua maneira de ver o mundo muito antes do que imagina.

E você, Srta. Redmond vai voltar para Seattle muito antes do que imagina, Rick pensou com ironia. Sim, ele a levaria de volta para o berço dourado em que fora criada. Era só uma questão de descobrir a melhor forma de resgatá-la dali. Rick não se preocupava por não ter traçado nenhum plano de ação prévio. Preferia confiar em seus instintos. Aliás, seus instintos lhe diziam que aquele caso ainda poderia ficar muito interessante. Pelo menos, não ficaria entediado na companhia de uma mulher tão sensual como Ellen Redmond.

Embalado por esses pensamentos, ele a seguiu até o alojamento. Teve o cuidado de andar um pouco atrás dela para melhor apreciar a vista... Não o cenário montanhoso que os rodeava, mas as nádegas arrebitadas de Ellen, que a calça jeans moldava sem nenhuma discricção. Aquela mulher, Rick ponderou, realmente tinha um andar muito provocante. Valia a pena contemplá-la. Afinal, um andar sensual era também uma forma de arte: poesia em movimento, por assim dizer.

Pena que Ellen fosse filha de um cliente. Nunca se devia misturar trabalho e prazer, Rick pensou pesaroso.

Ela abriu a porta de um dos quartos e convidou-o a entrar.

— Aí está.

Rick seguiu-a e estudou o cômodo por um momento.

— Por que há quatro camas aqui?

— Cada quarto tem quatro ocupantes — Ellen esclareceu sorridente e apontou para uma porta a um canto. — O banheiro fica ali. Sua cama é aquela encostada na parede.

Se por um lado Rick apreciava a suave ondulação dos quadris dela, por outro, ele não estava gostando nem um pouco do jeito como Ellen lhe informara qual seria sua cama. Ela parecia uma professora mandando um aluno desobediente ficar de castigo. Rick admitia que não fosse lá muito obediente, e certamente estava tendo maus pensamentos a cada vez que a olhava, mas não era nenhuma criança.

— E o que você faz aqui, Ellen? Quero dizer, além de mostrar o quarto para os hóspedes...

Ela olhou-o por sobre o ombro. Suas pupilas se dilataram e sofreram sutis transformações.

Surpreso, Rick leu todas as emoções que desfilaram por aqueles

olhos castanhos. Primeiro; viu indignação, depois dúvida e por fim uma centelha de bom humor. Na verdade, era tão fácil perceber o que ia ao íntimo de Ellen, que ele se perguntou se ela não estaria apenas fingindo, tentando passar-se por uma mulher vulnerável que não era. Talvez fosse capaz de revelar tantas emoções justamente por não senti-las, Rick concluiu com o cinismo que lhe era peculiar.

— Bem, minha tarefa não se restringe a levar os hóspedes para suas acomodações. Eu gerencio a Visão Interior — ela respondeu após uma pausa.

— Que quer dizer com "gerencia"?

— Sou diretora do centro.

Rick encarou-a com ceticismo. A "Sra. Volúvel" administrando um empreendimento? Bem, se era mesmo assim, o centro não demoraria a fechar suas portas. Ele precisava checar alguns dados suplementares no histórico de Ellen Redmond.

— Não há nenhum quarto com telefone? — Rick sondou.

— Não. Se quiser fazer alguma ligação, pode usar o telefone público ao lado da recepção.

— Ah, claro...

Ele cerrou os maxilares. Como usaria o modem de seu computador portátil sem um telefone?

O computador era seu único elo com o mundo civilizado. Através dele, poderia comunicar-se com seu escritório, e, sobretudo, contatar as fontes de informação que lhe possibilitariam levantar novos dados sobre a filha de Howard Redmond, seu atual projeto e sobre um; certo Sr. Potter.

— Escute, eu não posso interromper meu trabalho. Fiquei de enviar alguns relatórios para minha empresa...

— Os participantes foram previamente avisados de que não haveria telefone nos quartos. Como eu disse, foi uma pena você não ter lido nosso prospecto, Rick.

— E o telefone na recepção?

— E de uso exclusivo de nossa equipe.

Ele daria um jeito de contornar aquele problema. A julgar pela displicência da "equipe", era provável que nem trancassem a recepção à noite. Não seria muito difícil usar o telefone do escritório às escondidas.

— Há quanto tempo está gerenciando este centro, Ellen? — ele perguntou casualmente.

— Comecei já há algum tempo, depois que tive a idéia de conciliar

seminários criativos para adultos e crianças.

— Crianças? Não pensei que também dessem cursos para crianças — Rick replicou, empalidecendo. Podia até imaginar legiões de meninos e meninas correndo sobre... Anatomia!

— Você pareceu ficar chocado — Ellen observou.

— Oh, claro, estou tremendo nas bases — ele confirmou com um sorriso sarcástico.

— Não precisa ficar na defensiva. É impressão minha ou ainda não tem filhos?

— Não. E também não sou casado.

— Isso eu não perguntei.

— Não. Mas ia perguntar.

Ela ignorou a expressão cínica dele e mudou de assunto:

— O jantar será servido em meia hora. O refeitório fica logo ao lado do prédio principal. A comida é caseira, você vai gostar. Preparamos pratos vegetarianos...

— Não servem carne? — Rick perguntou, com crescente irritação. Primeiro os telefones. Agora isso?

— Nós servimos carne para os que não suportam comer apenas verduras.

— Graças a Deus.

Rick suspirou aliviado. Mas sua alegria não durou muito.

— Obviamente nosso cardápio não inclui carne vermelha — Ellen frisou. — Só peixe e frango. Mas tenho certeza de que vai gostar da comida. Seguimos os padrões da Associação Americana do Coração.

Como diziam que ele nem ao menos tinha um coração, Rick nunca se preocupara muito com esse órgão em particular. Que diabo, já havia parado de fumar para preservar os pulmões. Pedir que deixasse de comer carne vermelha era demais. Quem quisesse que fizesse uma dieta à base de grama. Ele ainda preferia um bom bife sangrento. Era; evidente que teria que fazer algumas viagens à cidade mais próxima para complementar suas refeições...

— Pelo visto, vocês também não têm nenhuma televisão por aqui; certo?

Ellen encolheu os ombros com desprezo.

— E por que teríamos? Quem é que iria ver tevê num cenário como este, cheio de belezas naturais?

— Eu, por exemplo. O time dos Mets vai jogar contra os Giants hoje à noite. — Diante do olhar ausente dela, Rick acrescentou: — Você sabe

beisebol... Já ouviu falar de beisebol, não é?

— Claro. É um jogo onde um bando de homens uniformizados tenta rebaterem uma bola com um bastão. Na maioria das vezes falham.

— Beisebol é nosso esporte nacional.

— Eu sei. Triste, não? Bem, foi um prazer conversar com você, mas preciso voltar ao trabalho. Daqui a pouco, no refeitório, será apresentado aos seus companheiros de quarto e aos outros instrutores.

— Outros instrutores? Quer dizer que, além de gerenciar o centro, você dá aulas?

— Sim. E mostro os quartos para os hóspedes — ela completou, divertida. — Ok, eu também sou instrutora. Algum problema com isso?

— Não, não...

— Então por que esse espanto?

— Que espanto?

— Você ficou espantado com o fato de eu ser professora.

Rick censurou-se intimamente por seu descuido. Não podia deixá-la perceber quais eram suas verdadeiras impressões... E intenções.

Ellen era uma companhia agradável, mas o fato é que ele era o predador e ela, a presa. O trabalho de Rick consistia em apanhá-la, levá-la de volta ao papaizinho e receber o restante de seus honorários. Tudo muito simples.

Ele pensou nos cinco mil dólares que receberia ao encerrar o caso. Por aquela quantia, poderia muito bem agüentar alguns inconvenientes. Quanto à partida de beisebol daquela noite, teria que se arranjar com o rádio portátil que trouxera na mochila.

Já a questão de dividir o quarto com mais três pessoas... Não fazia isso desde que saíra da marinha. Na época não tinha gostado da experiência e era muito provável que não fosse mudar de opinião a essa altura da vida. Mesmo quando compartilhava o leito com alguma mulher, recusava-se a passar a noite ao lado de uma amante. Sempre voltava para casa depois das sessões amorosas, pois valorizava sua independência acima de tudo.

Ellen cruzou os braços e bateu o pé nervosamente.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta, Rick.

— Desculpe-me — ele disse com ar distraído. — Eu estava pensando em outra coisa. O que foi mesmo que me perguntou?

— Esqueça. Agora vou deixá-lo a sós com seus pensamentos e seus negócios.

Ele franziu as sobrancelhas. Que negócios? Após alguns segundos,

lembrou-se de que supostamente era um executivo. Ora, ora, a situação estava começando a ficar um pouco complicada naquele lugar. Era hora de recorrer ao velho charme para simplificar as coisas.

Muitas mulheres já lhe haviam dito que era um homem charmoso. Na verdade, elas diziam que ele conseguia ser um "canalha muito charmoso" quando queria. Talvez agora fosse o momento apropriado para exercitar seu charme e cativar Ellen.

— Fico contente de saber que é uma das instrutoras. Faço questão de me inscrever no seu curso. Tenho certeza de que é uma professora excelente — Rick falou num tom acariciante.

— Eu gostava mais quando você era ofensivo — Ellen replicou secamente. — Pelo menos, estava sendo autêntico. Não há nada que me desagrade mais que uma mentira.

Rick mordeu o lábio. Talvez estivesse um pouco fora de forma...

— Todo mundo mente, de um jeito ou de outro — declarou com rispidez.

— Pois eu não minto, não.

— Hum. E aposto que não bebe e não fala palavrões.

— Nem tanto. Sou capaz de xingar uma pessoa em seis idiomas, incluindo o dialeto mandarim.

— Incrível.

— Não posso negar que essa habilidade me foi bastante útil em algumas ocasiões.

— Que ocasiões? — Rick perguntou incapaz de resistir à curiosidade.

— Isso não é da sua conta. Bem, vejo-o no refeitório, Rick.

Depois que Ellen se foi, ele reviu mentalmente a contagem de pontos daquele caso: garota volúvel, um; detetive particular, zero. Mas o jogo ainda estava no início e ele ainda teria tempo de fazer muitas manobras para ganhar pontos.

CAPÍTULO III

Aquele sujeito definitivamente precisa aprender a ter mais educação! Reagiu como um porco chauvinista ao saber que sou instrutora... Como se eu não fosse qualificada! Bah! Eu poderia ensinar uma ou duas coisinhas àquele machista de meia-tigela! — Ellen murmurou consigo mesma enquanto voltava para o escritório.

Ela fez uma arrumação rápida na sala e saiu sem trancar a porta. O encontro com Rick a fizera pensar nos homens de sua vida.

Surpreendentemente, houvera muito poucos. Na verdade, apenas dois relacionamentos sérios.

O primeiro acontecera quando ainda estava na faculdade. Fora uma espécie de "relação-relâmpago", pois Ellen não tardara a descobrir que o rapaz só se interessava por seu dinheiro.

Depois ela conhecera Tim, com quem tivera um relacionamento bem mais longo e estável.

Entretanto, com o passar do tempo, Tim começara a pôr as asas de fora e fizera reiteradas tentativas de mudá-la. Queria que Ellen se encaixasse nos ideais e objetivos dele. O rompimento fora inevitável.

Os dois haviam se separado dois anos antes, quando ela decidira fundar a Visão Interior. Tim tivera o desplante de sugerir que deveria investir seu dinheiro no futuro de ambos e dera-lhe um ultimato. Ellen acabara optando por sua liberdade.

Ela meneou a cabeça. Homens! Sempre queriam fazer as coisas a seu modo. Rick era a prova viva disso. Não escapara a Ellen à expressão desconcertada dele quando lhe dissera que preferia ser tratada com rispidez a ouvir mentiras e adulações. Rick claramente esperava que ela fosse sucumbir aos seus encantos viris. Ridículo! Se havia uma coisa que não a atraía, era uma sedução vazia acompanhada de promessas vazias.

Felizmente Rick aprenderia uma ou duas coisas durante sua estada na Visão Interior. Bem, se não aprendesse, ela mesma se encarregaria de lhe dar uma lição!

Rick aproveitou para desfazer a mochila antes do jantar. Com gestos displicentes, socou nas três gavetas do armário tudo o que trouxera consigo: lâmina e creme de barbear, meias e cuecas limpas, um punhado de camisetas, dois jeans e uma bermuda. Depois se dirigiu ao refeitório.

Era um galpão com duas portas, uma em cada extremidade. Rick tinha por hábito localizar a saída assim que entrava em algum lugar. Era uma precaução instintiva que já o salvara de muitos apuros. Seu cérebro rapidamente registrou as características gerais do local: o chão era de cimento, havia longas mesas de madeira cobertas com toalhas vermelhas e quase todas as cadeiras já estavam ocupadas. A primeira pessoa que ele reconheceu foi a menina ruiva que usava "vocabulário anatômico correto". Num ato reflexo, Rick girou sobre os calcanhares e avançou em direção oposta.

— Ainda tem uma cadeira vaga nesta mesa. Se quiser, pode se

sentar conosco — disse uma mulher.

Ellen também estava naquela mesa e Rick não pensou duas vezes para aceitar o convite.

— Muito obrigado. Meu Nome é Rick Potter. Você é...?

— Sharon Thompson. Sou uma das instrutoras.

— Ah, ainda não conheço ninguém daqui. Cheguei só hoje e perdi a primeira palestra — ele explicou, com seu melhor sorriso.

Ao contrário de Ellen, Sharon respondeu ao seu charme da maneira esperada. Rick sentiu-se mais confiante. Uma pequena massagem no ego não fazia mal a ninguém.

Sharon parecia ter cerca de cinquenta anos. Vestia-se de forma mais conservadora que Ellen, o que não era muito difícil.

Tinha cabelos castanhos, cortados em fio reto à altura do pescoço. Sharon parecia; ser madura e segura de si; e Rick perguntou-se por que é que ela não gerenciava o centro.

No decorrer do jantar, sondou-a discretamente, aproveitando que Ellen se achava sentada na outra ponta da mesa e não podia ouvi-los.

— Então você era gerente de marketing, Sharon?

— Isso mesmo. Na época em que comecei a me especializar nessa área, não havia muitas mulheres trabalhando em marketing.

— E como você veio parar aqui?

— A vida agitada da cidade me cansou. Descobri que não era feliz e reavaliei minhas prioridades. Depois, uma grande amiga minha me aconselhou a abandonar tudo. Essa amiga era Ellen.

— Onde vocês duas se conheceram?

Sharon sorriu, pondo à mostra uma fileira de dentes alvos.

— Ah, essa é uma história muito curiosa. Ellen estava fazendo um piquete em frente à empresa de pesquisas biológicas onde eu trabalhava. O gerente de relações públicas havia abandonado o emprego e eu tive que cuidar da imprensa para evitar publicidade negativa. Saí do prédio e fui falar com Ellen. Ela me apresentou uma série de queixas sobre o tratamento dado aos animais usados em experiências nos laboratórios da firma. Transmiti suas queixas à diretoria que, é óbvio, não me deu nenhuma atenção. Mas, àquela altura, eu já havia me conscientizado que estava trabalhando para uma firma inescrupulosa. Pedi demissão um mês depois e me empreguei numa pequena empresa de informática de um amigo de Ellen.

Rick olhou-a com incredulidade e não se conteve:

— Quer dizer que deixou um emprego estável e um bom salário

para ir trabalhar numa empresa qualquer?

— Bem, essa "empresa qualquer" cresceu e hoje é a maior fabricante de computadores portáteis do país.

Ela disse-lhe o nome da empresa e Rick reconheceu a marca de seu próprio computador.

— E Ellen é amiga do dono dessa firma?

— Não só é amiga, como também é uma das maiores acionistas da empresa. Ela investiu quase todo o seu dinheiro logo que a firma foi inaugurada. Deu sorte, porque acabou tendo lucros fantásticos.

Rick já havia checado o crédito da Ellen e sabia que ela tinha estabilidade financeira. Pelo jeito, cometera um erro de cálculo ao supor que seu dinheiro tinha sido graciosamente dado pelo pai.

— Ainda trabalha nessa firma, Sharon?

— Sim. Mas tirei uma licença para desenvolver os seminários de administração da Visão Interior.

— Ah, então você é a encarregada dos famosos seminários de administração.

— Bem, eu diria que não pensamos em termos tão lineares.

— Como não? Ellen me contou que é diretora do centro.

Sharon lançou-lhe um olhar especulativo e observou:

— Então ela devia estar muito irritada para dizer isso.

— Por quê? Ellen não é a diretora?

— É sim. Mas não dá muita importância a cargos e hierarquias. O que você disse para irritá-la a tal ponto?

— Eu não disse nada de mais — Rick apressou-se em negar. — Por que pergunta?

— Ah, porque Ellen não perde a calma facilmente. Em geral, é muito controlada.

Após a refeição de frango grelhado acompanhado de salada verde, Rick começou a se sentir um pouco mais controlado também. As informações que arrancara de Sharon seriam muito úteis em sua missão de levar a filha do velho Redmond de volta ao lar. Ele já havia percebido que o dinheiro não seria a isca certa para agarrar seu peixe. Talvez fosse mais efetivo apelar para as emoções. Rick pressentia que Ellen tinha um fraco por histórias tristes e açucaradas. Precisava dar um jeito de aproximar-se dela.

Rick olhou-a insistentemente, tentando estabelecer um contato visual. Mas Ellen parecia disposta a ignorá-lo e deixou a mesa antes do fim da refeição.

— Ellen não consegue ficar muito tempo; parada — Sharon comentou ao notar o interesse dele.

— É o que parece — Rick concordou, lembrando-se dos diversos estados em que Ellen havia residido nos últimos anos.

— Minha amiga é uma mulher muito especial.

Rick assentiu, mas, no fundo, achava que diferente era a palavra mais apropriada para defini-la.

— Ela tem muitos amigos aqui — continuou Sharon. — Somos como uma grande família, e foi Ellen quem tornou isso possível. Veja Celeste, por exemplo. Conhece-há muito tempo, desde os tempos de faculdade.

Ele sorriu, satisfeito com o rumo da conversa, e indagou:

— Quem é Celeste?

— Aquela mulher de trança ali na outra mesa. O marido dela, Willy, é nosso cozinheiro. Eles têm cinco filhos, dois dos quais vivem em Seattle. Veja, a filha mais nova está sentada ao lado de Celeste.

— A menina ruiva?

— Ela mesma.

Então Celeste era a mãe hippie da ruivinha desbocada. Rick tentaria abordá-la quando a filha não estivesse por perto...

— Quantos instrutores há aqui?

— Cinco fixos. Os outros aparecem de tempos em tempos para dar cursos especiais. Vejamos... Além de mim, há Ellen, Celeste, Guido e Byron. Já os conheceu?

— Não — Rick respondeu sem pestanejar. Ele nunca se esqueceria de homens com nomes tão... Sonoros.

Guido mostrou ser tão memorável quanto seu nome. Rick demorou um pouco para se convencer de que aquele sujeito grandalhão era responsável pela criação das delicadas gravuras que Sharon exaltava. Guido dava a impressão de ser feito sob medida para um campeonato de boxe. Sua careca reluzia, assim como a minúscula argola de ouro que ostentava numa das orelhas.

— Você não se parece nem um pouco com um executivo — ele rosnou para Rick.

— Não? Que coincidência! Também não acho que você se parece com um pintor.

— Eu estava sentado perto de você durante o jantar e percebi que fez muitas perguntas a respeito de Ellen. Por que essa curiosidade toda?

— Bem... Ela é uma mulher muito bonita.

— Realmente. Mas não vá bancar o engraçadinho. Se magoá-la, eu

vou ficar muito, muito chateado. Hai capito?

— Sim, eu entendi... Vocês por acaso são muito... Íntimos?

— Ellen é como uma filha para mim — Guido respondeu, mastigando as palavras.

Naquele momento, Rick viu a ruivinha desbocada vindo em sua direção e tratou de encerrar a conversa o mais rápido possível:

— Bem, agora preciso ir. Até mais!

Rick procurou passar despercebido no meio da pequena multidão, mas a menina parecia ser equipada com um sonar e, poucos minutos depois, já estava apontando em sua direção, referindo-se a ele sabe-se lá em que termos "anatomicamente corretos"...

Já era hora de bater; em retirada Rick decidiu, e saiu chispando do refeitório. Quase tropeçou em um homem numa cadeira de rodas, que também estava de saída.

— Os mais velhos primeiro, meu rapaz — ele disse com um sorriso.

Rick segurou a porta para que ele passasse e em seguida disparou para a lateral do prédio. O homem ainda gritou-lhe:

— Vai tirar o pai da força?

Mas Rick não lhe deu ouvidos. Foi quando colidiu com... Ellen.

Soube que era ela no momento em que sentiu sua pele macia e perfumada. Ellen era como uma flor frágil em seus braços. Os instintos predatórios de Rick vieram então à tona. Tinha finalmente capturado sua presa...

Mas, de repente, Ellen ergueu o rosto para encará-lo e, por algum estranho motivo, ele é que se sentiu capturado. Parecia hipnotizado pela luminosidade daqueles olhos castanhos pousados nos seus. Magnetizado pela suave curva dos lábios dela. Por um lapso de segundo, os limites entre a presa e o predador ficaram em suspenso.

— Aonde vai com tanta pressa? — Ellen perguntou com voz entrecortada. — Tem alguém caçando você?

Para surpresa dela, Rick atirou um olhar por sobre o ombro antes de voltar a fitá-la. Sua expressão combinava um quê de pânico e apreensão. Ellen estava morrendo de curiosidade para saber o que poderia ter causado semelhante reação em um homem como Rick. Ficou na ponta dos pés e olhou por cima do ombro dele. Viu índia a poucos metros e franziu a testa.

— Você tem algo contra as crianças? — questionou, libertando-se de seus braços.

— Não... Desde que elas fiquem de boca fechada.

Foi com alívio que ele viu o sujeito na cadeira de rodas conversando com a ruivinha desbocada e avançando com ela na direção oposta.

— Esse é um conceito arcaico — Ellen ressaltou friamente.

— Então sou arcaico.

— É. Eu já tinha percebido isso.

— Não tenho tempo para crianças.

Ellen olhou-o exasperada.

— Conheço o tipo. E gente como você que acaba com a autoconfiança e a auto-estima de nossa juventude. O resultado é que cada vez mais as crianças e adolescentes vão buscar consolo no álcool, nas drogas, na promiscuidade e até mesmo no suicídio! Nós somos egoístas demais para dar-lhes atenção e fazê-las se sentirem queridas. Isso é um crime!

— Ei, calma! Por que o sermão?

— Estou apenas expressando minha opinião. O problema da juventude me afeta muito.

— Já percebi — Rick disse com secura. Perguntou-se o que mais a "afetaria", fazendo seus olhos cintilarem e suas faces ficarem coradas daquele modo.

Notando sua expressão intrigada, Ellen deu um suspiro.

— Tudo bem, eu acho que exagerei. Byron sempre diz que eu me envolvo demais com as coisas. — Como Rick não parecia saber de quem estava falando, ela esclareceu: — Você conhece Byron, não é? Eu os vi conversando à saída do refeitório.

— Ah... O sujeito na cadeira de rodas. Na verdade, nós não fomos apresentados.

Ellen fitou-o com ar de censura.

— Sabe, você poderia tentar ser mais sensível e expansivo.

— Eu sei. Já me disseram isso — Rick admitiu. Na realidade, uma namorada lhe dissera certa vez que tinha a sensibilidade de um bagre. Na ocasião, ele não dera muita importância para aquela declaração, porque as mulheres costumavam fazer estranhas afirmações quando se sentiam relegadas para segundo plano.

— Você não parece muito preocupado em desenvolver sua sensibilidade, Rick.

— E por que deveria? Eu sou como sou. Essas bobagens de psicologia e autoconsciência nunca me interessaram — ele argumentou, na defensiva.

— Provavelmente foi por isso que optou por uma profissão

desvinculada de valores mais humanos. Assim não tem que expor suas fraquezas íntimas.

— Acertou em cheio.

Aquilo não deixava de ser verdade. Como detetive particular, Rick não tinha que expor suas fraquezas, mas as das pessoas que investigava.

— Bem, fico contente que esteja feliz com seu trabalho — Ellen disse com simplicidade.

O comentário dela surpreendeu-o. Lá estava ele, preparado para entrar numa discussão... E Ellen o desarmava com um sorriso benevolente!

— Você está mesmo feliz, não é? — ela insistiu.

Ah, bem que tinha desconfiado! Rick pensou com seus botões. Aquela era a velha tática em que a caça tentava distrair o caçador.

— Claro que estou feliz — ele assegurou-lhe, lembrando-se dos cinco mil dólares que o esperavam em Seattle.

— Ótimo. Realmente fico contente que esteja feliz aqui. — Ellen deu-lhe um; tapinha no ombro. — Eu tinha certeza de que se adaptaria e acabaria gostando do nosso centro.

— Ei, espere aí! Eu não disse que estava feliz aqui...

— Tarde demais para voltar atrás. Isso foi um ato falho, será que não percebe? Até amanhã, Rick.

Com um aceno displicente, Ellen afastou-se.

Ele virou-se de um lado para outro na cama estreita. Parecia-lhe que demoraria ainda uma eternidade para a manhã chegar. Mal falara com seus três companheiros de quarto, que agora dormiam a sono solto. Melhor assim. Não tinha muito em comum com nenhum deles. Dois eram engenheiros e o terceiro ocupava um cargo qualquer de média chefia numa fábrica de desodorantes.

Rick suspeitava que fosse precisamente esse último que estivera roncando como um motor desregulado uma hora antes.

Para ser totalmente sincero, ele até preferia os roncos daquele sujeito ao terrível silêncio que agora reinava no alojamento. Era um silêncio que lhe dava nos nervos e lhe tirava o sono. Tentara ouvir rádio no fone de ouvido, mas só então percebera, tardiamente, que havia se esquecido de trazer pilhas.

O silêncio era pontilhado de estranhos ruídos que aumentavam ainda mais sua irritação. Rick não era o tipo de homem que se sentia bem fora de seu elemento. Claro, não tinha nada contra as maravilhas

da natureza, só que não via nenhuma utilidade prática no chamado mundo selvagem. Ele era uma criatura essencialmente urbana; nem de longe parecido com aqueles yuppies pseudo-ecológicos que ficavam arrebatados pelo ar das montanhas e pelas flores do campo. Rick gostava de fumaça, sirenes, crimes insolúveis e até mesmo do rugido dos caminhões de lixo. Qualquer coisa era melhor do que aquele silêncio infernal!

Ele passara a maior parte de sua vida em Seattle, mas, não obstante, não saberia dizer se existiam ou não ursos nas florestas do estado de Washington. Agora não conseguia definir o que significava aquele estranho barulho que se ouvia do lado de fora do quarto. Ah, com toda certeza não era um urso.

No máximo, um esquilo com insônia. Ou, quem sabe, apenas o som do vento nas copas das árvores...

Ora, que diabo, ele não pretendia ficar ali, sem conseguir dormir por causa de um par de estúpidas árvores! Murmurando uma sucessão incrível de pragas, Rick levantou-se e enfiou uma calça e uma camiseta. Se desse uma volta, talvez se acalmasse e finalmente pudesse pegar no sono.

Aliás, aproveitaria sua escapada noturna para telefonar ao velho Redmond.

A sorte estava do seu lado, e ele encontrou o escritório destrancado. De olho na porta, procurou o telefone do pai de Ellen em sua agenda e discou o número apressadamente.

Howard Redmond não pareceu ficar muito alegre em receber uma ligação à meia-noite e meia, e foi logo vociferando:

— Quem é?

— E Rick Dunbar. Encontrei sua filha.

— Quando vai trazê-la de volta para casa? — Redmond perguntou um pouco menos exaltado.

— Estou trabalhando nisso agora. Vou mantê-lo informado de todos os meus movimentos.

— Onde Ellen está?

Rick não precisou se esforçar muito para imaginar o velho indo até a Visão Interior para buscar a filha e "esquecendo-se" de pagar os cinco mil dólares que lhe devia.

— Ela está em alguma parte da região noroeste — Rick informou evasivo.

— Não poderia ser mais específico, meu rapaz? — Howard

perguntou com sarcasmo.

— Não.

— Ellen sabe quem você é e o que foi fazer aí?

— Também não.

— Bom. Ouvi dizer que tem jeito com as mulheres, Dunbar. Pois use suas habilidades para convencer minha filha a voltar para Seattle. Faça o que bem entender, mas traga-há em dez dias no máximo. Não lhe dou nem um minuto a mais.

— Por que a pressa?

— Já lhe disse. Perdi a paciência. Além disso, tenho minhas razões para querer que Ellen assuma uma parte da Redmond Imports muito em breve.

— Vai mesmo querer que uma mulher instável como ela assuma uma responsabilidade tão grande?

— Vou. Já estou cansado de vê-la desafiar minha autoridade.

— Ellen é maior de idade — Rick lembrou-lhe com ar de dúvida.

— Escute, isso é um problema meu certo? Você está sendo pago para fazer um trabalho. E muito simples. Se tiver segundas intenções diga; logo quais são.

— Longe de mim; ter segundas intenções, Sr. Redmond.

— Então pare de se preocupar com minhas motivações e trate de achar um meio de convencer Ellen a voltar para cá. Ela é apenas uma garota volúvel. Você não terá muito trabalho em tirá-la daí.

— Pode deixar — Rick assegurou-lhe sem muita convicção.

— Ótimo. Lance mão de todas as artimanhas que puder. Flerte com ela faça o que quiser, mas faça direito e convença-a a voltar para casa. Estamos entendidos?

Howard nem esperou por uma resposta. Tão logo terminou de falar, desligou o aparelho.

Faça o que quiser, mas faça direito. As palavras do velho Redmond ecoaram no cérebro de Rick. Que espécie de homem era aquele que dava carta branca para um sujeito seduzir sua própria filha? Pelo visto, Howard não era um tipo exatamente paternal. Em todo caso, não cabia a Rick julgá-lo, desde que pagasse seus honorários em dia.

Ellen não conseguia dormir. Estava sentada na varanda de seu quarto, com uma xícara de chá esquecida nas mãos. Provavelmente Celeste atribuiria sua agitação à chegada da lua cheia. Ellen, ao contrário, não hesitava em apontar Rick como o culpado por sua insônia. A lembrança do corpo firme dele pressionado contra o seu não lhe dava

paz. Ela já havia tentado de tudo para expulsá-lo da cabeça: fizera exercícios de ioga, entregara-se a uma profunda meditação e já estava no terceiro chá de camomila. Nada parecia acalmá-la. E isso não era bom sinal.

Enquanto olhava para o céu luminoso, ela tentou descobrir o que havia em Rick que a afetava tanto. Conhecera homens mais atraentes que ele... Bem, mais atraentes, talvez, mas nunca tão carismáticos. Conhecera homens mais refinados, mas nenhum tão inquietante. E, quando a categoria era sex appeal, Rick definitivamente ganhava de todos eles.

Era curioso, pois seu sex appeal não se baseava num rosto impecável ou em músculos proeminentes. Era uma qualidade sutil, que tinha qualquer coisa a ver com poder e autoconfiança e que se manifestava na maneira como ele andava, falava, sorria e olhava... Em suma, Rick parecia ter o dom de perturbá-la.

Ellen tampouco podia negar que algo muito estranho acontecia quando ele a tocava. Algo indefinível. Magia negra, atração, reação química... Quem saberia dizer? Ellen não apreciava a súbita aparição dele em sua vida. Não, nem um pouco...

Rick era demasiado seguro de si. Machista. Impetuoso. Bitolado. E certamente tinha todo jeito de ser dominador e castrador. Ellen já estava cansada de sujeitos como ele.

Depois que desligou o telefone, Rick aproveitou para examinar o arquivo do centro para pesquisar um pouco mais sobre o tal Sr. Potter por quem ele estava se fazendo passar. A ficha daquele ilustre desconhecido felizmente era vaga e sucinta. Nada de descrição física, estado civil ou idade, apenas um breve histórico profissional. Rick copiou alguns dados em sua agenda, desenhando garranchos que ninguém mais além dele seria capaz de ler. A principal anotação que deveria memorizar era que o Sr. Potter era diretor de finanças das indústrias Mol-Tech.

Rick recolocou a pasta no arquivo. Sorriu ao pensar na coincidência que lhe salvara a pele: providencialmente, o primeiro nome do Sr. Potter também era Richard.

— Dannazione! — Ellen praguejou em italiano quando a argila de mais um vaso em potencial se desmanchou na roda.

Estivera pensando em Rick, para variar, e, num segundo de distração, pusera todo o seu trabalho a perder.

O chá de camomila, a ioga e a meditação não tinham adiantado

nada para acalmá-la. Pelo visto, a cerâmica não seria muito mais eficaz. Ela tornou a praguejar dessa vez em chinês, e saiu da oficina de arte. Sabia quando se der por vencida e encaminhou-se para seu quarto. Ia revendo mentalmente a lista de itens que precisaria comprar no dia seguinte em Tacoma. Sua boca encheu-se de água quando ela pensou na visitinha que faria a uma das doceiras da cidade, onde vendiam uma torta de chocolate com sete camadas simplesmente divinas. E, por falar em tentação...

Nada mais natural que seus pensamentos se concentrassem de novo em Rick. Ora, mas ele realmente não era seu tipo. Diabos, então por que conseguia perturbá-la tanto? Seriam seus olhos azuis que tinham um brilho quase indecente? Ou o modo como seus lábios sempre se curvavam em um sorriso cínico?

Distraída, Ellen nem notou que havia alguém parado no meio do caminho. Quando deu por si, era tarde demais para evitar uma colisão. Levou um susto ainda maior ao constatar que era Rick.

Mais uma vez...

— Crikey! — ela murmurou, irritada. — Temos que parar de nos encontrar sempre aos trancos!

— Crikey? — Rick repetiu intrigado.

— É. Crikey, uma expressão que aprendi com um amigo inglês. Equivale mais ou menos a... Caramba! — Ellen esclareceu num tom didático.

— Você parece ter muitos amigos — ele observou.

— Não posso me queixar. Tenho amigos espalhados pelos quatro cantos do globo, sem contar às amigadas que fiz aqui, nos Estados Unidos.

— E sua família?

— Ora, meus amigos são minha família.

— Mas... Você não tem família?

— Não. Eu não sou casada.

— Hum... Não foi isso que perguntei.

— Eu sei. Mas ia perguntar, não é? — Ellen rebateu ironicamente, repetindo as palavras que ele lhe dissera naquela tarde.

Mas estava enganada. Rick sabia quase tudo a respeito dela, desde seu peso até a data de seu nascimento. Agora tudo o que ele precisava descobrir era a estratégia mais indicada para convencê-la a voltar para o papaizinho querido.

— Mas e a sua família de verdade, Ellen? — insistiu.

— O que tem ela?

— Bem, sua família é um assunto proibido? Um tabu ou qualquer coisa assim? — Rick gracejou. — Por que está desconversando?

— Eu não estou desconversando coisa nenhuma — Ellen protestou. Depois, acrescentou com a sinceridade que lhe era característica: — Bem, talvez eu tenha desconversado um pouco.

— Qual é o problema? Não se dá bem com sua família?

— Eu não me dou bem com meu pai. Como ele é meu único parente vivo, poderíamos dizer que eu não me dou bem com minha família. Papai acha que é o próprio Todo-Poderoso. Esse é seu maior defeito.

Ela torceu as mãos nervosamente e recuou um passo. Olhou-o intensamente e indagou:

— Como é que fomos entrar nesse assunto?

— Eu lhe perguntei sobre sua família.

— Então, se quiser continuar a conversa, é melhor fazer perguntas sobre outra coisa...

Ellen calou-se, achando graça quando um grande besouro pousou nas costas de Rick. Como um típico homem urbano, ele inclinou-se para frente, horrorizado. O movimento brusco fez com que seu rosto ficasse a pouquíssimos centímetros do dela. E, de repente, Ellen parou de sorrir...

No momento seguinte, Rick estava beijando-a com inesperado ardor. De início, Ellen ficou surpresa. Depois se sentiu tremendamente excitada. Não estava preparada para aquele beijo quase selvagem que lhe queimava os lábios e parecia intoxicá-la.

Ela parou de raciocinar. Como uma gata curiosa, deixou que suas mãos explorassem o corpo másculo comprimido contra o seu. Tateou o tórax musculoso e ali enterrou as unhas de leve.

Rick não a soltou e continuou a beijá-la. Ellen sentia-se um pouco tonta. Percebeu vagamente que as mãos dele escorregavam por suas costas e apalpavam-lhe as nádegas. Ela estremeceu com um arrepio.

— Vamos... Para o seu quarto — Rick sussurrou, mordiscando-lhe a orelha.

— O que... Quer dizer com "ir para meu quarto"? — Ellen perguntou ainda atordoada.

— Nós não podemos ir para meu quarto porque já tem gente demais lá.

Foi como se um raio a fulminasse. Saindo do transe, ela empurrou-o com toda força.

— Perdeu a cabeça se pensa que eu vou para a cama com você,

seu arrogante!

— Por que está tão furiosa? — Rick perguntou.

— Por causa da sua petulância! O fato de eu ter permitido que me beijasse...

— Ei, você também me beijou! — ele objetou.

— Tudo bem, tudo bem. O fato de ter retribuído ao seu beijo não significa que eu... Que você... Que nós...

— Fale logo.

— Está muito equivocado se acha que nós vamos para a cama depois de apenas um beijo...

— Então iremos depois de quantos beijos? — Rick interrompeu-a impaciente. — Eu estou querendo...

— Mas eu não — Ellen informou com secura.

— Pois estava querendo há um minuto.

— Eu queria beijar você. Existe um abismo entre beijar e dormir com alguém. Eu não me deito com todos os homens que beijo!

— Muito sensato. É preciso tomar cuidado com as doenças venéreas.

— É isso mesmo.

— Então o que fazemos agora? Trocamos nossos históricos médicos? — Rick inquiriu sarcasticamente.

— Não. Agora você volta para o alojamento e eu vou para meu quarto...

— Até esbarrar em mim de novo!

A segurança dele deixou-a fora de si.

— Parece que você tem mais autoconfiança do que discernimento, Rick. Considerando-se que é um mago das finanças, era de esperar que tivesse mais cérebro... E, portanto, mais consciência.

— Não preciso de mais consciência do que já tenho — ele replicou com um sorriso mordaz.

Ellen meneou a cabeça, perplexa.

— Sabe, é muito engraçado como se orgulha de ser insensível e autoconfiante.

— Eu nunca disse que era autoconfiante.

— Não. Quem está dizendo isso sou eu.

— Pois se engana.

— Verdade? Existe um ditado sobre autoconfiança...

— Aposto que é um obscuro provérbio de algum monge tibetano.

— Sinto desapontá-lo, mas é uma declaração feita por um jogador

de futebol dos Pittsburgh Steelers. Ele sempre dizia: "Os canhões vazios são os que fazem mais barulho".

— Ah, mas eu não faço muito barulho — Rick protestou com voz aveludada, imitando um monge. — Eu caminho em silêncio e carrego uma bengala muito, muito comprida...

— Então é hora de você e sua bengala irem em silêncio para o alojamento — Ellen contra-atacou, sem reprimir o riso.

Para espanto dela, viu-o sorrir também, um pouco desconcertado.

— Você tem senso de humor. Gosto disso numa mulher.

— E você tem autoconfiança demais. Não gosto disso num homem.

— Por quê? Prefere os homens humildes e submissos?

— Prefiro-os esclarecidos.

— Esclarecidos. E o que mais? Castrados e descerebrados?

— Só recorro à castração como último recurso — Ellen revidou impassível. — Boa noite, Rick.

Ela afastou-se rapidamente, deixando-o ali, plantado e boquiaberto.

Bela manobra, Rick pensou consigo mesmo. Ainda não conseguira atingir o alvo, mas tinha chegado muito perto disso.

E Ellen era uma adversária à altura, disse de si para si, lembrando o calor do beijo dela. Na verdade, Rick não havia planejado aquele inesperado desvio de rota. Mas, já que a coisa tinha acontecido, não abriria mão de enfrentar o desafio que Ellen representava como mulher.

Mais uma vez, ele fez mentalmente uma contagem de pontos: garota volúvel, dois; detetive particular, zero. Entretanto, ainda era muito cedo para começar a se preocupar.

Por uma razão inexplicável, Ellen sonhou o resto da noite com beisebol. Era a primeira vez que sonhava com algum esporte. Perguntaria a Celeste o que aquilo significava. Celeste sabia interpretar sonhos como ninguém.

Ellen pulou da cama e separou as roupas que iria vestir. Depois fez a posição de lótus e meditou durante meia hora. Aí, foi tirando a camisola de algodão, a lingerie; despojado que sempre usava nos dias da semana e as meias soquete. Enfiou-se debaixo do chuveiro e, ao primeiro contato com a umidade do Box, seus cabelos ficaram ainda mais rebeldes. Ela sentiu-se a própria nativa do Senegal. Enxugou-se com gestos vigorosos e vestiu uma legging azul-berrante e uma camiseta rosa choque larga. Prendeu uma faixa de seda pintada a mão na cintura e calçou meias de algodão e tênis de cano alto.

Depois foi vasculhar sua excêntrica coleção de bijuterias. Escolheu

um colar de contas azuis e brincos de guizos prateados. Por fim, incapaz de adiar o inevitável momento em que teria que dar um jeito em seu cabelo, começou a escová-lo cuidadosamente e colocou uma faixa de tecido azul-elétrico na cabeça. Passou um pouco de batom claro, feito de ingredientes naturais, borrifou colônia floral no pescoço e no colo e estava pronta. Total de tempo gasto: cinco minutos.

Ellen demorou-se à mesa do café da manhã, comendo várias fatias de torrada com geléia caseira, acompanhadas de chá de hortelã. Só depois é que foi ao escritório.

Caridade já estava lá, à sua espera.

— Como está Raio de Sol? Melhorou? — Ellen perguntou.

— A febre dela baixou. Felizmente! Eu levei o maior susto ontem!

— Ah, eu sei. Não é fácil ser mãe, certo?

A secretária deu um suspiro e sorriu.

— Não é mesmo. Mas também não foi fácil bancar a dançarina exótica no Arizona e, no final das contas, eu sobrevivi. Nunca me cansarei de agradecê-la por ter me oferecido este emprego. Acho que eu não teria suportado ficar mais tempo dançando naquele bar.

— Hum... O bar podia não ser lá essas coisas, mas você era uma dançarina muito talentosa.

— Obrigada. Infelizmente os fregueses do bar não estavam lá para apreciar minhas coreografias. Depois, Billy Jo me abandonou quando soube que eu estava grávida. Eu não saberia o que fazer se você não tivesse me ajudado.

Ellen abraçou-a de modo confortador.

— Agora você faz parte da nossa família, Caridade.

— Ainda não sei se todos aceitam meu passado com a mesma naturalidade que você.

— Como assim? — Ellen perguntou, sem entender.

— Byron. Ele me ignora o tempo todo e mal fala comigo.

— Ora, ele é meio introvertido mesmo. Mas não é; preconceituoso, eu lhe garanto.

— É uma pena. Eu queria me dar bem com todo mundo do centro.

— Caridade fez uma pausa, como se já tivesse falado mais do que devia, e mudou de assunto: — Ah, já ia me esquecendo de dizer, a porta do escritório estava destrancada quando cheguei esta manhã.

— Helvete! — Ellen praguejou agora em sueco, e olhou instintivamente para o computador e a máquina de Xerox, a fim de se certificar de que não haviam sido furtados. — Aposto que me esqueci de

trancar a sala ontem à noite. Você não deu por falta de nada, deu?

— Não. Está aparentemente tudo em ordem. Aliás, por falar nisso, o Sr. Potter já chegou?

— Rick Potter? Já. Perdeu a palestra introdutória, mas parece ser o tipo que aprende as coisas rápidas.

E também parece ser o tipo que não perde tempo para agir, a julgar pelo desprazo que teve de me beijar ontem, ela completou silenciosamente.

Em sua primeira aula matinal, Rick manteve uma postura de displicência, sem prestar muita atenção à dissertação de Sharon sobre o problema da criatividade na solução dos problemas diários.

Não entendia direito qual era a grande questão que ela martelava sem parar. Em sua opinião, se existia um problema, era preciso resolvê-lo com objetividade e ponto final. O que a criatividade tinha a ver com isso?

Em breve, a mente dele vagou para longe da aula e Rick começou a repassar tudo o que sabia sobre Ellen até aquele momento. Primeiro, ela não gostava do pai. Mas isso não era nenhuma novidade. Se Ellen e o velho Redmond se dessem bem, não teria sido necessário contratar seus serviços de detetive. Em segundo lugar... O beijo dela era como dinamite pura!

Rick tinha plena consciência de que fora precipitado demais na noite anterior. Devia estar fora; de si quando propusera que fossem para o quarto. Convencer Ellen a voltar para Seattle era uma coisa. Dormir com ela era outra totalmente diferente.

A despeito da carta branca que o velho Redmond lhe dera, Rick não ignorava que não devia se exceder. Precisava manter a mente lúcida e cuidar de seus próprios interesses. Afinal, quem é que não sabia que negócios e prazer não se misturavam?

Tudo o que ele tinha a fazer era executar seu trabalho. O problema é que estava começando a desconfiar que não fosse tão fácil manipular Ellen para alcançar seus objetivos. Ela era incrivelmente teimosa. E independente demais. Até ali, todas as tentativas que ele fizera para adulá-la tinham redundado num completo fracasso... E no impulso desatinado de tomá-la nos braços e beijá-la até perder o fôlego.

Ellen o desafiava abertamente. Tudo nela era um desafio. Desde o modo como andava até seu humor irreverente. A primeira vez em que ele tentara cativá-la com palavras doces, Ellen surpreendera-o ao dizer que preferia sua rispidez a mentiras açucaradas. Pelo menos, sua

rispidez era mais verdadeira, ela argumentara.

Pois Rick há muito não sabia o que era dizer a verdade. Na sua profissão, tinha que ser ágil astuto e inflexível.

Ele se mexeu na cadeira, pouco à vontade. Aquela não era uma boa hora para fazer uma análise de consciência e reavaliar sua vida. Ellen era a culpada por fazê-lo pensar bobagens. Ora, de qualquer forma, o que ela sabia sobre a realidade? Não passava de uma dondoca criada em berço de ouro. Ellen provavelmente nunca tivera que lutar por nada. Ele, sim. Nada tinha vindo de mão; beijada para ele. Incluindo aquele caso. Mas haveria de resolvê-lo. Essa era a sua prioridade no momento.

— Não sei como fazer isso. Nunca vou conseguir! — Jordan choramingou.

— Mas pode aprender — Ellen disse num tom encorajador.

— Não, não posso — o menino de oito anos teimou.

— Por que não?

— Porque não sou esperto.

— E quem foi que disse isso?

— Minha professora e meus colegas de classe. Todos dizem que sou um tapado.

Ela sorriu. Lembrava-se de alguns professores que a haviam acusado de ter QI deficiente e outras coisas menos lisonjeiras quando tinha nove ou dez anos. E tudo porque se recusava a cumprir cegamente as ordens que lhe davam.

Muitas das crianças que estudavam no seu centro vinham por indicação de agências. Outras procuravam a Visão Interior por recomendação de amigos ou conhecidos. A maioria delas era criada por mães sozinhas, que tinham que trabalhar o dia inteiro para sustentar os filhos. Não eram poucos os alunos que passavam a semana toda lá, sendo tutelados por Celeste e Willy. Mas todos estavam lá pela mesma razão: precisavam de orientação e cuidados, de alguém que os ajudasse a ter mais auto-estima e confiança.

Ellen se orgulhava de seu programa especial para educação infantil, formulado graças ao Magistério que ela fizera contra a vontade do pai. Ele insistia que deveria seguir seus passos e entrar no mundo dos negócios. Como Ellen se recusara a obedecê-lo, tivera sua mesada cortada. Dada a situação financeira do pai, fora-lhe impossível conseguir uma bolsa de estudos. Conseguira pagar o curso a muito custo, com o salário que recebia como garçoneiro no bar onde trabalhava no período noturno. Para sobreviver, sujeitara-se a dividir um quarto com mais seis

colegas de classe. Depois de se formar, ela fizera um rápido estágio numa escola pública de San Francisco. A falta de verbas desiludira-a de uma vez por todas. Ainda se lembrava de quando solicitara livros novos para aprimorar as aulas de redação. "Os alunos mal sabem diferenciar prosa de poesia. Por que comprar mais livros para eles?", dissera-lhe o diretor da escola, um careca barrigudo que tinha uma visão do mundo tão profunda quanto uma poça d'água.

Nos anos subseqüentes, Ellen fizera de tudo um pouco. Sabia que o pai desaprovava sua "volubilidade", como ele costumava dizer. Mas, a despeito de todas as tentativas de sabotagem do pai, Ellen não entrara para a Redmond Imports e prosseguira com seus projetos. Ao contrário do pai, ela dava mais importância às pessoas do que às coisas materiais.

Fora um longo caminho, Ellen pensou, com um suspiro. Mas valera a pena. Se não tivesse lutado para concretizar seus sonhos, a Visão Interior não existiria. Bem, agora lá estava ela, cuidando de quatro alunos enquanto Celeste se encarregava dos outros três da classe. A matéria do dia era tecelagem.

— Pois eu não acho que você seja um "tapado", Jordan — Ellen disse com um sorriso. — Além do mais, esta não é uma escola convencional. Nós estamos apenas fazendo experiências com pintura, desenho e artesanato. Somos uma espécie de exploradores. Não estamos preocupados em ganhar ou perder. Levamos tudo na brincadeira, por isso, não precisa se preocupar.

— Brincadeira? Mas vocês não têm nem televisão e vídeo games aqui. Como conseguem brincar?

Ellen afagou-lhe a cabeça e seu sorriso se alargou.

— Ah, isso é fácil. Preste atenção... Marta venha cá. Olhe, vou mostrar uma coisa para vocês. O bom da arte é que não existe o certo e o errado. Tudo é válido.

— Não entendi. Se não existe certo e errado, por que não nos deixou pintar o cabelo de Marta na aula de ontem? — o precoce Larry perguntou.

— Porque Marta não queria que pintassem seu cabelo — Ellen explicou.

— Mas eu queria que pintassem o meu cabelo — atalhou Bob, o mais irrequieto da classe.

— Eu também! — Jordan declarou, para não discordar do líder da turma.

— Está bem. Conforme for, poderemos pintar seus cabelos da próxima vez. Mas agora vamos olhar o espelho — Ellen disse.

— Para quê? — perguntou um aluno chamado Jason.

— Deve ser para ver como o seu cabelo fica pintado de verde — Larry esclareceu.

Ellen fez um gesto negativo e propôs:

— Lembra-se das pinturas que lhes mostrei ontem? Aqueles auto-retratos que vários artistas fizeram? Pois então. Havia um Picasso, um Rembrandt, um Van Gogh e muitos outros...

— Eu gostei daquele cara que arrancou a própria orelha — Bob comentou. — Aposto que sangrou para valer. Uma vez cortei a orelha na quina de uma mesa e o sangue esguichou na parede.

A pobre Marta, que tinha o tique de ficar enrolando o cabelo na ponta do dedo, arregalou os olhinhos azuis, aterrorizada.

— Que tal se cada um de vocês fizesse um auto-retrato? — Ellen apressou-se em sugerir, para mudar o rumo daquela conversa.

Os auto-retratos eram a melhor maneira de mostrar como as crianças viam a si mesmas. Desenhavam-se mãos frágeis, isso poderia ser um indício de desamparo. Já uma boca pequena indicava que a criança achava que o que dizia não era importante.

— Ah, eu não quero... Não sou bom em desenho — disse Jordan.

— Então vou ajudar você. Olhe-se no espelho e me diga o que vê — Ellen falou, posicionando o espelho diante dele.

— Ora, estou vendo eu mesmo.

— Ótimo. Agora tudo o que tem a fazer é copiar o que está vendo. Lembra-se daquela nossa aula sobre linhas e curvas, quadrados e círculos?

— Eu gosto daqueles círculos que parecem ovos — entreviu Larry.

— Ovais — Ellen corrigiu.

— Isso mesmo. Meu rosto é oval. — Ele desenhou uma oval numa folha de papel e mostrou-a a Ellen. — Aqui está. Sou um artista!

O entusiasmo de Larry contagiou os outros três, que começaram a tentar reproduzir o formato de seu rosto.

No final da aula, cada criança havia completado seu desenho. O auto-retrato de Bob tinha uma orelha só. O de Marta mostrava uma menina de pernas compridas e mãos pequenas, com um dos polegares enfiado na boca. O auto-retrato de Larry era coloridíssimo. Quanto a Jordan, tinha conseguido fazer um desenho muito parecido consigo mesmo, e era evidente que estava bastante satisfeito com o resultado.

— Até que não me saí mal — ele murmurou contente.

— Isso mesmo, Jordan. Você não é bobo. Aliás, nenhum de meus alunos é — Ellen disse, enxugando disfarçadamente uma lágrima de alegria.

Rick a viu antes que Ellen o visse. A vidraça da janela atenuava suas feições, fazendo-a parecer com uma miragem. Rick imediatamente ficou alarmado diante desse pensamento. Que diabo estava acontecendo com ele? De onde tinha tirado uma observação tão sentimentalóide?

Ficou olhando-a enquanto ela acariciava os cabelos de um garotinho. Pelo visto, levava jeito com as crianças. Bem, e daí? Rick perguntou a si mesmo, irritado. Aquela altura da vida, já não tinha mais ilusões quanto à bondade das pessoas.

Para ele, os finais felizes só existiam nos livros de ficção e no cinema. Apertou os dentes e recusou-se a ficar comovido com aquela cena da professora que agradava o aluno ingênuo.

Naquele instante, Ellen virou-se em sua direção e o viu. Rick estava de cenho franzido. Ela se perguntou qual seria o problema agora. Também franziu a testa, de modo caricatural, e em seguida sorriu, acenando-lhe para que se aproximasse.

— O que está fazendo aqui?

— Tenho um intervalo de vinte minutos — Rick respondeu com uma careta.

— Nossa! Fala como se estivesse numa prisão!

— Pois é exatamente assim que me sinto.

— Você é mesmo um prisioneiro? — Bob perguntou interessadíssimo. — Meu pai está na penitenciária. Talvez o conheça. Ele é...

— Eu estava só brincando — Rick replicou para evitar mais algum mal-entendido.

— Rick não é um prisioneiro, Bob. Ele é um executivo da área de finanças — Ellen explicou.

O menino lançou-lhe um olhar desapontado e afastou-se para ficar com os colegas.

— Por que não se senta conosco durante o seu intervalo? — Ellen convidou.

Rick não esperou segunda ordem e acomodou-se na cadeira mais próxima. Ficou olhando-a conversar com as crianças e não demorou a tecer as mais loucas fantasias sobre sua boca carnuda, macia e

altamente desejável... A mera lembrança de seu beijo fazia-o estremecer involuntariamente e querer mais...

Ele mal notou quando os alunos deixaram a classe e Ellen postou-se à sua frente.

— No que está pensando? Em estatísticas? — ela provocou. Quem lhe dera! Ele só conseguia pensar em beijar cada centímetro do corpo de Ellen.

— Você não se sente realmente como um prisioneiro aqui, não é?

— Um prisioneiro pagante definiria bem minha situação — Rick resmungou.

— Ora, pare de reclamar. Sua empresa poderia tê-lo mandado fazer um curso de sobrevivência na selva ou algo do gênero. Não teria sido muito pior?

— Ei, do que está falando? Por acaso esse é um novo jeito de os patrões liquidarem seus funcionários? Pois certamente dá uma nova dimensão ao termo — ele tornou a resmungar, mas dessa vez não pôde evitar um sorriso.

Ellen riu do comentário sarcástico.

— Não há motivo para inquietar-se. Esses cursos são supervisionados por profissionais competentes e garantem a segurança dos participantes. É uma espécie de rito de passagem com o objetivo de ensinar às pessoas, incluindo os patrões, que às vezes é bom correr riscos.

— Eu corro riscos o tempo todo.

— Não, não é só uma questão de se arriscar. E preciso ter fé e um senso de coletividade.

— Fé? Ora, isso é coisa de covardes e idiotas. O melhor a fazer é aceitar a realidade como ela é e parar de se iludir. Cada um por si, essa é a lei da selva. Se você conseguir aprendê-la, já terá ganhado muitos pontos.

— Ah, não concordo com você. Tem muita gente boa nesse mundo. O truque é saber encontrá-las. Ou deixar que elas encontrem você.

— Quer dizer que acredita em fadas e no Papai Noel, certo?

— Certo — Ellen confirmou, sem se abalar com a mordacidade dele. — Você não acredita?

— Para mim tudo isso não passa de contos infantis. Também não fico muito convencido com finais felizes. Aliás, sempre fui assim.

— Isso é muito triste.

— E isso aí. Sou mesmo um caso perdido — Rick assentiu sempre

irônico.

Ellen fitou-o por um momento e refletiu.

— Hum... Confiante demais, insensível e agora um cético que não acredita nas pessoas. — Ela balançou a cabeça lentamente. — Vamos ter que trabalhar muito com você.

— O que pretende? — Rick inquiriu com todos os sentidos alerta.

— Eu ainda acho que você tem conserto. Pode me chamar de maluca, mas não vou desistir tão facilmente de expandir seus horizontes.

— Isso é um elogio?

— Claro. Você deveria ficar lisonjeado; e muito honrado com meu interesse.

Rick esboçou outro de seus sorrisos devastadores que faziam Ellen; tremer nas bases.

— Ok então. Agora fiquei interessado no seu interesse. Posso concluir que está disposta a continuar aquilo que interrompemos ontem à noite?

— De jeito nenhum. Meu interesse é estritamente profissional.

— Mentirosa — ele sussurrou com fala macia. — Seu interesse é estritamente pessoal.

— Seu ego está ficando muito atrevido de novo, Rick. — Ellen pousou a mão em sua boca para impedi-lo de protestar. — E antes que diga que gostaria de me mostrar outras coisas além do seu ego, é melhor eu adverti-lo de que...

Ellen sentiu a língua dele na palma da mão e esqueceu-se completamente do que ia dizer.

Desconcertada, recolheu a mão com um movimento abrupto.

Rick fitou-a com um olhar malicioso.

— É melhor me advertir de quê? — murmurou.

— Nada. Você já sabe mais do que deveria.

Ela crispou a mão, sentindo-a formigar como se tivesse levado um choque de duzentos volts...

— Ainda acha que precisa trabalhar muito no meu caso?

— Definitivamente sim.

— E pensa que é mulher para isso? — Rick atçou.

— Ah, sou. A questão é: você é homem o bastante?

— É impressão minha ou está me testando? Quer saber se sou homem bastante?

— Claro. Prove que é homem... E assista à minha aula de desenho amanhã, durante suas horas livres.

Rick segurou-lhe a mão e deixou que seus dedos deslizassem sugestivamente entre os dela.

Aquele mero contato era surpreendentemente erótico.

— Está se oferecendo para me dar aulas particulares, professora?

— Não. Estou lhe oferecendo uma chance de recuperar sua infância perdida.

— Ah, não, muito obrigado. — Ele soltou a mão de Ellen e deu um passo para trás. — Não tenho nenhum prazer em recordar minha infância.

— Por quê? Foi tão ruim assim? — ela perguntou com doçura.

Rick soube de imediato que aquela era a chave para ganhar a confiança de Ellen. Vacilou, entretanto... Mas por que vacilava, com os diabos? Tinha um trabalho a fazer e não podia se deixar levar pelo sentimentalismo.

— Ruim? — Rick repetiu. — Minha mãe morreu quando eu tinha treze anos e meu pai se embabadou até morrer também. Isso responde à sua pergunta?

— Sinto muito. Também perdi minha mãe quando tinha oito anos. Ainda sinto muita falta dela, mas já não consigo me lembrar muito bem do seu rosto. Meu pai queimou todas as fotografias dela.

— Engraçado. Meu pai fez a mesma coisa.

— Sêrio?

— Sêrio.

Pela primeira vez desde que chegara ali, ele não estava mentindo. O alcoolismo do pai dera cabo de todo o dinheiro que tinham. E das poucas fotografias de sua mãe também. Não era à toa que ele não acreditava em finais felizes.

— Bem, parece que temos alguma coisa em comum afinal — Ellen observou em voz baixa.

— É, parece que sim — Rick concordou, perguntando-se por que ainda sentia uma ponta de remorso quando nem sequer havia mentido. Ele finalmente estava fazendo progressos com Ellen.

Deveria estar celebrando sua pequena vitória.

Ela notou sua fisionomia contraída e perguntou:

— Tudo bem com você?

— Tudo bem. Não é nada que eu não possa solucionar.

— O intervalo acabou — ela disse, consultando o relógio. — Gostei da nossa conversa.

Rick sentiu uma opressão no peito e forçou-se a manter o

autocontrole. Cercar Ellen enganá-la e até beijá-la era admissível. Mas deixar que ela compartilhasse seus segredos mais íntimos estava fora de questão!

Ele provavelmente estava muito cansado. Só podia ser isso, dormira pouco na noite anterior.

E tudo por culpa das malditas árvores, para não mencionar o beijo eletrizante de Ellen! Sim, era só o cansaço...

Depois de diagnosticar suas emoções, Rick sentiu-se bem melhor.

— Também gostei da nossa conversa — disse com sinceridade.

Mais uma vez, ele não estava mentindo. Pois fora graças àquela conversa que conseguira finalmente derrubar as defesas dela.

Naquela noite Rick sentiu-se novamente irrequieto. Tudo por culpa das malditas árvores!

Mais uma vez, ele saiu para dar uma volta... Ou fazer uma ronda, como seria mais apropriado dizer em vista do modo furtivo com que deslizava na escuridão, fundindo-se às sombras e caminhando com o andar macio de um gato. Não foi sem pesar que ele evitasse passar em frente ao alojamento de Ellen. Mas precisava resistir a certas tentações...

A calma reinava em todo o centro. Dava até impressão de que a madrugada já ia avançada, apesar de ser apenas dez horas, Rick observou com reprovação. Foi aí que ouviu uma gargalhada quebrando o silêncio da noite. Curioso, quis checar a procedência daquela risada que destoava do clima geral de tranqüilidade.

Havia movimento num dos dormitórios menores. A porta estava aberta e, através da tela contra mosquitos, a luz acesa recortava um retângulo amarelo no chão. No interior do cômodo, Rick avistou Willy, Guido e o sujeito de cadeira de rodas... Byron, ele corrigiu-se.

Pela primeira vez, Rick notou que os cabelos de Byron eram pretos e estavam presos em um rabo-de-cavalo um tanto quanto longo. Na verdade, antes só havia prestado atenção à sua cadeira de rodas, se é que se poderia chamar de atenção o breve relance que ele dera à cadeira ao fugir da ruivinha desbocada.

— Pode entrar Rick — Byron gritou-lhe.

Rick ficou espantado de ele tê-lo enxergado no escuro. E ficou ainda mais espantado quando viu uma pilha de notas sobre a mesa diante de Byron.

— Quais são as regras do jogo, rapazes? — perguntou, forçando um tom jovial.

— Depende. Quais são as suas regras? — Guido replicou.

Seguiu-se um pequeno debate e Rick sentou-se à mesa com os outros três.

— Cada jogo vale cinco dólares — Guido informou.

— Tudo bem — Rick assentiu.

— Mas todo o dinheiro ganho deve ser doado à sua instituição de caridade favorita — Byron alertou.

Rick era sua própria instituição de caridade favorita.

— Tudo bem — tornou a dizer. — Agora vamos jogar ou conversar a noite inteira?

— Não sei se é sensato jogar com um gênio dos números. Talvez ele tenha algum sistema matemático para vencer as partidas — Guido objetou.

— Não se preocupe. Eu só jogo por instinto — Rick tranquilizou-o.

— Até parece que iria nos revelar suas artimanhas. Onde é que você trabalha mesmo?

— Na Mol-Tech. Ora, vamos, amigos. Qual é o problema? Só estou interessado em jogar uma partidinha amigável de pôquer. Por que tanta desconfiança?

— Não sei, não. Eu diria que você tem outros; interesses... Numa certa pessoa, por exemplo.

Rick sorriu bem-humorado.

— Será que vocês podiam dar um tempo? Que tal se; jogássemos uma partida amistosa, sem conversas paralelas? Parece até que estão com receio de jogar comigo!

— Bem, eu não me importaria de aliviar seu bolso de algumas notas — Byron declarou, dando uma piscadela.

— Nem eu — Guido grunhiu. — Vamos embaralhar as cartas.

— Estou lhe dizendo, Rick não se parece com nenhum executivo que eu já tenha conhecido — Ellen insistiu.

— Não se deve julgar um livro só pela capa — Celeste declarou.

— Sim, mas a capa dele é realmente muito atrativa!

— Sou forçada a concordar. Se gostar do tipo rude, Rick é o homem certo para você.

— Geralmente eu nem gosto de tipos como ele. Prefiro homens morenos, altos e falantes...

Ellen interrompeu-se, ciente de que Rick era tudo isso, e um pouco mais... Distraída, tomou um grande gole de chá fervente, que quase lhe escaldou a boca.

— Ach du leiber Gottl — exclamou.

— Você está bem? — Celeste perguntou-lhe, franzindo a testa.

— Estou.

Ellen fora aquela tarde para Tacoma e, cumprindo sua promessa, trouxera uma imensa torta de chocolate. Absorta em seus pensamentos mordiscou indolentemente um pedaço da torta.

— Estava me dizendo que Rick não fazia seu tipo, mas...? — Celeste recapitulou.

— Hum... — Ellen limpou a boca e tomou outro gole de chá, dessa vez com todo cuidado. — Aquele homem tem alguma coisa que me deixa; louca.

— E o que seria? A loção pós-barba?

— Não. Ele não usa loção.

— Ah, então você reparou até nisso.

Ellen olhou através da janela com ar sonhador.

— Rick tem alguma coisa muito especial... E não é só a aparência.

— Realmente, você já conheceu alguns homens bastante atraentes e, que eu me lembre, não deu a mínima para eles — Celeste observou.

— Eu sei. — Ela suspirou e deu mais uma mordida na torta de chocolate. — Mas como é que posso explicar a reação química que acontece entre mim e Rick? Ah, é inexplicável... Só me resta fugir dele enquanto ainda é tempo.

— Por quê? Do que tem medo?

— De me apegar a ele. De me machucar...

— Se Rick magoá-la, Guido dará um jeito nele — Celeste frisou.

Ellen pareceu cair das nuvens. Contrariada, olhou a amiga por um instante.

— Pensei que Guido já tivesse parado com essa mania de me proteger.

Celeste encolheu os ombros.

— Até parece que não conhece o Guido. Ele se preocupa muito com você.

— Sim, só que ele me prometeu que não interferiria mais na minha vida.

— Da mesma forma como prometeu que não comeria mais doces? Pois eu lhe digo que ele come chocolates o tempo todo!

— Quem come chocolates o tempo todo? — Guido perguntou, cruzando a soleira da porta, seguido pelos companheiros.

— Pois adivinhe! Você mesmo. Quem mais poderia ser? — Ellen respondeu, rindo.

Ela notou imediatamente que Rick estava atrás de Byron. Seu coração disparou, e teve que respirar fundo para não revelar as emoções desencontradas que a tomaram de assalto.

— Sinto informar, mas cortei os doces do meu cardápio há muito tempo — Guido defendeu-se.

— Ah, se você soubesse o mal que o açúcar branco faz ao organismo! — interveio Celeste.

— Não sei e nem quero saber. — Ele lançou um olhar reprovador para a torta sobre a mesa. — E desde quando tortas de chocolate fazem parte de uma dieta saudável e balanceada?

— Isso não vem ao caso. É de você que estamos falando — Ellen desconversou.

Celeste olhou para os bolsos do marido e inquiriu:

— Quanto dinheiro perdeu esta noite, Willy?

— Vinte dólares, que serão doados à Associação Hábitat para a Humanidade.

— E você, Rick? — Ellen perguntou.

— Não perdi nada.

— Como foi que entrou no jogo?

— Byron me convidou para uma partida.

Ela olhou o amigo na cadeira de rodas e franziu a testa.

— Desde quando você convida nossos hóspedes para jogar pôquer?

Byron ergueu a mão em sinal de protesto.

— Ei, Rick estava parado à porta do meu quarto com ar de cachorro abandonado e fiquei com pena dele.

— Foi muito bom. Lá onde moro jogo pôquer com meus amigos todas as quartas à noite — Rick disse.

— Eu também teria participado hoje, se os rapazes não tivessem me expulsado do grupo de jogo — Ellen comentou com uma careta.

— Por que a expulsaram? Você os deixa loucos com suas perguntas analíticas? Ou será que não consegue acompanhar uma partida até o fim?

Ela esboçou um sorriso maroto e virou-se para Byron.

— Posso contar ou é segredo?

— Nós a excluimos do jogo porque Ellen sempre ganha! — Byron viu-se obrigado a confessar.

— Pois, se ela quiser, podemos jogar até eu perder minhas calças — Rick provocou, olhando-a com malícia.

— Não, muito obrigada — Ellen retrucou.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Veremos...

— É isso mesmo. Você vai ver — ela fez questão de ressaltar. Sentindo-se acuada diante do olhar ávido que Rick lhe dirigia, empurrou a cadeira e levantou-se. — Enquanto isso, eu farei outro bule de chá.

— Vou com você — ele se ofereceu.

— Não há necessidade...

Mas seu protesto foi em vão. Numa fração de segundo, Rick estava á seu lado.

— Há necessidade, sim — sussurrou-lhe.

— E aposto que não tem nada a ver com o chá que vou preparar — Ellen replicou com expressão irônica. Depois, ficou séria e acrescentou: — Suas necessidades são um problema exclusivamente seu Rick.

— E quanto às suas necessidades?

— Ah, não se preocupe. Um pedaço de torta de chocolate é um remédio infalível para curar tudo que me perturba.

— Existem maneiras mais agradáveis de curar certas perturbações.

Ela virou-se e encarou-o sem se intimidar.

— Tem razão — murmurou, num tom deliberadamente sedutor.

— Tenho mesmo?

Rick arqueou as sobrancelhas, sem acreditar no que ouvia. Não esperava que Ellen fosse ceder com tamanha facilidade. Mas o olhar lânguido dela foi suficiente para convencê-lo de que tinha vencido aquele round.

— Claro que sim — ela confirmou. — Uma fatia de bolo inglês também é um remédio altamente eficaz.

Ele não fez caso daquelas palavras displicentes. A despeito da resistência dela, havia um brilho incomum em seus olhos que o encantava. Rick pressentiu que Ellen vivia cada momento de sua vida intensamente.

O modo como uma pessoa fazia café mostrava muito de sua personalidade. Rick imaginou que o ato de preparar chá fosse ainda mais ritualístico. Era um bom observador. Fazia parte de sua profissão. Assim, estudou Ellen com atenção enquanto ela se movia na cozinha.

Mas Ellen não parecia preocupada em provar nada a ninguém. Casualmente, pegou um punhado de chá e atirou-o ao bule. O olhar de Rick recaiu sobre o bule, e ele percebeu que aquela insignificante peça

de porcelana também dizia alguma coisa sobre Ellen: tratava-se de um bule de linhas assimétricas, pintado com um rosa berrante.

É não restava dúvida de que ela era uma mulher bastante peculiar. Como seria; nos outros aspectos de sua vida? Seria por acaso tão excêntrica e inventiva na cama? Enquanto fazia amor seria; movida pela mesma paixão, liberdade e senso de humor que pontilhavam suas pequenas ações do dia-a-dia?

As possibilidades que se vislumbravam a partir daí fizeram o corpo de Rick vibrar de desejo.

— Gosta dele forte? — Ellen perguntou.

Rick piscou, aturdido.

— O quê?

— Seu chá. Prefere mais forte ou mais fraco?

— Ah, claro, o chá... Bem, pode pingar algumas gotas de uísque na minha xícara.

— Não tenho uísque. Aliás, mesmo que tivesse, não iria arruinar o chá de Celeste com uma dose de álcool — ela replicou com ar ultrajado. O olhar insistente de Rick perturbava-a mais do que gostaria de admitir. Para quebrar o silêncio constrangedor, continuou a tagarelar: — O que eu mais gosto no chá é que existem mais de três mil variedades. E realmente uma forma de arte muito antiga.

Já Rick, naquele momento, só conseguia pensar nas três mil variedades de outra forma de arte muito antiga: o sexo. E gostaria de partilhá-las todas com Ellen...

Ela notou seu olhar faminto. Aliás, nem era preciso ser adivinho para ler os pensamentos dele.

Sem querer, Ellen sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Se outro homem a fitasse com aquele olhar ardente, provavelmente não se sentiria tão desconcertada... E nem tão desestruturada como agora.

Era como se estivesse magnetizada pelos olhos azuis de Rick, que lhe enviavam mensagens mudas e quentes... Ela mergulhou nas profundezas daquelas íris da cor do mar e viu um milhão de segredos e promessas ali...

Nisso, a chaleira apitou e quebrou o encantamento. Ellen quase deu um pulo e precipitou-se para apagar o fogo.

Rick manteve-se calado. Ellen podia sentir o olhar dele cravado em seu corpo, acariciando-a com um atrevimento que a deixava sem fôlego. Cada vez mais nervosa, apontou para o bule cor-de-rosa, ansiosa para desviar a atenção dele.

— Essa peça não é interessante? Comprei-a numa feira de arte no Colorado. Os bules de chá são... São realmente fascinantes. Surgiram durante a dinastia Ming, no século catorze. Hoje muita gente os coleciona, e vários artistas plásticos centralizam seu trabalho em bules...

Para seu desespero, Rick mal a ouvia. Os olhos azuis continuavam fixos nela.

— Aposto que você deve se perguntar quando foi que as pessoas começaram a beber chá, não é? — Ellen prosseguiu cada vez mais embaraçada. — Bem, conta á lenda que uma haste de jasmineiro caiu acidentalmente dentro de uma caçarola de água quente destinada ao imperador Shen Neng. Ele ficou encantado com seu aroma e sabor, e foi a partir daí que nasceu o hábito de beber chá.

— Você parece uma enciclopédia ambulante — Rick notou com um sorriso.

E ele era um campo minado ambulante, Ellen pensou com seus botões. Suspirou constrangida.

Mas era melhor assim. Preferia ficar irritada com ele a experimentar as estranhas emoções que a haviam dominado momentos antes. Pelo menos, era mais fácil lidar com um Rick petulante do que com um Rick sedutor.

— Tome. Já que está aqui, pode levar isto para mim — ela disse, entregando-lhe uma bandeja com o bule de chá.

Dito isso, voltou às pressas para o quarto, como se o próprio Diabo estivesse em seu encalço.

Ellen era encarregada de um dos seminários de administração que abordava a criatividade.

Aquela era a primeira vez que via Rick em sua aula. O modo como ele se sentava não a surpreendeu nem um pouco: braços cruzados e as mãos apertadas contra os flancos, uma das pernas estendida e a outra flexionada, com o pé enfiado debaixo da cadeira. Os outros executivos que participavam do seminário também adotavam uma atitude relaxada. Mas não tão relaxada como a de Rick.

Ellen achou altamente improvável que ele se sentasse daquele jeito à mesa de seu escritório.

Por outro lado, parecia-lhe ainda mais improvável que se posicionasse com as costas retas e pernas unidas, como um executivo sério e formal.

Ela passeou entre as mesas montadas às margens do lago. Fora uma boa idéia tirar os participantes do confinamento da sala de aula. A

brisa suave agitou seus cabelos soltos e a saia do vestido estampado que usava. Ellen respirou o ar perfumado e, com um suspiro satisfeito, deu início à aula.

— A rotina pode nos dar uma impressão de segurança, mas na verdade sufoca toda a nossa criatividade e amortece nosso senso de observação.

Amortecimento. Era exatamente isso o que Rick sentia após mais uma noite mal-dormida.

Olhou então para Ellen, com um misto de fascínio e ressentimento. Como é que ela conseguia ter tamanho; vigor e bom humor àquela hora da manhã? Ainda não eram nem nove horas!

Mais tarde, se tudo desse certo, ele iria até a cidade para comprar uma carteira de pilhas para seu rádio. E, de quebra, comeria um bom hambúrguer com fritas para tirar aquele gosto horrível de legumes que ficava em sua boca após cada refeição.

— Eu sugeri que nossa aula fosse transferida para cá a fim de que fizéssemos um exercício de criatividade...

A idéia de fazer um exercício de criatividade com Ellen provocou uma estranha sensação em Rick.

— Quero que prestem atenção na paisagem à sua volta — ela prosseguiu. — Relaxem e se soltem. Mergulhem nas cores, texturas, sons e cheiros.

Rick fechou os olhos e imaginou-se mergulhando em Ellen, contemplando sua pele acetinada, ouvindo seus gemidos de prazer e aspirando o perfume de seu corpo. Involuntariamente deixou escapar um suspiro, embalado por fantasias cada vez mais intimistas...

— Você está bem, Rick? — Ellen perguntou-lhe, parando a seu lado.

Ele não abriu os olhos. Limitou-se a murmurar:

— Sim. Estou ótimo.

— Fechar os olhos é uma boa idéia. Ajuda a captar os sons e os cheiros com mais intensidade.

Rick não pôde deixar de concordar com Ellen. O problema é que só conseguia se concentrar no cheiro dela... Um suave perfume cítrico, que enchia o ar e atordoava os sentidos. Da mesma forma, o único som que ele captava era a respiração de Ellen e sua voz quando falava com um ou outro participante do seminário. A voz dela era cristalina e vibrava de entusiasmo. Era como o canto de uma sereia. Rick não entendia patavina de mitologia, mas tinha certeza de que, se um dia encontrasse uma em alto-mar, ela teria a voz de Ellen.

— Você parece tenso, Rick. Talvez fosse indicado fazer alguns exercícios respiratórios — Ellen aconselhou.

Quando ela pousou a mão em seu ombro, ele por pouco não caiu da cadeira. Ellen reclinou-se e disse:

— Precisa respirar fundo, bem fundo...

— Eu sei muito bem do que preciso — Rick sussurrou em seu ouvido, num tom quase inaudível. — Os seus lábios nos meus. E, se não quer que eu a beije aqui mesmo, na frente de todo mundo, é melhor ficar a distância.

Porém, se ele pensava que com isso iria embarçá-la, estava muito enganado. Ellen olhou-o de modo travesso e conservou a mão em seu ombro.

— Tente concentrar-se no exercício, Rick.

— Você está brincando com fogo. — ele avisou-a, com os olhos brilhando perigosamente.

Ela sorriu e afastou-se, parando ao lado de outro participante. Rick cerrou os punhos, com a visão momentaneamente turvada por uma névoa vermelha de cólera. Com os diabos, o que estava lhe acontecendo? O tumulto que agitava seu íntimo exasperava-o. Mas, afinal, o que significava tudo aquilo? Será que estava com ciúme só porque Ellen tinha dado um pouco de atenção ao engenheiro careca com quem ele dividia seu quarto?

Rick decidiu que precisava urgentemente de uma cerveja gelada para esfriar as idéias. Com certeza, não era de o seu feitio ficar tão impressionado com uma mulher.

Talvez estivesse sozinho há tempo demais. Sim, só podia ser isso. Rompera com Liz um ano antes e, desde então, não se envolvera com mais ninguém. Não havia como negar que o relacionamento entre ele e Liz trouxera um engrandecimento para ambos. Aliás, o engrandecimento fora tão evidente que, no tocante a Liz, rendera-lhe uma promoção no emprego e uma transferência para a Austrália. Lá um banqueiro tratara logo de cortejá-la e, meses mais tarde, Liz passara-lhe um fax anunciando que estava casada.

Às vezes Rick sentia falta dela. O relacionamento dos dois era, antes de tudo, cômodo. Nada de paixões arrebatadoras e congêneres. Era tudo muito racional e civilizado; preenchia, porém, certas necessidades que agora pareciam vir à tona sempre que Ellen estava por perto.

— A criatividade é um dado muito importante no desenvolvimento da

auto-estima — ela estava dizendo, enquanto andava por entre as mesas. — Críticas constantes ou a indiferença podem ser muito nocivas a uma criança. E por isso que vocês estão aqui. Nesta aula, vamos tentar resgatar parte da criatividade espontânea que tinham na infância, a fim de liberar todo o seu potencial e buscar novas possibilidades. Em muitos casos, a criatividade espontânea da infância é reprimida muito cedo, resultando em insegurança ao invés de autoconfiança.

— Você me parece bastante autoconfiante — Rick entendeu com um sorriso pairando nos lábios.

— E você também. Mas as aparências enganam. Uma pessoa pode usar a extroversão como mera fachada para esconder sua insegurança.

— E o que tudo isso tem a ver com nosso trabalho? — ele insistiu.

— Ao explorar a criatividade na busca da solução para certos problemas, o trabalho poderá ser executado com maior rapidez e eficiência — Ellen esclareceu.

— E vamos conseguir isso escutando o canto dos pássaros? — Rick provocou.

— Saber escutar é uma habilidade que se pode adquirir com um pouco de treino, Rick. Um dom que você deveria pensar seriamente em desenvolver. Na sua profissão, é muito importante saber ouvir. — Ela lançou-lhe um olhar significativo e virou-se para os outros. — Por hoje é só. Muito obrigada pela atenção. Vocês terão um intervalo de quinze minutos antes da aula de Byron.

A classe se dispersou lentamente. Quando ficaram sozinhos, Rick perguntou-lhe:

— Foi impressão minha ou você estava se referindo à sua própria infância quando falou de críticas constantes alternadas com períodos de indiferença?

— Foi apenas uma generalização. Qualquer criança se sente diminuída quando os pais não dão importância a suas pequenas realizações. A indiferença ou uma atitude muito crítica acabam minando toda a auto-estima da criança, e vai afetá-la também quando se tornar um adulto.

Ele deu de ombros.

— Há coisas muito piores para uma criança que o simples fato de alguém depreciar seus desenhos feitos com lápis de cera.

— Pois agora eu é que estou tendo a impressão de que você está se referindo à sua própria infância, Rick.

— Minha vida pessoal não tem nada a ver com esta conversa — ele

disse, na defensiva.

— Não é o que me parece.

Houve um momento em que a fisionomia dele endureceu e seu olhar ficou ausente. Em seguida, Rick sorriu com a ironia habitual.

— E agora, qual será o próximo passo? Vai querer que eu me deite no; diva e faça uma sessão de psicanálise?

— Não. O próximo passo será você me dizer a verdade, para variar um pouco — Ellen replicou, séria.

— Ei, o que significa tudo isso?

Ele também ficou sério e desviou o olhar. Onde Ellen estava querendo chegar? Será que sabia de sua farsa?

— Significa que você esconde algo por trás dessa fachada de cinismo e displicência.

— Ora, cada um de nós tem seus pontos de força. A displicência e o cinismo são os meus.

— Todos nós temos nossas fraquezas também — ela observou.

— Ah, então está querendo saber quais são minhas fraquezas?

— Você preferiria que eu pensasse que não tem nenhuma, certo?

Rick cruzou os braços e inclinou a cabeça ligeiramente.

— Muito bem. Se isso a faz sentir-se melhor, sou o primeiro a reconhecer que tenho um tremendo fraco por loiras de olhos castanhos...

Ellen sorriu, mas não se deixou enredar pela indireta.

— Nesse caso, acho que vou começar a usar lentes de contato azuis.

— Nem pense em mudar a cor dos seus olhos — ele praticamente ordenou, falando num tom que não admitia réplicas.

Ela pôs as mãos na cintura e franziu a testa.

— E bom que saiba Rick, que eu não costumo acatar ordens de ninguém.

— Nem eu.

— Isso eu já havia percebido — Ellen disse num tom ríspido.

— Já tive meu quinhão de ordens quando estive na marinha. E você? Qual é a sua desculpa, Ellen?

— Um pai autoritário. Felizmente já sou maior de idade e estou livre da prepotência feudal dele.

Rick perscrutou o rosto de Ellen, procurando encontrar algum vestígio de ressentimento. Não encontrou nenhum. A fisionomia dela era uma máscara de indiferença.

— Não acha que está sendo um pouco dura demais com ele? —

arriscou, tentando despertar remorso nela. — Não se preocupa com os sentimentos de seu pai?

— Isso é problema dele. Estou me lixando, se quer mesmo saber.

A veemência com que Ellen falou surpreendeu-o.

— Então pouco se importa se ele está vivo ou morto?

Ela balançou a cabeça, agastada.

— Eu não disse isso. Naturalmente, não lhe desejo nenhum mal. Afinal de contas, ele ainda é meu pai. Mas conheço-o muito bem. Não permitirei que use minhas emoções para me manipular.

— Você fala como se ele fosse um monstro.

— Não, ele não é um monstro. — Ellen deu um suspiro. — Meu pai é uma aranha. Arma sua teia ao redor das pessoas até paralisá-las e fazê-las obedecer cegamente às suas vontades. Foi por isso que saí de casa. Acredite é; melhor nós dois vivermos separados.

— Como pode ter tanta certeza disso?

— Olhe, vamos colocar a questão de outro modo: é melhor para mim, viver; separada dele.

Rick pensou rápido e decidiu usar outra abordagem:

— E se ele ficasse doente? Você iria visitá-lo?

Ellen encarou-o, desconfiada.

— Posso saber por que esse súbito interesse pelo meu pai? Você por acaso o conhece?

— Não. Acontece que essa conversa me fez pensar em meu pai. Siga meu conselho, é melhor vocês fazerem as pazes antes que seja tarde demais.

— Seu pai morreu, não é?

— Ele se embriagou até morrer — Rick corrigiu com uma ponta de amargura.

— O alcoolismo é uma doença — ela declarou na falta de algo melhor para dizer.

— Poupe sua saliva. Já ouvi esse tipo de conversa.

— Ah, claro... Eu esqueci que você é um sujeito durão que prefere a lógica às emoções.

— É isso aí. Esse sou eu.

— Não, não é. Meu pai é assim. Você, obviamente, poderia desenvolver muito mais a sua sensibilidade, mas...

— Muito obrigado.

—... Eu não acho que seja um caso perdido, Rick.

Ele desviou o olhar, tenso. Não podia deixar Ellen desvendar seu

íntimo. Aí, sim, é que estaria perdido.

— O que você mais gosta no seu desenho? — Ellen perguntou a Bob durante a aula daquela tarde.

— O sangue verde.

— Realmente, foi uma idéia original. Fale-me mais sobre o desenho.

— Eu quero falar do meu também — interveio Larry.

— Espere um pouco. Depois de Bob será a sua vez.

Ante o olhar inquisitivo de Ellen, Bob pensou um pouco e disse:

— Eu quis representar um lagarto radiativo prestes a devorar essa cidade suspensa.

— E o que o lagarto está fazendo no céu? — Larry perguntou curioso como sempre.

— E um lagarto voador, não está vendo? Olhe essas são as asas dele. E ali, naquele canto, vem chegando o super-herói em sua nave intergaláctica, pronto para liquidar o lagarto maléfico.

— Gostei da cidade que você desenhou — Ellen elogiou. Bob sorriu tremendamente satisfeito.

Aquela era mais uma etapa do aprendizado. Ao propor que cada criança avaliasse seu trabalho, Ellen tentava ensiná-las a não depender dos adultos para julgar os próprios progressos.

Depois da aula, Ellen fechou-se em seu quarto, decidida a testar o aspirador super potente que comprara em sua última incursão ao centro comercial de Tacoma. Até a criação da Visão Interior, ela havia vivido como nômade e nunca tivera oportunidade de adquirir muitos eletrodomésticos.

Agora estava curiosíssima; para conhecer o desempenho daquele modelo último tipo que, de acordo com o fabricante, operava verdadeiras maravilhas nos lares modernos.

Entretanto, enquanto ia limpando os tapetes e cortinas; manuseava o aspirador com ar distraído e mal se dava conta do que estava fazendo. Pensava em Rick. Mais uma vez.

Ao lembrar o modo como o olhar dele á acariciava, fazendo-a sentir as pernas bambas, Ellen não percebeu quando o eficientíssimo aparelho começou a aspirar a... Barra do seu vestido.

Ela ainda tentou puxá-lo para fora do cano, mas já era tarde demais. Procurou então o botão que desligava o aspirador. Não teve, porém, o menor êxito.

— Que droga! Quer parar com isso? — gritou para o aparelho, sem saber mais o que fazer.

Nisso Rick entrou no quarto. Ficou parado à porta, rindo da cena. Depois, tomando fôlego, disse:

— Em vez de gritar, seria bem mais eficaz se você desligasse o aspirador.

— Grande ajuda, a sua! — Ellen exclamou, irritada.

Ela finalmente localizou o botão que desligava o eletrodoméstico. O aspirador parou subitamente de aspirar. Aquela altura, a saia de Ellen já tinha ido parar no alto de suas coxas, pondo à mostra as pernas longas e bem torneadas.

— Limpar tapetes pode ser muito perigoso — Rick brincou.

— O que veio fazer aqui?

— Bem, eu estava passando quando ouvi seus gritos. — Com um movimento ágil, ele arrancou o plugue do aspirador da tomada. — Espere, deixe-me ajudá-la.

Entretanto, em lugar de ajudá-la, ficou ali parado, com os olhos fixos nela.

— O que pensa que está fazendo? — Ellen inquiriu num fio de voz.

— Estou admirando a vista.

O brilho animal que incendiava os olhos dele deixou-a sem ação.

— Pois admire o monte Rainier, não as minhas pernas!

— Ah, isso é que não. Eu ainda prefiro as suas pernas.

— Eu não diria uma coisa dessas se fosse você — Ellen alertou-o, sem conter uma risada rouca.

— Ah, não? Por quê?

— Porque sou proprietária de um aspirador assassino e posso usá-lo... Em você!

— Hum. E uma proposta original, para dizer o mínimo — replicou Rick, com um de seus sorrisos mais irresistíveis.

— Pois lhe garanto que não acharia a menor graça se fosse sugado para dentro de um eletrodoméstico. — Ela fez uma pausa e emendou: — Bem, talvez até achasse. Deus sabe quais são os seus gostos pessoais.

— Eu não ia tocar no assunto, mas, já que você perguntou...

— Não perguntei nada — Ellen cortou bruscamente. Tentou puxar a saia presa no tubo do aspirador e, mais uma vez, não conseguiu se libertar. Encolheu as pernas, impaciente, e perguntou: — E então? Já acabou de "admirar a vista"?

Ele balançou a cabeça devagar, sempre sorrindo.

— Não. Na verdade, eu mal comecei... — murmurou, roçando os dedos no joelho dela.

Ellen estremeceu. Estava acontecendo de novo! Àquelas estranhas emoções... Como que em transe, conservou-se imóvel, estudando o rosto dele. Crispou as mãos para conter o impulso de enterrar os dedos nos cabelos lisos e espessos de Rick.

Naquele momento, o que ela mais queria era descobrir por que ele a afetava tanto. Seu olhar trespassou-o e tentou penetrar nas camadas mais profundas de seu ser. Nunca conhecera um homem que desaprovasse tanto e que ao mesmo tempo a perturbasse de tal maneira. Não havia lógica que explicasse o súbito calor que ele lhe provocava quando a olhava daquele jeito.

Ellen sustentou o olhar, determinada a descobrir a raiz do fascínio que Rick exercia sobre ela.

O toque dele era surpreendentemente gentil. Ellen era capaz de perceber muitos traços do caráter de um homem só pelo seu toque. Podia captar desrespeito, falsidade, condescendência. Mas não sentiu nada disso no modo como Rick a tocava.

— Você tem uma chave de fenda? — ele perguntou, interrompendo suas divagações.

— Lá, naquele canto. — Ellen apontou para o saco de lona onde guardava suas ferramentas.

Ele abriu o saco e vasculhou seu interior. Enquanto procurava uma chave do tamanho certo, murmurou:

— Só você seria capaz de guardar ferramentas desse jeito.

— Por quê?

— As ferramentas devem ser guardadas com cuidado. E respeitadas. Elas têm o seu valor.

Ellen perguntou-se se Rick também se comportava assim com as mulheres. A despeito do flerte aberto que estabelecia com ela, estava tratando-a com cuidado. Não arrancou, por exemplo, a saia de seu vestido do tubo do aspirador, como era de supor. Ao contrário, sabia o que estava fazendo quando puxou delicadamente o tecido fino, pouco a pouco, com toda cautela para não rasgá-lo.

O olhar dela pousou a seguir nos braços de Rick, que as mangas enroladas da camisa deixavam ver. Eram bronzeados, recobertos por uma fina camada de pêlos escuros. Fortes. Poderosos. Ellen já sentira a força deles uma vez. Não eram os braços de um homem que vivia trancado num escritório martelando as teclas de um computador.

— Você joga beisebol ou algum outro esporte? — Ellen indagou como quem não quer nada.

— Eu? — Ele olhou-a surpreso e riu. — Não, não gosto de esportes coletivos. Mas já lutei boxe.

Ela olhou instintivamente para os dedos longos de Rick. Dedos que podiam ser a um; só tempo acariciantes e duros como o aço.

— Por que escolheu especificamente o boxe?

— Eu era bom de briga — ele explicou com simplicidade.

Naquele momento, muitas peças se encaixaram no quebra-cabeça que Rick representava para ela. Agora Ellen entendia melhor seu olhar sempre alerta, seu andar seguro e sua agilidade. Os músculos bem torneados do corpo de Rick eram, na verdade, apenas mais um item na longa lista de atributos que o tomavam tão cativante e único...

E claro, Ellen ponderou, havia ocasiões em que ele demonstrava uma arrogância enervante.

Mas, apesar de sua crueza, ela intuía que Rick era no fundo; terno e gentil. Afinal, um homem realmente cínico, analítico e chauvinista nunca ficaria embaraçado diante de uma menina de três anos como índia.

Ellen sentiu-se atraída por essa nova faceta que descobriu nele.

— Ei, está me encarando — Rick disse.

— Eu... Estava só pensando.

— Pensando em quê?

— Que você teve sorte em não quebrar seu pescoço na época em que lutou boxe.

— Pois acho que foi um milagre não ter quebrado o nariz. — Ele passou a ponta do dedo na linha reta do nariz e sorriu. — De certa forma, eu me orgulho disso.

— Você se orgulha de cada coisa!

— Já me disse isso uma vez.

— Então pare de me olhar desse jeito.

— Que jeito? — Rick perguntou com falsa inocência.

Ellen encolheu os ombros e manteve-se calada. Não pretendia dizer-lhe que seu olhar a atingia com a força de uma corrente elétrica. Nem que seu sorriso travesso dava-lhe vontade de beijá-lo. Não, Rick era um homem difícil de controlar. Melhor não torná-lo mais confiante do que já era. Ellen não sabia precisar por que, mas tinha o pressentimento de que precisaria usar todas as suas defesas para não se deixar envolver pelo magnetismo dele.

— Pronto. Está livre — Rick informou-lhe.

Mais que depressa, ela pôs-se de pé e alisou a saia.

— Muito obrigada. Detesto ficar presa.

— Por quê? Já ficou presa muitas vezes?

— Eu diria que sim... Mas num sentido metafórico. Não suporto o autoritarismo — Ellen respondeu, e uma sombra obscureceu momentaneamente o brilho de seus olhos castanhos.

— E por isso que não se dá bem com seu pai?

— Talvez.

— E se ele tiver mudado? Já pensou nisso?

— Não.

— Então deveria considerar essa possibilidade. Talvez ele tenha amadurecido e aprendido a respeitar os seus valores.

— Duvido muito. — Ela estreitou os olhos e sondou-lhe o rosto. — Por que está fazendo uma campanha para me reconciliar com meu pai? Já é a segunda vez que insiste nisso.

— Como eu lhe disse, perdi meu pai e sei quanto isso é frustrante.

— Rick, não fui eu quem escolheu brigar com meu pai.

Ele teve que virar o rosto para disfarçar o sorriso de triunfo que lhe assomou aos lábios.

Finalmente estava chegando aonde queria.

— Não? Por quê?

Ellen meneou a cabeça, presa de uma súbita melancolia.

— É lógico que eu gostaria de fazer as pazes com ele. Mas meu pai é tão prepotente que torna nossa convivência impraticável.

— Como pode saber se nunca tentou?

— Acredite em mim é; melhor nós dois vivermos separados.

Ele captou um lampejo de pânico no olhar de Ellen e indagou:

— Não me diga que tem medo de seu pai!

— Eu... Talvez tenha — ela admitiu com relutância. — Tive que lutar tanto para escapar à influência dele! Veja bem, não gosto de magoar as pessoas e nunca o teria abandonado... Mas ele não tem sentimentos. Não está magoado com a minha ausência, e sim irritado porque desafiei sua autoridade.

Pelo que Rick sabia, o velho Redmond estava, com efeito, bastante irritado.

— Ele detesta ser contrariado. E, quando fica zangado... — Ela esboçou um débil sorriso e deixou a frase no ar.

— Seu pai já a agrediu alguma vez?

— Não. Quer dizer, não no sentido físico. Mas as palavras também podem deixar cicatrizes, Rick... Bem, mas agora estou a salvo dele. De sua influência. Das más recordações. Pelo menos, a maior parte do

tempo.

— E quando é que não se sente segura?

— Quando tenho pesadelos.

Ellen estremeceu á lembrança dos sonhos tempestuosos que por vezes vinham perturbar seu sono. As imagens eram sempre as mesmas: ela se via numa camisa-de-força, presa em um cubículo sem janelas; seu pai então aparecia e enrolava-a num cobertor preto, e ela começava a sufocar; sufocar...

Rick desviou o olhar do rosto de Ellen. Não queria ver os sentimentos que estavam estampados ali. Não queria se envolver nos problemas dela com o pai. Talvez, ele refletiu, Ellen estivesse exagerando. Tinha uma imaginação fértil e provavelmente era muito sensível. As mulheres eram assim, levavam tudo a ferro e fogo.

Mas, por alguma razão, a retórica machista que ele sempre adotava para se reconfortar não funcionou dessa vez. A idéia de que Ellen pudesse ter sido vítima de qualquer tipo de crueldade fez seu sangue ferver nas veias. Quando era criança, Rick havia sentido uma emoção parecida com aquela ao ver os garotos da vizinhança maltratar animais. Numa ocasião, seu pai lhe dera uma surra porque ele havia se atracado com um moleque que tentara pôr fogo em um cachorro.

A vida, porém, se encarregara de varrer aquele tipo de sentimento de seu coração. Ele tinha amadurecido e aprendido que não podia consertar o mundo.

Cada um por si repetiu para si mesmo sem muita convicção.

CAPÍTULO VI

— Vai à festa hoje à noite? — Byron perguntou a Rick no dia seguinte, enquanto almoçavam.

— Que festa?

— Ops! Eu e minha boca grande...

— Tarde demais. Agora já falou. Que tal me colocar a par dos acontecimentos sociais da Visão Interior?

— Bem... Hoje é aniversário de Ellen e queremos fazer-lhe uma festa-surpresa.

— É aniversário dela? — Rick repetiu desnorteado. — Tem certeza?

— Ora, é claro que tenho. Que pergunta mais estranha!

Nem tanto, considerando-se o fato de que Rick havia investigado todos os dados referentes á Ellen e sabia que ela aniversariava no Natal. Obviamente, não podia dizer isso a Byron e tratou de sair pela tangente:

— Eu perguntei por que hoje eu a vi e ela não mencionou que era seu aniversário.

— Ellen não gosta de fazer estardalhaço nessa data. Mas não existe a menor possibilidade de estarmos enganados — Byron declarou com o peito estufado. — Sempre comemoramos seu aniversário no dia vinte e dois de julho.

— Nesse caso, uma festa-surpresa vem bem a calhar. Posso ajudar nos preparativos?

Byron pensou um pouco e disse:

— Na verdade, você nos faria um grande favor se desse um jeito de distraí-la depois do jantar.

— Pode deixar comigo.

"Distrair" Ellen era algo que sempre lhe dava imenso prazer.

— Obrigado, Rick. Vai ser o máximo.

O máximo mesmo seria fazer amor com ela enquanto a "distraindo"... Aquele pensamento atingiu Rick em cheio e ele crispou as mãos. De onde estava tirando essas idéias? Não era de o seu feitio tecer fantasias a respeito da filha de um cliente. Ele é que deveria estar distraindo Ellen, e não o contrário...

— Então qual é o plano? Eles o incumbiram de me distrair? — Ellen perguntou-lhe quando Rick a abordou à saída do refeitório.

— Não sei do que está falando — ele disse com deliberada ênfase.

— Você não sabe mentir — Ellen informou-o com um sorriso travesso.

Ah, se ela soubesse! Ele sabia mentir tão bem que às vezes quase conseguia enganar a si próprio, Rick pensou.

Tomando seu silêncio por uma demonstração de embaraço, ela deu-lhe um; tapinha nas costas.

— Se isso o faz sentir-se melhor, eu já sei que estão planejando fazer uma festa para comemorar meu aniversário. Para ser mais exata, a festa vai começar dentro de vinte minutos.

— Como pode saber disso?

— Todo dia 22 de julho preparam uma festa para celebrar meu aniversário.

Rick perguntou-se como Ellen encararia o fato de festejar seu aniversário com tanta antecedência. Provavelmente devia até ficar contente em parecer seis meses mais jovens. Coisas de mulher...

— Qual é a sua idade? — perguntou para testá-la.

— Que pergunta mais fora de propósito!

— Não acho. Pelo contrário, parece-me muito apropriada. Afinal, você não está fazendo aniversário hoje?

Ela inclinou o rosto e encarou-o.

— Quantos anos acha que tenho?

— Hum... Vinte e seis? — ele despistou.

— Chegou perto.

— E o que devo concluir por "chegar perto"?

— Que eu tenho aproximadamente vinte e seis anos, ora.

— Por que tanto mistério?

— Não estou fazendo mistério.

— Por acaso tem vergonha da sua idade?

Ellen cruzou os braços e revidou depressa:

— Vamos mudar o ângulo desta conversa. Quantos anos você tem?

— Trinta e quatro. E você...?

— Eu... Não vou responder à sua pergunta! Puxa, quer dizer que tem trinta e quatro anos? Pensei que fosse bem mais velho... Quase um cinqüentão, na verdade.

Ela soltou uma risada e Rick deu-se por vencido.

— Ok, você venceu, Ellen. Vamos mudar de assunto.

— Então me conte: quando era criança, o que queria ser quando crescesse?

— Podre de rico.

— E conseguiu enriquecer?

— Não sou exatamente um milionário. Mas gosto muito do meu trabalho. Já é alguma coisa.

— Com certeza — Ellen assentiu.

— Só que nem sempre isso é suficiente para pôr comida na mesa — ele disse sem rodeios.

Ellen mediu-o dos pés à cabeça.

— Você não me dá a impressão de ter passado fome.

— Isso depende. Naquela noite, em frente ao seu alojamento, eu estava mais do que faminto... — Rick sussurrou num tom sugestivo.

Ela inclinou-se para frente e falou com ar conspiratório:

— Não se preocupe. Seu problema tem solução. Basta que vá tomar um banho gelado no lago. Garanto que isso o ajudará a se acalmar.

— Bem, confesso que não era exatamente isso que eu tinha em mente. É engraçado, mas pensei numa dezena de coisas mais interessantes para "acalmar" minha fome.

— Aposto que pensou. Você vê Rick, no final das contas não é tão

difícil ser criativo. Agora, voltando à minha festa de aniversário...

— A festa-surpresa?

Ellen percebeu uma nota de reprovação na voz dele e arqueou as sobrancelhas.

— Rick, a festa será no meu chalé! Como eu poderia ignorá-la? Aliás, por que acha que eu estava fazendo faxina ontem?

— Não faço idéia.

— Eu estava preparando o terreno para a festa!

— E posso saber como? Você quase cometeu um hara-kiri com aquele aspirador!

Ela não fez caso da observação irônica e limitou-se a sorrir.

— Se quer saber, eu até gravei algumas fitas para embalar festa.

— Muito eficiente. Mas quero fazer uma pergunta.

— Pois faça.

— Por que seus amigos vão lhe preparar uma festa-surpresa se ela já não é nenhuma surpresa para você?

— Simples. Eles não sabem que eu sei.

— Ah, não?

— Claro. Se soubessem, não teria mais a menor graça. No fim, todos nós nos divertimos muito.

— Ainda assim, não é nenhuma surpresa — Rick teimou, forçando um tom paciente que se costuma reservar às crianças com menos de dois anos de idade.

— Mas eu finjo que estou surpresa.

Uma vez mais, Rick perguntou-se quanto do comportamento dela não passava de puro fingimento.

— Por que insiste tanto nisso? — Ellen questionou.

— Porque, para mim, uma festa-surpresa que não é surpresa não faz o menor sentido. Não tem lógica...

— E por isso que eu gosto tanto dessas festas de aniversário. — Ela segurou a mão de Rick. — Agora vamos. Já está na hora.

A seleção musical de Ellen não poderia ser mais variada, abrangendo da música popular à erudita. Rick notou que as músicas pareciam literalmente brigar entre si: Beatles versus Beethoven, Rolling Stones versus música indiana, canções folclóricas japonesas versus ritmos africanos e daí por diante. Ligeiramente atordoado, ele estudou o ambiente que o rodeava. Na véspera, quando fora salvar Ellen do aspirador assassino, não tivera chance de observar o interior do chalé... Por motivos óbvios.

Ellen não se cercara de muitos móveis. Diversos estilos estavam mesclados ali, e várias peças eram notórias lembranças de viagens. O único sofá da sala fora coberto com uma tapeçaria em tons pastel. A um canto havia um; diva; forrado de almofadas coloridas de todas as formas e tamanhos.

E, sobre a lareira, pendia um pôster imenso com uma fotografia do pôr-do-sol. Potes rústicos com flores e folhas secas espalhavam-se por toda parte e, sobre uma mesinha baixa, conviviam sem maiores problemas uma boneca vitoriana, uma caixa de porcelana chinesa e uma escultura indígena.

Para alguém que tinha uma vida itinerante, Ellen certamente havia reunido uma coleção considerável de tranqueiras, Rick pensou com seus botões.

No momento, ela estava aumentando sua coleção particular com os presentes que ganhara dos amigos. Abria os pacotes com alegria quase infantil, demonstrando o mesmo entusiasmo tanto pelos modestos desenhos de seus alunos quanto pela gargantilha de pedras semipreciosas com que Sharon e Caridade tinham lhe presenteado.

Rick olhou-a com desconfiança. Que mulher daria a mesma importância a um papel cheio de rabiscos coloridos e a uma jóia? Quanto mais o tempo passava, mais intrigado ficava com a filha de seu cliente. Mas tinha plena confiança de que acabaria conseguindo decifrá-la.

Ellen notou que o olhar de Rick acompanhava seus menores gestos. Já estava começando a se acostumar com a intensidade com que ele a fitava. Mas... Por que tinha de olhá-la com tanta insistência? Sentindo-se pouco à vontade, relanceou o vestido negro que usava. Era um modelo curto e reto, absolutamente normal. Será que Rick estava espantado de vê-la abandonar os tons berrantes por uma cor mais sóbria? Bem, e desde quando ela se importava com a opinião dele?

— Agora abra o meu presente — disse Guido, interrompendo seus turbulentos pensamentos.

Era um quadro retratando um campo florido.

— Ah, Guido, é lindo! Muito obrigada!

— E só uma lembrança... — ele replicou encabulado.

E os presentes continuaram chegando: um lenço de seda de Celeste, um jogo de chá de Byron, uma lata de chá importado de Willy.

Caridade ajudou Ellen a guardar os presentes e recolher os papéis desembrulho reciclados e as fitas coloridas espalhados no chão.

— Tenho notado que você anda muito calada ultimamente, Caridade — Ellen comentou. — É o bebê? O médico não tinha curado a febre de Raio de Sol?

— Minha filha está bem, graças a Deus. O problema é Byron — a outra respondeu com um suspiro.

— O que aconteceu?

— Ele continua me evitando. Você não percebeu que Byron sempre dá um jeito de ficar bem longe de mim?

— Confesso que nunca reparei em nada anormal no tratamento que ele lhe dispensa.

— Mas é a pura verdade.

Caridade deu mais um suspiro. Parecia desolada. Ellen afastou uma mecha de cabelo que caía sobre a testa da amiga.

— Você realmente se importa com ele, não é?

— É sim. É mais ou menos a mesma coisa que você sente por Rick.

— Rick? — Ellen quase engasgou, mas rapidamente se recompôs. — Espere um minuto. Eu nunca disse que...

— Ora, Ellen. Você ficou de olho nele a noite toda. Eu conheço esses sintomas.

— Bobagem.

— Tudo bem. Vou fingir que acredito em você.

— Então vamos falar de Byron — Ellen sugeriu mais que depressa.

— Ah, isso é que não. É evidente que ele está me evitando e... Quer saber? Eu não ligo para os seus acessos temperamentais.

— Tudo bem. Vou fingir que acredito em você — foi á vez de Ellen dizer.

A conversa delas foi interrompida pela chegada triunfal do bolo de chocolate de três andares que Willy havia assado naquela tarde. Ellen foi chamada para a mesa. O cômodo ficou às escuras e todos começaram a cantar "Parabéns a você".

Ou quase todos...

Rick manteve-se a uma distância discreta, observando Ellen soprar as velas multicores e abraçar os amigos que a rodeavam. Aquela cena provocou-lhe um aperto no peito. Pela primeira vez em muitos e muitos anos, o isolamento lhe parecia algo desconfortável.

Em geral, ele sempre procurava não se misturar com as pessoas. Mas naquela noite, por um breve instante, desejou fazer parte do círculo de amigos de Ellen, só para poder abraçá-la também e compartilhar o clima geral de afeto e alegria.

Está ficando velho, meu chapa, disse de si para si. A repentina sensação de vulnerabilidade perturbou-o incrivelmente. Precisava encontrar uma distração para esquecer aquele sentimentalismo tolo.

— Que tal uma partida de pôquer mais tarde? — perguntou a Byron quando ele veio lhe trazer um pedaço de bolo.

Guido, que estava por perto, ouviu a proposta e aproximou-se dos dois.

— Eu ainda não confio em Rick, Byron. Ninguém me garante que ele não inventou algum sistema numérico para ganhar o jogo.

— Que besteira é essa agora? Eu também trabalho com números e, mesmo assim, você joga comigo — o outro replicou.

— Você é apenas um jogador, não um mago obscuro das equações numéricas. O fato de trabalhar no mercado de ações não muda nada.

— Ah, aí é que se engana. Eu também tenho um sistema. Como acha que consigo ganhar tanto dinheiro?

— É mesmo corretor da Bolsa de Valores, Byron? — Rick perguntou, espantado.

— Claro. E, vou lhe dizer, graças ao meu faro, mantenho um alto padrão de vida. Viajo para o exterior duas vezes por ano, e tenho um barco, dois carros...

— Você dirige? — Rick perguntou cada vez mais espantado. — Mas é...

— Eu sei. Sou parálítico. Já tinha reparado nisso — ele replicou divertido. — Ainda bem que existem carros adaptados para deficientes físicos, senão eu estaria perdido.

Rick sentiu-se um perfeito idiota.

— Sinto muito. Não havia me ocorrido que...

— Não se dê ao trabalho de pedir desculpas. A maioria das pessoas sempre olha para mim e vê minhas limitações — Byron falou pausadamente. — Acontece que não sou feito apenas de limitações. Sofri um acidente de carro que me obrigou a ficar nesta cadeira de rodas. Isso não significa, porém, que eu seja um incapaz. Há certas coisas que faço de um modo diferente do usual, como dirigir, por exemplo, mas levo uma vida normal. E até desenvolvi algumas habilidades que não tinha antes, como jogar beisebol. Se quiser, vá um dia desses ao centro de reabilitação para me ver jogar. Vai se surpreender.

— Não me esquecerei disso — Rick disse.

— E, se um dia precisar de dicas sobre o mercado financeiro, é só

me procurar. Terei o maior prazer em orientá-lo para fazer os melhores investimentos. Bem, se precisar de dicas em outros departamentos, pode me procurar também. — Byron lançou-lhe um olhar penetrante e apontou discretamente para Ellen.

Rick encarou-o sem dissimular seu estarrecimento.

— Você e Ellen... Vocês eram...

— Nós somos bons amigos. Ela sempre foi como uma irmã para mim, mesmo antes do acidente.

Rick aproveitou que Guido não estava mais por perto e cochichou:

— Sabe por que ela se desentendeu com o pai?

— Olhe, eu trabalhei com Howard Redmond durante algum tempo. Ele não poderia ser classificado exatamente como "Pai do Ano", se é que me entende.

— Nem todos os pais são perfeitos.

— Talvez. Mas o velho Howard é um tipo único. E obcecado pelo poder e pela autoridade. E, não sei se você reparou, mas Ellen preza sua liberdade acima de tudo.

— Sim. Isso é o mínimo que se pode dizer sobre ela — Rick murmurou, mais para si mesmo do que para Byron.

— O pai tentou controlá-la desde cedo. Quase conseguiu transformá-la numa teleguiada sem vontade própria. Olhe se quer saber minha opinião, Ellen está melhor longe dele.

Naquele mesmo instante, a própria Ellen juntou-se aos dois.

— Posso saber o que estão conversando? — perguntou, com os olhos brilhando de contentamento.

— Ah, nada de especial. Byron estava só me dando algumas dicas — Rick respondeu.

— Sobre as melhores ações do momento? Ah, ele tem um sexto sentido quando o assunto é o mercado financeiro! Sabe, Byron é quem cuida de todas as minhas aplicações — Ellen contou, dando um abraço no amigo.

— Contanto que ele cuide apenas dos seus investimentos... — Rick disse baixinho. Parou de falar, desconcertado com a inesperada declaração que acabara de fazer. Não estava gostando nem um pouco dos pensamentos que, volta e meia, vinham lhe ocorrendo nos últimos dias.

Mais uma vez, censurou-se por divagar. Precisava disso sim, achar um meio de fazer Ellen voltar com ele para Seattle.

Talvez pudesse alegar que o velho Redmond estava sofrendo de

alguma doença incurável e desejava ver a filha antes de bater as botas... Não, seria melodramático demais. Mas, que diabo, ele precisava encontrar uma solução para aquele caso!

A fim de não perder Ellen de vista, Rick ofereceu-se para ajudar a arrumar o chalé quando a festa acabou. Guido não escondeu o desagrado que a presença dele lhe causava.

Depois de ajudar o italiano a recolocar os móveis nos devidos lugares, Rick não resistiu e disse a Ellen:

— Sabe, não consigo imaginar um brutamonte como Guido manuseando pincéis delicados e colorindo florzinhas do campo...

— Não devemos julgar as pessoas pelas aparências. Você mesmo não se parece nem um pouco com um executivo. Além do mais, Guido tem muitas outras habilidades que você nem imagina. Entre outras coisas, é um empresário muito bem-sucedido.

— Posso imaginar... — Rick comentou com incredulidade.

— Não imagina, não — Ellen cortou bruscamente. — Ele vai fazer uma palestra amanhã sobre abordagens racionais na resolução dos problemas cotidianos.

— E o que o habilita a fazer uma palestra tão abrangente?

— Ele tem muitas qualificações. Por exemplo, desenvolveu uma ratoeira ecológica.

Rick franziu o cenho, divertido.

— Uma... O quê?

— É isso mesmo que você ouviu. Ele desenvolveu uma ratoeira que, em vez de matar os ratos, captura-os vivos, possibilitando que sejam soltos fora de casa. Guido pesquisou durante anos e só agora a ratoeira entrou no mercado de consumo. No seminário de amanhã, ele falará dessa e de outras experiências.

Rick deu uma sonora gargalhada.

— Você está brincando, não é?

— De jeito nenhum. Nos últimos cursos, os participantes acharam a abordagem de Guido muito útil e esclarecedora.

— Aposto que sim.

— Você verá por si mesmo.

Claro que veria, ele pensou. Mas, entretanto, tinha que tentar ganhar a confiança de Ellen.

— Não lhe dei um presente de aniversário — observou com seu sorriso mais cativante.

— Não se preocupe com isso. Você nem ao menos sabia que era

meu aniversário.

Rick não podia negar a veracidade daquele fato. A única coisa que ele sabia é que não era o aniversário de Ellen.

— Mas, ainda assim, tenho uma lembrança para você... — Ele roçou os lábios nos dela e sussurrou: — Feliz aniversário, Ellen.

Ela estremeceu ao sentir o hálito morno de Rick. Afastou-se rapidamente para que ele não percebesse sua comoção e saiu do chalé. Abraçou uma das colunas do alpendre e respirou fundo, inalando o suave aroma dos pinheiros.

Enquanto admirava o céu estrelado, Ellen deixou o pensamento voar e fez um balanço de sua vida. Superara todas as dificuldades que se apresentaram em seu caminho e conseguira consolidar o sucesso da Visão interior. Ficava aliviada de saber que finalmente tinha conseguido manter o controle sobre sua vida.

Quanto a Rick... Não desistiria de tentar ampliar os horizontes dele. Até ali havia feito alguns progressos nesse sentido, mas faltava ainda um longo caminho a percorrer. Depois do episódio com o aspirador, Ellen estava certa de que ele podia ser salvo. Mas salvo de quê? De seu cinismo? De sua descrença? De sua solidão? Talvez.

Pois fora exatamente isso que ela vira em seus olhos naquela noite. Por trás da postura irônica e das zombarias, ela vislumbrara uma infinita solidão. E a solidão era uma velha companheira também de Ellen. Ainda se lembrava dos anos de colégio, quando evitava a companhia dos colegas durante os intervalos das aulas, sempre com medo de ser rejeitada, sempre se subestimando. O isolamento podia trazer muitas descobertas para uma pessoa, mas invariavelmente trazia todo o peso da solidão.

Rick também era um solitário. Ellen sorriu através da escuridão ao pensar que essa era mais uma coisa que tinham em comum. Aparentemente, os dois estavam a anos-luz de distância.

Entretanto, quanto mais ela rompia as barreiras de Rick, mais ponto em comum com ele descobria. E mais intrigada ficava...

A inquietude de Rick não cedeu após mais uma noite de sono intermitente. Muito pelo contrário. Ele estava mais agitado do que nunca. Ainda não tivera oportunidade de ir à cidade comprar pilhas para o rádio e seu tão sonhado hambúrguer. Se não desse um jeito de sair do centro, nem que fosse por poucas horas, acabaria ficando maluco. Era nisso que dava ficar rodeado de hippies metidos a artesãos. As partidas noturnas de pôquer com Guido, Willy e Byron até que ajudavam a

descarregar as energias, mas ainda não era o bastante. Ele precisava de alguma atividade viril, não de ferramentas de jardinagem ou apetrechos de cozinha. Decidiu então convocar reforços. Para tanto, teve que usar o telefone público do centro, pois Caridade e Ellen estavam no escritório.

Muitos instrutores e participantes dos seminários iam e vinham, passando ao lado do aparelho e acabando com qualquer esperança de Rick de ter um mínimo de privacidade. Não havia cabine, e o telefone estava preso a um gancho. Parecia ter sido instalado ali no tempo em que Eisenhower ainda era presidente do país.

— Aqui fala Rick — ele disse quando atenderam do outro lado da linha.

— Onde diabo você se meteu? É impressão minha ou estou ouvindo o canto de passarinhos? — seu assistente Vinny perguntou.

— Cale a boca e me escute moleque — Rick grunhiu, exasperado. Celeste passava por ali naquele momento e olhou-o com desaprovação. Ele pigarreou e falou com voz adocicada: — Sim, sou eu, querida.

— Querida? — Vinny repetiu, chocado. — Ah, já entendi. É um código, certo? Puxa, estou gostando disso. Lembra-me os filmes policiais que passam nas madrugadas de sábado. Muito bem, o que é que manda chefe?

— Cale a boca de uma vez por todas e me escute!

— Ei, essa é alguma senha nova? Espere um pouco, quero anotar todos os códigos que disser, ou vou acabar me confundindo... Pronto, já peguei papel e caneta. Podemos continuar. Então, "cale a boca" é uma senha ou você falou sério?

— Eu falei sério, Vinny — Rick esclareceu com um suspiro agastado.

Por Deus, como era difícil encontrar bons assistentes! Na opinião de Rick, aquele garoto de vinte anos nunca devia ter abandonado o boxe. Ou, por outro lado, talvez tivesse lutado boxe por mais tempo que devia, pois ao que parecia já perdera toda a faculdade de raciocínio lógico. Às vezes ele se perguntava seriamente se Vinny não teria sofrido alguma lesão cerebral irreversível no decorrer de suas lutas.

— Acho que devemos nos encontrar — Rick declarou com cautela.

— Claro chefe. Marque o lugar e a hora, e eu estarei lá.

— O posto de gasolina. Dentro de três horas...

— Que posto? — o assistente interrompeu-o, alarmado. Rick deu-lhe as coordenadas para chegar a Tacoma e certificou-se de que Vinny havia entendido suas explicações.

— Já estou a caminho, chefe — o rapaz prometeu-lhe.

Rick balançou a cabeça e torceu para que seu assistente não se perdesse em alguma estrada secundária. Depois discou o número de seu apartamento para pegar as mensagens registradas na secretária eletrônica.

O primeiro recado, curto e grosso, era do pai de Ellen e dizia: "Onde você está? Por que não deu mais notícias? Não perca mais tempo, Dunbar! Trate de convencê-la a voltar para cá!".

Rick praguejou. Ele estava a apenas alguns dias na Visão Interior e o prazo dado por Redmond ainda não se esgotara. Por que o velho estava tão impaciente?

— Alguma coisa errada? — Ellen perguntou ao vê-lo desligar o telefone com um gesto colérico.

— Não. Está tudo ótimo — Rick respondeu antes de se afastar pisando duro.

— Eu me pergunto o que o deixou tão transtornado — ela murmurou.

— Quem? — Celeste indagou, parando a seu lado.

— Rick.

— Talvez ele tenha discutido com a namorada no telefone.

— Namorada? — Ellen inquiriu, arregalando os olhos.

— Bem... Ele chamou alguém de "querida". — Vendo a perturbação da amiga, Celeste emendou: — Sua mãe, talvez.

— A mãe dele morreu há muito tempo.

— Por que não esquece esse sujeito de uma vez por todas? — Celeste sugeriu-lhe com ar de censura.

— Não exagere.

— Exagerar sobre o quê?

— Sobre Rick e eu... Sobre esse telefonema. Afinal, ele é apenas mais um participante daqui.

— Pois eu gostaria de saber do que exatamente ele participa. Será que faz exercícios práticos de sedução nas horas vagas?

— Minha nossa, Celeste! Até parece que você está falando de um gigolô!

— E quem lhe garante que ele não é um?

— Minha intuição — Ellen replicou imperturbável.

Aquela resposta impressionou a amiga, que já tivera prova da intuição infalível dela nos negócios.

— Está certo. Reconheço que raramente se engana com as

pessoas. Só que nada me tira da cabeça que há algo errado com Rick.

Ellen refletiu por alguns instantes e declarou categórica:

— Ele não é o homem que parece ser.

— Exato.

— Sinto que esconde algo. Mas não é uma mulher. Por trás da fachada machista de Rick, há muitas emoções represadas. E um bom coração. Não sei como explicar... Ele representa um desafio para mim. Quero ver se consigo fazer com que todas essas emoções venham à tona...

— Cuidado. Você ainda vai acabar se metendo numa encrenca — Celeste avisou, pouco convencida com os argumentos dela.

— Olhe só quem fala. Não é você mesma que fica o tempo todo prevenindo seus filhos de que o excesso de cuidado é prejudicial e limita as experiências naturais da vida? — Ellen provocou.

— Ah, isso é muito diferente. Pinheiro e Bosque foram morar em Seattle. Ainda não consigo entender como conseguem viver lá. Pinheiro está trabalhando em um banco e Bosque especializou-se em computação. Para piorar a situação, resolveram mudar de nome... Agora Pinheiro se chama John e Bosque, Jim. — Celeste meneou a cabeça, inconformada. — Não sei onde foi que eu errei...

— Não se culpe. Sempre foi uma mãe muito dedicada. Jim e John... Digo, Pinheiro e Bosque se tornaram independentes graças à sua educação e foram cuidar da própria vida.

Celeste ficou com os olhos marejados e deu uma funga dela.

— Pinheiro era tão hábil para fazer origami. Lembra-se daqueles cisnes de papel que ele costumava montar?

Ellen passou o braço ao redor de seus ombros e afagou-lhe a cabeça.

— Tem que ver, Celeste, que é muito difícil ganhar a vida fazendo origami.

— E Bosque... Eu podia jurar que ele continuaria construindo barcos...

— Pare de se lastimar, minha amiga. O importante é que eles estão felizes com os respectivos trabalhos, não é?

Ellen deu-lhe um beijo estalado na bochecha.

— Você é uma ótima mãe, Celeste. Agora pare de pensar em bobagens.

Impaciente, Rick tamborilou os dedos no volante. Já estava esperando Vinny há quase meia hora. Marcara encontro com ele nos

limites da cidade, entre o único bar e o único posto de gasolina da redondeza. Era impossível se enganar. Por que Vinny estava demorando tanto?

— Psiu, sou eu, chefe — o assistente cochichou agachado ao lado da janela do motorista.

— Por que está usando peruca e óculos de aro de tartaruga? E para que esse chapéu e a capa de chuva em pleno verão? — Rick perguntou, franzindo a testa.

— Achei que era melhor me disfarçar para passar despercebido.

— Pois usar uma peruca de náilon e óculos sem lente não vai adiantar nada.

— Como... Como assim? — Vinny gaguejou com expressão preocupada. — Quer dizer que, com tudo isso, você ainda consegue me reconhecer?

Rick continuou a tamborilar os dedos no volante, cada vez mais impaciente.

— Ora, tire esse disfarce ridículo antes que alguém pense que está planejando jogar uma bomba no posto de gasolina!

Vinny torceu as mãos, cheio de apreensão.

— Meu Deus, nunca me ocorreu que poderiam me tomar por um terrorista!

— Entre logo no carro e deixe de conversa fiada.

O assistente obedeceu e livrou-se do "disfarce". Depois os dois saíram do carro.

— Para onde vamos, chefe?

— Para o bar mais próximo. Vou lhe pagar uma cerveja.

O bar era rústico. Cabeças de animais empalhadas, espingardas e facões adornavam as paredes descascadas. Tudo ali era simples e direto. Um lugar de verdadeiros machos. Nada de garçonetes rebolando daqui para lá. Nada de itens sofisticados no cardápio... Bem, na verdade, nem cardápio o bar tinha.

Os dois sentaram-se numa das únicas mesas existentes e um gordo suarento veio atendê-los.

Perto dele, Guido parecia ser um monte de pele e ossos.

— Trouxe-lhe sua correspondência, chefe. E isto também... Vinny olhou para os lados e estendeu-lhe dois envelopes por baixo da mesa.

No primeiro, havia um maço de cartas. No segundo, um punhado de... Camisinhas? Rick lançou um olhar fulminante para seu assistente, e Vinny apressou-se em explicar com um sorriso desajeitado:

— Um homem nunca deve andar desprevenido, não é?

— Eu vim aqui para trabalhar, Vinny.

— Sim, sim. Mas nunca se sabe...

Rick fez uma careta e emborcou a lata de cerveja que o gordo suarento lhe trouxe. Já foi pedindo logo outra rodada, pois previa que seria difícil aturar Vinny sóbrio.

E a conversa dos dois foi prosseguindo, aos trancos e barrancos. Rick esvaziou sua lata de cerveja e ficou esperando pela próxima, que não chegava nunca. No auge da irritação, interrompeu a narrativa de Vinny sobre um filme de mafiosos e gritou para o dono do bar:

— Onde está a outra cerveja que pedi? Vai ficar aí me olhando sem tirar o traseiro desse banco?

— Fique calminho — o gordo suarento vociferou.

— É isso aí. Trate de ficar calminho — reiterou um freguês durão sentado na mesa vizinha.

— Vocês não são daqui, não é? — perguntou um homem apoiado ao balcão.

— Não somos não. E daí? — Rick rebateu com os olhos chispando.

O homem virou-se e começou a andar em sua direção. Rick notou que tinha braços tatuados que pareciam duas toras.

— Para um artista efeminado, você até que fala bem grosso, amigo — ele resmungou ao debruçar-se na mesa de Rick.

— E quem disse que sou artista?

— Você veio da Visão Interior, certo? — O homem olhou por cima do ombro e dirigiu-se aos outros fregueses: — Sabem o que eles fazem lá? Cultuam o demônio. Tomam drogas. E fazem orgias!

— É revoltante — concordou o sujeito da mesa vizinha. — Aquela loira descarada sempre vem aqui para tentar atrair homens de família para aquela comunidade suja.

O sangue subiu-lhe à cabeça e uma névoa vermelha turvou instantaneamente a visão de Rick.

Ele pulou da cadeira e agarrou o homem pelo colarinho.

— É melhor você calar a boca. Agora! — disse com os dentes cerrados.

— Por acaso está querendo arrumar briga? — o outro perguntou num tom ameaçador.

— E se eu estiver? — Rick vociferou, sustentando o olhar.

— Então é pra já, companheiro...

Rick sentiu a adrenalina circulando em seu corpo. Desviou-se do

soco do adversário e conseguiu acertá-lo em cheio no queixo. O gordo suarento e o outro freguês caíram em cima dele, e a pancadaria começou.

Rick desferia golpes a torto e a direito, contente de descarregar suas energias. Passados alguns minutos, porém, perguntou-se se tinha sido boa idéia entrar em confronto com os nativos do lugar.

Afinal, estava lutando contra três homens de uma só vez!

— Sinta-se à vontade para entrar na briga, Vinny — disse, antes de dar um chute no estômago de um dos oponentes.

— Tem certeza mesmo, chefe? Não quero atrapalhar...

— Que diabo, venha logo me ajudar! — Rick gritou, abaixando-se bem a tempo de evitar um soco no olho.

— Isso mesmo, seu maricás. Venha cá — convidou o homem dos braços tatuados com uma risadinha irônica.

Vinny não esperou segunda ordem e pulou em cima dele. Dez minutos depois, a briga estava encerrada. Cambaleante, Rick abraçou Vinny e saiu com ele do bar.

— Isso é que é diversão, hein, meu chapa?

— Claro chefe. Mas será que poderia parar de sangrar em cima de mim? Sabe que tenho estômago fraco...

CAPÍTULO VII

Rick voltou para a Visão Interior sentindo-se em ótima forma, a despeito de ter saído do bar com um olho roxo, dois ferimentos superficiais na mão e um corte no queixo que não parava de sangrar.

Bem, pelo menos, seu nariz escapara sem nenhum arranhão.

— Rick, espere um pouco! Quero falar um minuto com você — Ellen gritou-lhe da janela do escritório.

Ela saiu de sua sala e aproximou-se de Rick. Ao ver o estado em que ele se encontrava, arregalou os olhos e tapou a boca com a mão.

— Meu Deus! O que aconteceu com você?

— Nada de mais, Ellen.

— Então por que está sangrando?

— Tive uma pequena briga.

Ela colocou as mãos na cintura e olhou-o contrariada. Depois, sem dizer palavra, segurou-o firmemente pelo braço e arrastou-o até o escritório.

— Ei, o que pensa que está fazendo? — Rick indagou, divertido.

— É evidente que precisa de um curativo nesse queixo. Sente-se aí

— Ellen disse, puxando uma cadeira.

Ele decididamente não gostava de receber ordens. Por uma questão de princípios, sentou-se na beirada da escrivaninha.

Ellen apanhou um estojo de primeiros-socorros no armário e acercou-se dele.

— Acha mesmo que preciso de um curativo? — Rick perguntou.

— Acho. Se não quiser usar um anti-séptico, podemos tentar uma lobotomia — ela replicou secamente. — Por Deus, você perdeu a cabeça?

— Não. E nem pretendo. Fique você com sua lobotomia.

— Estou falando sério, Rick. Você poderia ter sofrido um ferimento grave. Agora trate de ficar quieto e me deixe passar um pouco de água oxigenada no corte.

— Sim, senhora — ele disse num tom zombeteiro.

A atitude displicente de Rick exasperou Ellen, e ela aplicou o anti-séptico com um pouco mais de força do que seria necessário.

— Ai! — Rick desvencilhou-se com uma careta. — Isso dói!

— Ora, pare de bancar a criança. Eu não usei tanta força assim. Tenho coração, não sabia?

Ela passou uma camada de pomada cicatrizante no queixo de Rick e finalizou o curativo com um Band-Aid em forma de borboleta. Depois fez o mesmo na mão dele. Apreciou o resultado e meneou a cabeça.

— Você só pode ser louco mesmo. Por que se meteu numa briga?

— Que tal se eu lhe dissesse que estava protegendo sua reputação?

Mal deixou escapar aquelas palavras, Rick arrependeu-se de ter falado.

Ellen fechou o estojo de primeiros-socorros e olhou-o de modo penetrante.

— Minha reputação? Não estou entendendo.

— Esqueça.

— Não, senhor. Não tenho a menor intenção de esquecer. Quer fazer o favor de se explicar melhor?

— Então vamos colocar a questão assim: alguém disse certas coisas que não gostei de ouvir. Ponto final.

— Espere. Não diga mais nada. Deixe-me adivinhar. Aposto que lhe disseram que sou uma depravada, não é? E que promovemos sessões de drogas e orgias aqui na Visão Interior?

Rick ficou espantado com a exatidão da declaração dela.

— Não fique surpreso. Já ouvi todos esses boatos. Os nativos daqui são tão inteligentes quanto um bando de antas.

— E você não se aborrece com esses comentários maldosos?

— Claro que me aborreço. Que mulher gostaria de ser tachada de uma aberração?

— Bem... Eles não chegaram a tanto.

— Pode ser. Mas em outros lugares...

— O quê?

— Sempre fui tratada como uma marginal — Ellen explicou. — Ser criativa implica ser diferente. E as pessoas mais medíocres sempre ficam assustadas com o que é diferente. Elas não gostam de coisas imprevisíveis, que não podem rotular. Eu rompi os padrões estabelecidos e paguei um preço por isso.

Ele ouviu-a com interesse e perguntou:

— E qual foi o preço que pagou?

— Tive que enfrentar todo tipo de hostilidades. E de crueldade também. As pessoas às vezes podem ser muito cruéis.

Ellen lembrou-se de como fora expulsa a tiros da fazenda de Illinois e deu um suspiro desalentado.

— Sabe Rick, às vezes me pergunto se a humanidade é realmente tão inteligente quanto costumam pregar.

— Agora você é que está sendo cínica.

— Às vezes eu tenho; recaídas — ela replicou com um sorriso. — Algo me diz que estou precisando de um pedaço de torta de chocolate...

— Você guarda muita mágoa no coração, não é? — Rick indagou num tom brando.

— Todos nós guardamos de uma forma ou de outra.

— Mas algumas pessoas são mais sensíveis que outras.

Ela retraiu-se, pouco à vontade, e olhou para o chão.

— Você me lembra uma borboleta, Ellen. Colorida e frágil.

— Que idéia! Eu não sou uma borboleta indefesa.

Rick sorriu e deslizou os dedos pelos cabelos sedosos dela.

— Não, indefesa não. Mas definitivamente bela. — Ele acompanhou o contorno de seu queixo com o polegar e sussurrou: — E mágica.

Naquele momento, porém, Ellen teve que reconhecer que se sentia indefesa... Incapaz de resistir ao magnetismo de Rick. Incapaz de negar o prazer que o toque dele lhe provocava. Rick fazia-a sentir-se bonita. Especial. E o que compartilhavam era realmente mágico.

Sem desviar os olhos dos dela, Rick inclinou-se e beijou-a. Com

doçura. Com meiguice. E sensualidade.

Ellen puxou-o para si. Rodeou-lhe; o pescoço com ambas as mãos. Enterrou os dedos na cabeleira espessa dele. Antes de cerrar as pálpebras, viu o brilho faminto que animava os olhos de Rick. Estremeceu e concentrou-se nas sensações que a invadiam...

A posição de Rick, sentado na borda da escrivaninha com as pernas afastadas, aumentou a intimidade de seu abraço. Ela sentiu de imediato o grau de excitação dele.

As mãos de Rick escorregaram por suas costas, causando-lhe um arrepio. Com um gemido rouco, ele aprofundou o beijo e estreitou-a nos braços possantes.

— Ellen... — murmurou, e passou a língua no lóbulo da orelha dela.

Ela ondulou o corpo, sentindo o calor dele, a rigidez de seu peito, a maciez de seu abraço.

Suas mãos pousaram nas coxas musculosas, arrancando um suspiro de Rick.

— Meu Deus... — ele tornou a gemer.

Surpresa, Ellen abriu os olhos e fitou-o.

— Acho que deveríamos...

— Não pense agora — Rick interrompeu-a, enquanto seus lábios traçavam uma trilha de fogo no pescoço dela. — Apenas sinta...

Ela quase perdeu o fôlego quando Rick acariciou-lhe o seio por sobre a camiseta, apalpando de leve a carne macia e insistindo na auréola rosada. Ellen arquejou. Seu corpo se incendiava com uma paixão avassaladora.

Como que lendo seus pensamentos, Rick deslizou a mão por baixo da camiseta e abriu o fecho do sutiã. Depois acariciou a pele nua.

Com a mão livre, ele varreu todos os papéis e objetos que se achavam sobre a escrivaninha.

Quando Ellen percebeu, estava deitada na mesa. Rick suspendeu-lhe a camiseta e o sutiã e beijou-lhe os seios um após o outro, mordiscando-os e estimulando-os com a ponta da língua. A volúpia com que a tocava deixava-a louca; e ela teve que morder o lábio para não gritar.

A urgência de senti-lo dentro de si tomou conta de todos os seus sentidos. Estendeu os braços para estreitá-lo e, como Rick não interrompesse sua doce tortura, ela contorceu-se, enlouquecida de prazer.

O que aconteceu a seguir foi algo totalmente imprevisto. Ellen

inadvertidamente escorregou para a borda da superfície polida e, quando menos esperava... Quase despencou para o chão.

Rick tentou aparar a queda, mas seus esforços foram em vão e Ellen caiu a seus pés.

Morta de vergonha, ela olhou-o e forçou um sorriso.

— Quantas mulheres já caíram a seus pés, Rick? — perguntou em tom de brincadeira, a fim de disfarçar seu constrangimento.

— Confesso que você é a primeira.

Havia algo indefinível na voz dele, algo que Ellen não conseguiu decifrar. As coisas estavam acontecendo rápido demais, ela ponderou. Assim, levantou-se o mais rápido que pôde e se recompôs, rezando para que Rick não percebesse quanto estava encabulada.

— Me desculpe. A situação escapou ao meu controle — ele murmurou.

— E ao meu também.

— Parece ocorrer uma reação explosiva quando estamos juntos, não acha? Nunca imaginei que acabaríamos atracados em cima da sua escrivaninha.

— Nem eu.

Ellen cruzou os braços e procurou respirar num ritmo normal. Seus seios, livres do sutiã, oscilavam visivelmente. Mas abotoar o sutiã requeria um contorcionismo que ela não se dispunha a fazer na presença de Rick.

Notando seu embaraço, ele aproximou-se e fez com que Ellen se virasse. Antes que ela pudesse protestar, abotoou o fecho de seu sutiã.

— Muito... Obrigada — Ellen disse num fio de voz. Não se lembrava de ter ficado tão encabulada desde que tinha doze anos.

— Eu é que agradeço... Pelo curativo — Rick sussurrou sem tirar os olhos dela.

— Não há de quê.

Sem aviso, ele curvou-se e beijou-a de leve nos lábios. Um beijo fugaz que, mal começando, terminou...

Mas a lembrança daquele beijo povoou os pensamentos de Ellen naquela noite, enquanto ela se virava na cama. Como a vida era irônica! Tinha pretendido dar uma lição em Rick e, no final, ela é que recebera uma lição. A matéria que ele lhe ensinara poderia ser intitulada "Sedução e paixão crua". Antes de conhecê-lo, Ellen nunca havia estudado essa matéria a fundo, e agora que seu interesse fora despertado, sentia vontade de aprofundar suas pesquisas nos mínimos detalhes...

— O senhor estava tentando cortar a orelha como aquele Vincent?
— um dos alunos de Ellen perguntou a Rick depois que ele assistiu ao seminário matutino.

O garoto se chamava Bob.

— Do que você está falando? — Rick inquiriu.

— Do curativo no seu queixo. O senhor queria arrancar sua orelha fora?

— Não. Prefiro que minha orelha fique onde está — ele respondeu sem entender quem era o tal Vincent que o menino parecia admirar tanto.

— Ainda bem, porque errou o alvo. Ou será que estava tentando cortar o queixo?

— Nada disso. Eu só quis me livrar de algumas frustrações — Rick murmurou consigo mesmo.

Infelizmente, o garoto ouviu o que ele disse.

— Ah, então tentou mesmo se cortar?

— Não. Levei um soco.

— Uma briga? Uau! E o senhor revidou o soco? Seu sangue esguichou na parede? — Aquela altura, Bob estava absolutamente encantado, saltitando ao redor de Rick.

— Não. Não havia tanto sangue assim.

— Por que não?

O desapontamento do menino era evidente. Rick sentiu-se completamente perdido. A despeito do garoto não ser tão desconcertante quanto á ruivinha desbocada, ele não sabia como lidar com crianças. Sua experiência nesse departamento era nula. Como deveria responder a uma pergunta como aquela?

— Olhe, tem uma porção de estrelinhas no seu Band-Aid! — Bob exclamou, mudando de assunto para alívio de Rick.

— Ellen só usa Band-Aids estampados em pessoas especiais, sabia?

Rick olhou o curativo que ela havia feito em seu dedo e só então percebeu que, com efeito, havia estrelas coloridas na superfície do Band-Aid. Mas sua distração não tinha sido infundada.

Afinal, naquela ocasião, quase fizera amor com Ellen. Em cima de uma escrivaninha. No escritório da Visão Interior. Há muito tempo que não perdia o controle daquele jeito.

Na verdade, ainda estava com os nervos e os hormônios à flor da pele. Não era a sensação mais agradável do mundo. E sabia que Ellen

não devia estar se saindo melhor do que ele.

— Ei, Ellen, esse homem se meteu numa briga! — Bob anunciou alegremente quando a viu entrar na sala de aula.

— Já soube da história — ela disse.

— Você usou um Band-Aid estrelado no curativo dele — o menino observou.

— Eu não tinha mais nenhum Band-Aid normal à mão — Ellen esclareceu num tom neutro. — Já está pronto para ir, Bob?

— Claro que estou.

— Aonde vocês vão? — Rick perguntou, não gostando nem um pouco de ser relegado para segundo plano.

— Para o Paraíso — ela anunciou.

— Paraíso, é? Pensei que nós tivéssemos ido para lá ontem à noite — Rick murmurou.

Pela primeira vez, Ellen ficou totalmente sem ação diante dele. Não soube como revidar aquele comentário insinuante. Lembrou-se dos beijos úmidos que Rick depositara em seu rosto, em seu pescoço, nos seios... E seu coração disparou.

— Monte Rainier. Nós... Vamos para o monte Rainier — Ellen apressou-se em responder, afugentando aquelas lembranças do pensamento.

— Você me parece um pouco aérea hoje — Rick comentou, satisfeito de constatar que Ellen estava tão perturbada quanto ele.

— Pareço? É que tive uma noite... Uma manhã atribulada. Então, Bob; vamos indo?

— Espere um instante. Essa excursão é só para crianças? — Rick perguntou, pousando a mão no braço dela.

— Não. Todos que quiserem podem... Rick pare com isso!

— Parar com o quê? Não estou fazendo nada! Não tenho culpa se acordou distraída hoje.

— Pare de me encarar desse jeito — ela insistiu.

— Hum. Você também está me encarando desse jeito...

Ellen corou violentamente e desviou o olhar.

— É, acho que estou. Mas, agora, que tal se; fizéssemos uma trégua?

— Não sabia que estávamos em guerra.

— E não estávamos... Não estamos. Bem, vai ficar aí ou quer partir conosco?

E foi assim que Rick se viu dentro de um carro com mais oito

pessoas que entoavam canções de escoteiros e outras músicas ainda piores.

Rick lamentou não ter vindo em seu próprio carro. Pelo menos teria poupado seus ouvidos daquelas vozes desafinadas que cantavam músicas horríveis. Decididamente, ele não era o tipo sociável. Eventos coletivos sempre o faziam sentir-se pouco à vontade. Dessa vez, porém, teve que reconhecer que estava mais relaxado. Ou melhor, quase relaxado, pois Ellen se sentara a seu lado e sua perna agora roçava a dele.

Naquele dia, ela estava usando roupas surpreendentemente comuns: um conjunto de calça e jaqueta desbotadas, camiseta branca decotada e um par de botas de cano curto.

Percebendo o olhar insistente de Rick, Ellen começou a falar pelos cotovelos para distraí-lo.

Ainda não conseguira descobrir como ele conseguia deixá-la tão nervosa, com aquela compulsão anormal de tagarelar. Ellen não tinha certeza se gostava disso. Mas não podia fazer nada para reverter a situação. Aprendera a aceitar a natureza impetuosa de suas emoções, assim como aprendera a aceitar a rebeldia dos próprios cabelos. Qualquer tentativa de "domesticar" suas emoções, assim como seus cabelos, redundava invariavelmente em desastre. Ela sorriu ao lembrar-se de como sua mãe passava horas e horas desembaraçando seu cabelo com uma escova de cerdas macias.

— Sabe, Rick, minha mãe adorava as montanhas.

— Eu consigo vê-las de meu apartamento em Seattle, quando o dia está claro.

— Ah, mas elas são visíveis de praticamente todas as grandes cidades do estado. Uma vez, duvidaram de mim e nós fomos de cidade em cidade para ver se conseguíamos avistar as montanhas. Uma noite tivemos até que dormir dentro do carro, porque chovia a cântaros e não havia nenhum lugar seco para montarmos a barraca.

— Com quem você foi? Um amigo? — Rick perguntou com ar casual.

— Não. Fui com uma menina que conheci no Parque Nacional Yosemite. Trabalhamos durante um verão no hotel de lá. Ela era garçonete e eu; guia turístico. Quer ver como sou boa nisso?

Ele fez um gesto de assentimento.

Ellen então limpou a garganta e começou-a falar com uma voz modulada de locutora de rádio:

— O majestoso monte Rainier, antigamente chamado de Tacoma pelos índios, ergue-se três quilômetros acima das elevações conhecidas como Cascades e é um dos picos mais altos da região noroeste. A maior tempestade de neve já registrada no mundo aconteceu precisamente ali, no trecho da estação Paraíso de guardas-florestais. Naquela ocasião, a camada de neve atingiu quase dois metros.

Ela fez uma pausa para tomar fôlego e prosseguiu:

— Todos os anos, cerca de setecentos alpinistas tentam escalar o monte Rainier. Mais da metade deles desiste antes de chegar ao topo. Trata-se de uma montanha imponente e intimidadora. Só a circunferência de sua base ultrapassa cento e sessenta quilômetros!

— O que é uma circun... Circuncisão? — Bob perguntou-lhe.

Ellen e Rick trocaram um olhar malicioso e ela explicou:

— A circunferência é a linha de um círculo, Bob.

— Para mim, as montanhas lembram um M cheio de neve.

— Eu acho que elas parecem com um sorvete de casquinha — Marta comentou.

— Sim. As montanhas lembram muitas coisas — concordou Ellen.

— Será que tem barraquinhas de sorvete lá em cima? — Jordan quis saber.

— Isso nos só; saberemos quando chegarmos lá — Ellen respondeu, fazendo ar de mistério.

Minutos depois, eles tomaram sorvetes no Alojamento Velho Paraíso. O grupo chegou em; dois microônibus, num total de trinta pessoas, contando adultos e crianças. Celeste e Willy encarregaram-se de levar as crianças para um passeio, enquanto Ellen aproveitou para fazer uma pausa. Saboreando uma bola de sorvete de chocolate, foi sentar-se num banco ali perto para contemplar a paisagem.

— Gostei dos seus brincos — Rick disse, sentando-se a seu lado.

— Foi um presente de aniversário — Ellen falou, com a voz ligeiramente estridente. Sempre ficava tensa quando Rick chegava muito perto dela.

— Eu sei.

Ela se perguntou o que mais Rick saberia. Em todo caso, ainda preferia que a atenção dele estivesse voltada para algo inocente como um par de brincos.

— Adivinhe o que é isto — ela disse, tocando um dos brincos.

— Para mim, não passa de um brinco.

— Sim. Mas de que tipo?

— Hum... Não entendi aonde você quer chegar. Veja bem não sou nenhum especialista em joalheira...

Mas, pelo visto, era um especialista em mulheres, ela pensou consigo mesma.

— Estes brincos são Apanhadores de Sonhos.

— Pois me dão a impressão de ser pequenas teias de aranha cheias de folhas.

— Então vou lhe contar a história dos Apanhadores de Sonhos. É uma das minhas favoritas. — Ellen sorriu e continuou. — Acho que a lenda se originou na parte nordeste do país. Os índios diziam que o Apanhador de Sonho filtrava todo sonho e só conservava os sonhos bons. Ele era em geral locado no berço dos bebês para protegê-los.

— E você acredita que esses brincos irão protegê-la de seus pesadelos?

Ela encolheu os ombros.

— Não custa nada tentar.

Rick lembrou-se do que Ellen lhe havia dito sobre seus pesadelos. Ele mesmo vinha tendo alguns nos últimos dias; o tempo estava se esgotando e não sabia como agir. Ellen afetava de um modo inédito. Na verdade, afetava qualquer pessoa que se aproximasse dela, levando-a a repensar os conceitos sobre o mundo e sobre si mesmos.

Por mais que quisesse negar, Rick não só se sentia atraído pela vitalidade de Ellen, como também percebia que essa qualidade começava a influenciá-lo em suas ações e no modo como encarava a vida. Era como se uma parte de seu ser muito enterrada, estivesse emergindo lentamente.

Não lhe escapara os progressos que os alunos de Ellen estavam fazendo a olhos vistos. Marta, a menina tímida que vira algumas vezes na sala de aula, agora tinha se soltado graças ao encorajamento e entusiasmo de Ellen. Que diabo, todas as crianças a adoravam.

Só que ele não era nenhuma criança. E, mesmo assim, Ellen fizera-o pensar sobre as possibilidades da vida, em vez de centrar-se apenas em suas limitações. Isso não significava que existisse a menor possibilidade, por mais tentadora que fosse de ele ter um romance com Ellen.

Além dos envolvimento amorosos serem um péssimo negócio, Rick não tinha a mínima vontade de se comprometer com ninguém. Sim, um romance entre eles era definitivamente impossível...

Distraído, viu uma gota de sorvete pingar no colo nu de Ellen e, num

impulso automático, estendeu o braço e usou o dedo indicador para limpar o sorvete que caíra perto do decote da camiseta. Imediatamente sentiu seu corpo inteiro latejar de desejo. O incidente no escritório de Ellen, em vez de saciar sua fome, só havia feito aguçá-la.

Com os olhos fixos nos dela, Rick levou o dedo à boca e sugou-o devagar.

O efeito daquele pequeno gesto foi fulminante para Ellen. Súbito, ela sentiu-se febril, e seu coração bateu descompassado.

Rick inclinou-se um pouco mais, fitando-a intensamente. Até que...

— Ei, vocês por acaso não vão se beijar, não é? Isso é coisa de idiotas! — Jordan exclamou.

Ellen endireitou-se com ar culpado e quase derrubou seu sorvete no chão.

— O que veio fazer aqui, Jordan? Pensei que tivesse ido passear com Willy e Celeste.

— Estou procurando um banheiro.

Nisso, Willy apareceu e repreendeu-o:

— Jordan, eu não lhe disse para não se afastar do grupo? Venha; os sanitários ficam do outro lado.

Tão rápido quanto havia surgido, os dois desapareceram pelo caminho pavimentado.

Ellen voltou a fitar Rick e estremeceu. Precisou de toda determinação para virar o rosto e escapar ao brilho hipnótico daqueles olhos azuis.

— Então... Gostou daqui, Rick?

— É legal.

— Legal? — Ellen virou-se incrédula para ele. — Legal?

— Você tem alguma coisa contra essa palavra?

— Sim... Quando é usada para descrever um cenário como este.

— E como você o descreveria?

— Magnífico. Impressionante. Inesquecível. Olhe à sua volta. O que você vê?

— Uma montanha com um pico nevado.

— Acontece que essa neve no topo da montanha é o maior sistema glacial dos Estados Unidos.

— Agora é você que está sendo analítica — Rick brincou.

Ellen ignorou-o e insistiu:

— O que mais vê?

— Pinheiros e grama.

— Grama? — Ellen fez uma careta de impaciência. — Aquilo é um prado. Acarpetado com flores silvestres.

— Acarpetado, hein?

— Isso mesmo. A área é famosa por suas flores nesta época do ano. Olhe com mais atenção. Não enxerga os pontos coloridos no meio da relva? Branco, rosa, vermelho, amarelo... Aquele prado é como uma tapeçaria ricamente bordada... Na verdade, vale muito mais que qualquer tapeçaria feita pela mão do homem! — ela declarou, arrebatada.

Rick sorriu diante do entusiasmo dela.

— Você não existe mesmo, Ellen.

— E nem você. Imagine só... Grama. Será que nunca se impressiona com nada?

Ela o impressionava, Rick pensou de si para si. O modo como Ellen se entregava à vida às vezes chegava a comovê-lo. Mas, obviamente, ele nunca lhe diria isso.

— No que está pensando? — ela indagou.

— No patê de fígado que havia na sua festa de aniversário — Rick mentiu. — Achei que você não comesse carne.

— E não como mesmo. Aquele era um patê de nozes.

— Deixe de história.

— É sério. Foi Willy que o preparou. Quer a receita? Misture nozes, uma cenoura, cebola, cascas de pão, molho de tomate e um pouco de alho. Passe tudo na centrífuga e leve ao fogo numa panela untada...

— Não quero nenhuma receita — ele replicou enfático.

— Ora... E por que não?

— Primeiro, eu não cozinho. Segundo, detesto nozes.

— Mas você comeu o patê de Willy ontem e até repetiu!

— Eu não sabia que era feito de nozes.

— Quem é que não está sendo lógico agora? — Ellen provocou.

— É tudo culpa da sua influência ilógica.

Ela não pôde deixar de rir da expressão acusadora de Rick.

— Eu bem que lhe disse que você iria mudar.

— O que a faz afirmar que eu mudei? Já lhe ocorreu alguma vez que eu posso estar muito satisfeito com meu jeito de ser?

Ellen não agüentou mais e deu uma risada.

— Não entre em pânico, Rick.

— Eu não sou de entrar em pânico.

— Não? Nem quando garotinhas usam vocabulário anatômico perto

de você?

— Aquela ruivinha é uma desbocada, isso sim.

— Sabe que ela gosta muito de você?

— Ah, Ellen, não me amole! — ele pediu, constrangido.

— Verdade. Índia me disse outro dia que gostava do homem que vivia fugindo dela.

Rick ficou rígido no banco. Carrancudo, protestou:

— Eu não fugi da ruivinha desbocada. Bem, talvez eu a tenha evitado...

— Ainda assim, ela gosta de você.

— Vai ver que é porque as pessoas tendem a procurar o que não está ao seu alcance.

Ellen olhou-o, pensativa.

— Está falando isso por experiência própria, Rick?

— Talvez. De qualquer modo, que tipo de mãe essa menina não deve ter! Imagine só, batizar a própria filha com o nome de um país! — ele disse sem esconder a irritação.

— Está tenso de novo. Relaxe e deixe as energias benéficas da montanha agir sobre seu corpo e sua mente. Um amigo meu acredita que as montanhas sejam uma fonte natural de força e rejuvenescimento.

— Isso é típico dos seus amigos.

— Você não acredita muito nessas coisas, não é?

— Não mesmo.

— Que pena.

— Já você acredita demais.

Ela recostou-se no banco e inspirou profundamente o ar puro.

— Estou apenas me iniciando nos mistérios do mundo. Há tanto para ver... E acreditar!

— Deus me livre. Se você ainda é só uma principiante, nós estamos em maus lençóis.

Ele estava em maus lençóis, Rick corrigiu-se mentalmente. Por mais que relutasse em admitir, sentia sua estabilidade ameaçada pela proximidade de Ellen.

Mais uma vez, ele fez a contagem de pontos: garota volúvel, três; detetive particular, zero. E olhe que já estavam no sexto round... Sim, decididamente, Rick estava começando a ficar preocupado. Muito preocupado...

Ao regressar para a Visão Interior, Rick usou o telefone público para checar as mensagens deixadas em sua secretária eletrônica. Para

variar, o velho Redmond havia deixado outro recado, dessa vez ainda mais breve que o anterior: "Seu tempo está acabando, Dunbar".

— Eu sei perfeitamente como consultar um calendário — ele murmurou, batendo o telefone.

Quando Rick chegou ao refeitório, quase todos tinham acabado de comer e estavam se dispersando. A irritação dele aumentou. Já estava suficientemente nervoso porque, a cada dia que passava Ellen o perturbava mais. Rick detestava ver suas prioridades e capacidade de raciocínio ser abaladas por um rabo-de-saia qualquer... Bem, Ellen não era exatamente um "rabo-de-saia qualquer", mas uma mulher sensível, criativa e muito peculiar.

Só que isso não justificava o fracasso dele em cumprir a missão para a qual o velho Redmond o designara. Na contagem de pontos do jogo Garota Volúvel versus Detetive Particular, ele continuava levando a pior, e isso eram inaceitáveis.

Porém... E se o que Ellen havia dito sobre seu pai fosse verdade, e não um simples exagero?

Será que ele teria coragem de levá-la de volta para os domínios de um tirano?

— Ei, Rick, quer comer alguma coisa? — Willy perguntou-lhe.

Ele na verdade queria respostas, mas, na falta delas, contentava-se com um jantar.

— Sente aí — disse Willy. — Preparei uma coisa especial para você. Não vai nem acreditar!

Rick suspirou. Já previa que a tal coisa especial seria alguma gororoba vegetariana preparada à base de legumes amassados ou, pior ainda, à base de tofu, aquele intragável queijo de soja que lhe dava calafrios. Entretanto, para sua surpresa, Willy colocou sobre a mesa um prato com um hambúrguer cheiroso e suculento.

A boca de Rick encheu-se instantaneamente de água. Ele cortou a carne tenra e deu um assobio.

— Willy, você é o máximo! Salvou minha vida!

— Shh! Não conte isso para ninguém. Especialmente para Ellen.

Rick assentiu e preparou-se para levar o primeiro bocado de carne à boca. Parou com o garfo no ar ao perceber que uma adolescente a poucos metros dali o encarava com ar desaprovado.

Ela não se fez de rogada e aproximou-se dele. Perguntou sem nenhuma cerimônia:

— Você já se deu conta de que isso é um cadáver?

— Ela é uma de suas filhas? — Rick indagou a Celeste, que estava ali perto limpando as mesas.

Celeste fez um sinal afirmativo, sem esconder uma ponta de orgulho, e Rick murmurou:

— Eu devia ter desconfiado...

— Pense nisso — a garota insistiu com um olhar carregado de censura. — Cadáveres.

— Não preciso pensar menina. Gosto de cadáveres. Bem-passados, de preferência.

— Pode me chamar de Ásia.

— Eu devia ter desconfiado — ele repetiu.

Rick fez uma careta. Primeira Índia, agora Ásia. No mínimo, as duas tinham uma irmã chamada Antártica...

— Tenho a impressão de que você não é uma pessoa muito amigável — Ásia observou.

— Ainda bem que você percebeu, para um bom entendedor, meia palavra basta.

— Acontece que eu gosto de pessoas que não são amigáveis. Elas são um desafio, entende? Foi Ellen quem me ensinou isso.

— Em se tratando de Ellen, isso era de esperar.

— Hum... Pois aqui todo mundo a adora. Você não gosta dela?

— Claro que sim. Ellen é uma santa. Um verdadeiro anjo de candura — Rick disse com um sorriso irônico.

Impaciente, ele se mexeu na cadeira. Não via a hora de aquela garota inconveniente sumir de suas vistas. Não queria falar ou pensar sobre Ellen. Simplesmente não tinha alternativa naquele caso. Suas contas precisavam ser pagas, certo? Ele não podia virar as costas e voltar para Seattle, por mais tentador que isso às vezes lhe parecesse.

Estava num impasse, e sua atual situação não o agradava nem um pouco.

— Você já nasceu mesquinho ou foi á vida que o fez assim? — Ásia questionou, medindo-o de alto a baixo.

Rick franziu o cenho e fulminou-a com o olhar.

— Sua mãe não lhe ensinou boas maneiras, menina?

— Claro que me ensinou. Eu sempre digo, por favor, e obrigada. E nunca minto. Você costuma mentir?

— Todo mundo mente — ele respondeu, pouco à vontade. — Escute você não tem nada melhor para fazer além de me aborrecer? Por que não vai dar uma volta para arejar a cabeça?

Ásia cruzou os braços numa atitude desafiadora. Seu rosto se iluminou com um sorriso peralta.

— Já que estamos falando nisso, eu vi você andando por aí à noite. Não consegue dormir?

— Tenho dormido pouco. Aqui é um lugar quieto demais... Especialmente quando crianças como você não aparecem para atrapalhar o meu jantar.

Para seu espanto, Ásia ficou com os lábios trêmulos e seus olhos se encheram d'água.

— Ei, menina, não vai chorar agora, não é? Ah, meu Deus... — Ele praguejou baixinho e mudou de tom: — Escute, eu sinto muito, Ásia. Ora, por favor, tenha pena de um velho faminto e cansado... Não comi carne a semana inteira. Tudo o que quero é jantar calmamente sem ter que ouvir comentários naturalistas da jovem guarda. Ok?

Para seu imenso alívio, ela enxugou as lágrimas e parou de soluçar.

— O que é jovem guarda? — perguntou.

— Deixe para lá. Isso não é do seu tempo.

Ásia pareceu finalmente perceber sua frustração e decidiu fazer uma trégua:

— Acho melhor deixá-lo comer seu cadáver em paz. Hum... Bom apetite.

— Muito obrigado — Rick replicou secamente.

Paz! Se ele conseguisse um pouco de paz, ganharia o dia. Chegara ao auge da tensão. Não tivera um minuto de sossego desde que chegara à Visão Interior.

A estada de Rick na Visão Interior estava chegando rapidamente ao fim. Em seu último dia, ele acordou tarde e aprontou-se às pressas para a aula de Byron, intitulada "Expressões em cerâmica".

Rick sentou-se a um canto, tendo à sua frente um tablado com um monte de argila. Começou a manuseá-la ao acaso, como um autômato, enquanto seus pensamentos voavam para Ellen e para a lembrança do corpo dela junto ao seu...

Ainda estava tonto de sono graças a mais uma noite mal-dormida. Com um movimento brusco, ele inadvertidamente arruinou a escultura que estivera tentando fazer. Não se conteve e praguejou de frustração. De todas as aulas a que assistira naquele centro, as de trabalhos manuais e artes eram as mais difíceis para ele.

Rick havia tentando de tudo: pintara aquarelas sob a supervisão de Guido, com resultados bastante duvidosos; suas pinturas mais pareciam

borrões de tinta aguada que qualquer outra coisa.

Na aula de tecelagem com Celeste, ele acabara ficando mais interessado no funcionamento do tear do que no trabalho propriamente dito. No final, as sessões com Byron eram mesmo as mais divertidas.

Na primeira aula de cerâmica, Rick havia ficado olhando para a argila durante quinze minutos, sem saber ao certo o que fazer. A única coisa que lhe ocorria era atirar aquele monte de barro na parede mais próxima. Notando sua indecisão, Byron sugerira-lhe que reproduzisse alguma coisa de que gostasse. Rick então resolvera moldar um carro esporte e, surpreso, constatara que sua escultura realmente se parecia com um carro.

Naquele último dia, porém, ele estava muito apreensivo e não conseguia se concentrar. Sua mente fazia toda sorte de manobras para encontrar uma solução para a questão da captura de Ellen.

Talvez fosse necessário inscrever-se em outras atividades do centro e prolongar sua estada por mais uma semana.

Absorto em suas reflexões, Rick não notou quando Byron parou a seu lado, avaliando seu trabalho. Ao cabo de um minuto, ele disse:

— Gostei do seu busto.

Rick imobilizou-se e virou lentamente a cabeça.

— O quê?

— O trabalho que você está fazendo. Toda escultura que reproduz só a cabeça e os ombros é chamada de busto. Você fez uma mulher, certo? Quem é ela?

— Não sei... Acho que ninguém em especial.

— Muito bem feita. Para mim, ela se parece com Ellen. Mas tenho certeza de que isso foi uma mera coincidência...

Com um sorriso cúmplice, Byron afastou-se e foi ver o trabalho de outro aluno.

Rick analisou a figura de argila que tinha diante de si. De fato, parecia-se muito com Ellen.

Tinha cabelos encaracolados, olhos grandes e lábios cheios. Rick não sabia explicar como á moldara. Suas mãos haviam trabalhado por si mesmas enquanto ele estivera pensando no caso e... Voilà!

— Como vão às coisas, Rick? — Ellen perguntou às suas costas.

Primeiro Byron conseguira apanhá-lo em flagrante. Agora Ellen. Decididamente, seus reflexos estavam falhando, Rick pensou com desgosto.

— Vão bem — ele resmungou. — Vão muito bem.

— O que está fazendo? — Ellen quis saber, espiando por cima do ombro dele.

— Nada.

Rick mais que depressa amassou a argila e destruiu a escultura. Pronto, não havia mais nenhum "busto" à vista, embora ele pudesse sentir os seios de Ellen roçando em seu ombro quando ela se inclinou para tentar ver a escultura que já nem existia mais.

Ellen poderia jurar que sua presença ali estava desagradando Rick. Deu de ombros e declarou:

— Pode voltar a fazer "nada" então. Não vou mais incomodá-lo. — Ela virou-se para Byron e perguntou: — Posso usar a roda de cerâmica que está no galpão dos fundos?

— Claro; Ellen. Vá em frente.

— Obrigada.

Durante os minutos finais da aula, Rick foi incapaz de moldar o que quer que fosse. Ellen estava por perto, e ele podia sentir isso em cada fibra de seu corpo... Em cada fibra dolorida, fervilhante e alerta de seu corpo...

Talvez fosse hora de concentrar-se, de uma vez por todas, na missão que o trouxera ali.

Afinal, lembrou-se, tinha contas a pagar. A proposta era apanhar Ellen, não ser apanhado por ela!

Imbuído dessa determinação, Rick marchou até o galpão onde ela estava.

— Quero que me explique uma coisa. Como é que moldar um punhado de argila vai me tornar um executivo mais eficiente? — ele perguntou para puxar conversa.

— É simples. Você precisa prestar atenção nos objetos para poder reproduzi-los, seja no papel, seja na argila. Portanto, fazer esculturas é uma atividade que aguça o senso de observação.

Ele ficou olhando as mãos de Ellen trabalhar na argila úmida que girava na roda, sentindo sua textura lisa, dando-lhe forma... Da mesma maneira como ele gostaria de sentir a curva suave dos seios dela e a textura de suas coxas arredondadas...

Rick cerrou os punhos, contrariado. Droga! Estava acontecendo de novo! Ele tinha se distraído mais uma vez.

Bem, talvez tivesse chegado o momento de ele distrair alguém.

— Você tem jeito para isso — comentou, aproximando-se de Ellen.

— Isso o quê? — ela perguntou, olhando-o de relance.

— Vasos de cerâmica.

— Vasos de cerâmica ou desastres de cerâmica? Ora, vamos, sei muito bem quando estão gozando de mim! E, se quer saber a verdade, sou péssima nisso... — Ellen declarou quando o vaso despencou e se transformou num amontoado sem forma. — Não consigo pegar o espírito da coisa. Byron já me deu uma porção de dicas, mas...

— Deixe-me tentar — Rick disse, sem dar-lhe chance de protestar.

Ele apanhou um banco e sentou-se bem atrás dela.

— Veja, curve suas mãos gentilmente sobre o barro. Assim... Isso mesmo — Rick entrelaçou seus dedos aos dela numa carícia dissimulada. Apoiou o queixo no ombro de Ellen e sussurrou: — Se não usar força, vai conseguir moldar a argila nos mais diversos formatos. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Tudo o que Ellen ouvia naquele momento eram as batidas desencontradas de seu próprio coração. Os braços de Rick a envolviam com seu calor e o hálito morno dele provocavam-lhe arrepios. Para piorar a situação, ele começou a alisar a parte interna de seus pulsos com os polegares, fazendo-a suspirar languidamente.

Ellen recostou-se no peito dele e atirou a cabeça para trás, sentindo as coxas de Rick apertadas contra seus quadris. Rick roçou os lábios em sua nuca e beijou-lhe o pescoço, os ombros, o lóbulo da orelha... O poderoso magnetismo daqueles beijos tomou conta de Ellen. Ela reclinou um pouco mais a cabeça e permitiu que os lábios de Rick alcançassem os seus. A partir daí, perdeu toda a noção de tempo e espaço. Pensou vagamente que não deveriam estar fazendo aquilo bem ali.

Depois não pensou em mais nada...

— Como vamos indo na roda de cerâmica? — Byron perguntou, entrando no galpão. — Hum, pelo jeito vamos indo muito bem, hein?

— Byron! — Ellen quase gritou.

Ela se endireitou e puxou seu banco para frente, num esforço para desvencilhar-se dos braços de Rick.

— Tarde demais, Ellen. Ele já nos viu — Rick murmurou em seu ouvido.

Ela também tinha o pressentimento de que era tarde demais. Tarde demais para dizer a si mesma que pretendia dar uma lição em Rick. Tarde demais para acreditar nisso.

— Como acha que Rick se saiu nos nossos cursos? — Ellen perguntou a Sharon quando as duas saíram do refeitório após o almoço.

— Bom, no início ele relutava em participar das atividades propostas em aula. Não parecia muito interessado no que eu tinha a dizer nos seminários. Mas, mesmo assim, fez algumas sugestões muito interessantes. De qualquer maneira, eu a aconselharia a falar com Byron. Acho que ele conseguiu melhores resultados do que eu.

— Sem dúvida, isso deve ter algo a ver com cumplicidade masculina.

— Pode ser... Sabe Rick não é nem um pouco acessível. Tem muitos preconceitos e seus pontos de vista são sempre os mais tradicionais possíveis. Isso representa um bloqueio sério, porque criatividade e conformismo são duas coisas incompatíveis.

— Está me dizendo que Rick é um conformista?

— Estou. Você não concorda?

— Eu não o definiria de uma forma tão simples. Ele dá a impressão de ser durão e analítico, mas, no fundo, não é...

— Não é o quê? Durão e analítico? — Sharon perguntou num tom zombeteiro.

Ellen balançou a cabeça, com os olhos fixos num ponto inexistente.

— Ah, Sharon, Rick não é o homem inflexível que aparenta ser.

— Sim. Ele certamente é cativante. E rápido.

— Muito rápido — Ellen concordou, sorrindo com seus botões ao lembrar-se de como Rick a acariciara dias antes, em seu escritório. Ele certamente não perdera tempo...

Pelo jeito, as emoções mais íntimas dela transpareceram em seu olhar, pois Sharon franziu a testa e perguntou:

— Não me diga que você e Rick...

Antes que Ellen pudesse negar qualquer coisa, Índia apareceu e puxou a manga de sua túnica.

— Tia Ellen, eu tenho uma vagin...

— Ei, olhe só para isso! É o seu novo brinquedo? Que lindo! — Sharon interrompeu-a e apontou para a bola colorida que a menina segurava.

Índia sorriu encantada.

— É sim. Uma linda bola. Agora vou brincar com ela. Tchau.

— Tchau — Ellen repetiu.

Depois que a menina se distanciou, Sharon deu um suspiro.

— Pode me chamar de antiquada, mas ainda não consegui me acostumar com crianças que usam esse tipo de vocabulário anatômico.

— Não é só você que tem problemas com isso. Rick também fica

histórico com as declarações de Índia.

— Ah, não! Não venha me dizer que Índia andou falando essas coisas na frente de nossos hóspedes! Ellen, você me prometeu que pediria a Celeste que mantivesse a filha longe dos participantes!

— Eu falei com Celeste...

Ellen calou-se ao ouvir o ronco do motor de um caminhão de entregas. O veículo estava se dirigindo à entrada dos fundos do refeitório. Com o rabo do olho, ela viu Índia correndo atrás da bola colorida, sem perceber o veículo que avançava em sua direção.

Rick recolocou o telefone no gancho. No mesmo instante, viu Ellen correndo como uma doida varrida na direção de um caminhão em movimento.

Ele estava longe demais para detê-la e ficou ali, olhando-a com o coração apertado. Ellen agarrou a ruivinha desbocada e empurrou-a para o meio-fio. Uma fração de segundo depois, o caminhão passou chispando. Ela e a menina desapareceram atrás de sua pesada carroceria.

O coração de Rick falhou uma batida. E se Ellen tivesse sido atropelada? Ele não rezava desde a morte de sua mãe, mas dessa vez, no auge do desespero, fez uma prece desajeitada com todo fervor. Precipitou-se na direção de Ellen e da menina, repetindo incessantemente: Faça com que ela esteja bem. Por favor, meu Deus, faça com que ela esteja bem!

E então Rick a viu, apoiada a uma árvore, as faces pálidas e a respiração pesada. Ele sentiu uma pontada no peito e correu para ela.

— O que deu em você para se atirar na frente daquele caminhão? Enlouqueceu de vez? Como pôde fazer algo tão estúpido? — Rick gritou, fora de si.

Ainda trêmula Ellen olhou-o timidamente.

— O que estava tentando fazer? Se matar?

— Não. — Ellen entregou Índia para a mãe, que acabara de chegar. — E melhor levá-la para o escritório, Celeste.

Em estado de choque, Celeste limitou-se a menear a cabeça e pegou a menina pela mão.

— E então? Vai responder ou não? O que deu em você? — Rick vociferou.

— Pare de gritar, Rick. Eu... Acho que preciso sentar um pouco. Minhas pernas estão bambas...

Antes que ela sequer fizesse menção de se agachar ao pé da

árvore, ele estreitou-a nos braços, quase a sufocando.

— Você está bem, Ellen? Não se machucou?

— Não se preocupe. Só estou tremendo um pouco, mas não é nada grave.

Rick não ficou muito convencido e suspendeu-a do chão. Com passadas largas, cobriu a curta distância até o chalé dela.

— Você podia ter morrido, sabia? — disse com ar de censura.

— Eu sei... Só agora percebo que aquele caminhão só não me atropelou por um triz.

— Então por que pulou na frente dele?

— Por causa de Índia. Ela estava brincando com uma bola e não viu o caminhão se aproximando. Se eu não a tivesse empurrado para o lado, ela estaria ferida a esta altura.

— Você também poderia estar ferida. Ou morta. Não pensou nisso?

— Será que não entende Rick? Não tive tempo de pensar em nada. Você teria feito a mesma coisa se estivesse em meu lugar.

— Não teria, não.

— Teria, sim. E pare de bancar o durão cínico.

— Estou vendo que você está ficando cada vez mais petulante — ele replicou com rispidez.

— Você teria feito o mesmo — Ellen obstinou-se. — Tenho certeza de que não iria ficar de braços cruzados.

Rick fez uma careta.

— Ah, é? E o que acha que eu sou? Algum cavaleiro da Idade Média que usa armadura e salva jovens indefesas?

Ela percebeu quanto Rick estava transtornado e achou melhor não discutir. Ficou quieta até chegarem ao chalé.

Ele empurrou a porta com o pé e levou-a diretamente para o sofá.

— Como se sente?

— Um pouco nervosa... Deve ser reação retardada. Talvez seja bom tomar um banho para relaxar.

— Tem certeza de que não vai cair no chuveiro?

Ellen riu da preocupação dele e afagou-lhe os cabelos.

— Não se preocupe comigo. Vou tomar um banho de banheira.

— De qualquer modo, ficarei aqui para o caso de algum imprevisto. Por precaução, é aconselhável deixar a porta do banheiro destrancada.

— Promete que não vai me espionar?

— Palavra de escoteiro.

— Você foi escoteiro? — ela perguntou, parando à porta do

banheiro.

— Não.

— Bem, isso não muda nada. Ainda acho que você teria feito o mesmo que eu para salvar Índia.

Quando ela fechou a porta, Rick murmurou com seus botões:

— Então você tem mais fé em mim do que eu mesmo.

Ao que parecia, Rick também estava tendo uma espécie de "reação retardada". Suas mãos tremiam incontrolavelmente e ele afundou no sofá, dominado por um súbito mal-estar.

Ele nem se deu ao trabalho de buscar pretextos para sua reação. Não havia mais como negar a verdade.

Quando vira Ellen em perigo, todas as suas emoções cuidadosamente reprimidas vieram à tona com uma intensidade avassaladora. E Rick se deu conta de que não sentia apenas atração física por aquela mulher.

Ellen não se demorou muito no banho. Antes que Rick se refizesse do susto e fosse capaz de encará-la novamente, ela abriu a porta do banheiro. Por um instante, sua silhueta esguia ficou emoldurada pelos batentes de madeira clara.

Não escapou a Ellen a emoção nua e crua que turvava os olhos azuis de Rick. Ela havia se enrolado em um roupão de seda curta, que farfalhava e tremulava na mesma cadência de sua respiração entrecortada. Passou a língua nos lábios ressequidos e teve medo de ser tragada para as profundezas desconhecidas e ardentes daqueles olhos que a fitavam.

Ela o queria para si. Por inteiro. Não se tratava simplesmente de um desejo físico. Era... Algo mais. Algo especial. Então, sem pensar, deu um passo à frente e abriu os braços para Rick.

Num átimo, ele estava diante dela, abraçando-a com paixão, quase desespero. Ellen apertou-o contra si e escondeu o rosto em seu peito.

Num acordo mudo, os dois se dirigiram para o quarto. Rick empurrou-a para a cama de casal, prendendo as mãos dela nas suas.

— Você me deixou maluco desde o primeiro dia em que a vi — sussurrou com voz rouca, os olhos cintilando como duas estrelas de fogo.

Ele se curvou e beijou-a na boca. Devagar, cheio de delicadeza. Aos poucos seu beijo tornou-se provocante, persuasivo, embora não houvesse mais necessidade de persuadi-la de nada. Rick mostrava-se terno num momento em que Ellen se preparava para uma investida

brusca e impaciente. E ela literalmente se derreteu nos braços de dele. Retribuiu ao seu beijo com idêntica paixão, fazendo-o arquejar e experimentar uma onda imperiosa de desejo.

Ele lutou desajeitada mente para abrir seu robe e praguejou de frustração. Com gestos frenéticos, ela ajudou-o a desatar o cinto do robe...

Rick afastou-se um pouco e abriu-lhe o roupão com todo o cuidado, como se estivesse desembulhando um presente frágil e precioso. Ellen estremeceu ante a força dos sentimentos que a dominavam.

— Está com frio? — ele perguntou-lhe.

— Você acha que eu estou fria? — Ellen replicou num fio de voz, atraindo as mãos dele para seus seios nus.

— Não... Você está quente. Muito quente...

Rick sorriu, numa mescla indescritível de doçura e volúpia, e inclinou-se para pousar os lábios onde suas mãos haviam estado. Ellen crispou as mãos na colcha e fechou os olhos. Sua pele parecia queimar sob a língua que habilmente a torturava com carícias ora sutis, ora selvagens. Ela arfou. Estendeu um dos braços e cravou as unhas nos ombros de Rick. Em breve, atingiu as fronteiras entre o deleite e a agonia, e arqueou o corpo para roçar os seios no peito musculoso de seu amante louco, doce, endiabrado. Seu sexo resvalou no dele e, de repente, os dois já não podiam mais esperar um segundo que fosse.

Ellen despiu o roupão e Rick livrou-se de suas roupas com mãos ansiosas, sem interromper o beijo desvairado que os unia. Depois seus corpos fundiram-se num abraço que os lançou nas tortuosas trilhas de um desejo sem limites. E seus beijos foram se multiplicando, um mais intenso que o outro.

Rick deslizou as mãos pelas curvas do corpo dela, tateando a pele aveludada como um pêssago maduro, explorando todos os pontos sensíveis, apertando os ossos que despontavam sob a carne tenra e maravilhando-se com sua fragilidade.

— Meu Deus... E pensar que você poderia ter morrido... — ele murmurou, parando momentaneamente de beijá-la. — E se o caminhão a atropelasse? Ah, Ellen, você foi muito imprudente...

— Está tudo bem. — Ela correu os dedos por suas costas largas, fazendo-o estremecer. — Está tudo bem, Rick.

— Não, não está...

Rick inclinou-se e depositou um beijo úmido no vale entre os seios dela. Ellen foi sacudida por uma risada baixa e sensual.

— Está sim. Isso é ótimo...

— Hum... Ótimo — ele concordou, passando a língua de leve no pescoço dela.

Depois não houve mais tempo para falar. Rick rolou para o lado e apanhou um preservativo no bolso da camisa. A seguir, possuiu-a com um movimento enérgico que lhe incendiou o corpo.

Ele olhou-a nos olhos para ver qual era sua reação. Ellen sorriu-lhe tenuemente, transfigurada de paixão. Ela sentia todos os músculos de seu corpo vibrando com pequenos espasmos de prazer.

Com um gemido surdo, enlaçou as pernas ao redor de Rick e cerrou os dentes para não gritar.

Estava perdendo o controle, murmurando palavras sem sentido, murmurando o nome dele...

E, de repente, mergulhou em ondas de êxtase. O tempo pareceu parar. O prazer varreu seu corpo com um turbilhão de sensações.

Ofegante, Rick retesou-se e fechou os olhos. A força de seu orgasmo fez com que cerrasse os maxilares e tombasse sobre Ellen. Ela semicerrou as pálpebras e, sem que percebesse, seu corpo começou a convulsionar de novo...

Quando tudo terminou, Ellen teve certeza de que jamais se esqueceria daquele dia. A partir daí, sua vida nunca mais seria a mesma.

Já passava das nove horas. Como tinham perdido o jantar no refeitório, os dois fizeram um assalto à geladeira de Ellen. Depois voltaram para a cama.

— Preciso lhe contar uma coisa... — Rick disse baixinho, enquanto roçava os dedos no braço dela.

— O que é?

Por um breve instante, ele sentiu-se tentado a confessar-lhe a verdade. Mas seu impulso logo cedeu terreno ao pânico quando imaginou qual seria a reação de Ellen ao descobrir que ele era um detetive incumbido de levá-la de volta para Seattle. Então, em vez de dizer a verdade, Rick murmurou:

— Eu... Estava pensando nas suas ferramentas.

— Nunca ouvi ninguém chamar meus seios assim — ela disse com uma risada irreverente.

Foi só aí que ele percebeu que sua mão tinha pousado na curva do seio de Ellen. Sorriu, sem jeito.

— Ah, deixe de ser boba... Pode parecer incrível, mas eu realmente estou me referindo às ferramentas que você guarda naquele saco.

— Hum. Será que você vai sugerir alguma prática erótica com aquelas ferramentas?

— Não. Eu lhe sugiro que as coloque em outro lugar.

— Sei, sei.

— Verdade, Ellen. Um saco de lona não é apropriado para guardá-las. Elas soltam graxas, às vezes enferrujam...

— Quer dizer que meu saco de lona não é apropriado, certo?

— Certo.

— E quanto a isso... — Ellen pousou a mão no sexo dele. — Acha que é apropriado?

Rick teve um arrepio e semicerrou os olhos.

— Ainda está falando de ferramentas? — ele indagou.

— Bem, digamos que estamos falando da manipulação apropriada das suas... Ferramentas.

Ele gemeu quando Ellen fechou a mão em torno de seu membro ereto e começou a estimulá-lo.

— Esta ferramenta, em particular, requer uma manipulação... Muito especial Ellen...

— Ah... E aposto que precisa também de certa cobertura... Para protegê-la da ferrugem, é claro. — Ela umedeceu os lábios e aumentou a pressão de sua mão.

Passados alguns minutos, Rick sentiu que estava prestes a ter um orgasmo. Obrigou Ellen a deitar-se de costas e cobriu-a com seu corpo.

— Hora de pôr minha ferramenta para trabalhar...

Ele possuiu-a com uma vigorosa estocada, chegando ao âmago de sua feminilidade. Ellen ergueu os quadris para recebê-lo, e os dois iniciaram uma coreografia sincronizada de movimentos sensuais, delirantes, arrebatados...

Depois do clímax, ficaram abraçados em silêncio, ouvindo o cricri dos grilos e o sopro da brisa nas árvores. Ellen sorriu, satisfeita, e sussurrou:

— Você é um mestre de ferramentas, Rick...

Na penumbra do quarto, ela não viu a expressão preocupada dele. Naquele momento, Rick estava às voltas com um impasse aparentemente insolúvel.

— Você não vive dizendo que eu preciso tirar umas férias? — Ellen perguntou a Celeste, passando uma camada generosa de mel numa fatia de pão recém-saído do forno. — Pois bem, vou seguir seu conselho. Ficarei dois dias de folga. Gostaria que você e Guido me

substituíssem nas minhas aulas de amanhã.

— Claro, não há problema. Está pensando em viajar hoje?

— Sim. Vou acampar.

— Que ótimo! Tenho certeza de que lhe fará muito bem.

— A propósito... Rick vai comigo — Ellen falou, mastigando um bocado de pão.

— O que foi que disse?

— Rick vai comigo. Consegui tirar alguns dias de folga também.

— Ele vai acampar com você?

— Isso mesmo. Ah, Celeste, vai ser maravilhoso...

Ela suspirou e deu mais uma dentada no pão. A amiga olhou-a com ar intrigado.

— Tenho a impressão de que já está sendo maravilhoso; Ellen. Ei, você está enrubescendo! Nunca a vi corar antes.

— É, tem razão. Na verdade, eu nunca me senti assim.

— Parece que foi fígada mesmo, não?

Ela assentiu com expressão sonhadora.

—E, pela cara que Rick fez ontem quando você quase foi atropelada, parece que ele também sente o mesmo. Aliás, pensando nisso, eu disse ontem a todo mundo que você estava em ótimas mãos — Celeste contou.

— E estava mesmo!

A declaração enfática escapou dos lábios de Ellen sem querer. Ela olhou a amiga, hesitante. E logo em seguida as duas desataram a rir.

— E então, Ellen, não vai entrar em mais detalhes? Por que resolveu acampar com Rick?

— Ele nunca acampou. Tenho certeza de que vai se divertir. Bem, Celeste, agradeço o seu apoio. E conto com sua discrição!

— Alguma instrução especial?

— Não quero que ninguém saiba onde estou indo. Você conhece muito bem Guido e Byron. Vão ficar indignados e fazer o maior estardalhaço. Pior ainda, podem até tirar satisfações com Rick.

— Se é que ainda não fizeram isso — Celeste frisou.

— Não, não. As pequenas indiretas e advertências dos dois não são nada. Ainda não sabem que estou intimamente envolvida com Rick. Meu relacionamento com ele é muito recente e... Eu preferiria mantê-lo em segredo por mais alguns dias, até me acostumar melhor com a idéia.

— Não se preocupe. Além disso, eu confio em você. Nunca teria se envolvido com Rick se não acreditasse que essa relação tem futuro.

— É o que eu espero, amiga.

— E eu também. É melhor Rick tomar muito cuidado para não cometer nenhum deslize — Celeste alertou, ficando subitamente séria.

— Ainda não entendi por que vamos acampar — Rick disse quando já estavam a uma distância segura da Visão Interior.

— Se continuássemos no centro e Guido flagrasse você deitado na minha cama, ele provavelmente ficaria muito exaltado — Ellen explicou.

— Você está sendo otimista. Na certa ele já iria cometer assassinato logo de cara... — Rick observou bem-humorado. — Agora, sobre essa história de acampar, é bom que saiba que meu conceito de vida selvagem é ficar a mais de dois quilômetros de um supermercado.

Ellen deu uma gargalhada e atirou a cabeça para trás, sentindo o vento em seus cabelos.

— Hora de expandir seus horizontes, Rick.

— Ok. Só vou fazer mais uma pergunta: por que não viemos no meu carro?

— Porque passaremos por caminhos muito acidentados. Você devia se sentir honrado por eu deixá-lo dirigir meu jipe. Tenho muito ciúme do meu carro e não é qualquer um que põe a mão nele.

— Pois estou honradíssimo em dirigir esse jipe amarelo que mais parece uma abelha-rainha.

— Escute aqui, seu carro não é exatamente um modelo esportivo. Agora pare de reclamar. Eu até sintonizei o rádio num jogo de beisebol só para agradar você! E olhe que não estou entendendo absolutamente nada. Para mim, parece grego.

Rick despenteou-a com um gesto carinhoso e voltou a se concentrar na estrada.

— É por causa da estática, Ellen. As estações de rádio não pegam muito bem nas montanhas.

— Não estou me referindo à recepção. O jogo é que é incompreensível para mim. Que tal se me explicasse qual é a dinâmica da coisa?

— Já que você gosta tanto de citações, aqui vai uma sobre beisebol: "E como a igreja. Muitos cultuam, mas poucos entendem".

— Isso quer dizer que você também não entende nada das regras do beisebol?

— Claro que eu conheço as regras. Mas são muito complicadas...

— Complicadas para quem? Para uma mocinha delicada como eu? — ela interrompeu-o, esboçando um sorriso açucarado.

— Beisebol é esporte de homens.

— Assim como o seu interesse pelo bem-estar das minhas ferramentas?

— Exato.

Ela encolheu os ombros e olhou a paisagem através da janela.

— Se isso o faz sentir-se melhor, pode guardar os mistérios do beisebol para você mesmo. Eu, de qualquer modo, prefiro o futebol.

Rick olhou-a de relance e meneou a cabeça.

— Não entendo como pode gostar de futebol. É um esporte violento.

— Isso eu não posso negar.

— Mas não é você que vive defendendo os ideais pacifistas? Quase me pôs de castigo só porque eu me meti numa briga — ele observou, divertido.

— É inexplicável. Eu não gosto mesmo de violência. Mas adoro futebol. De qualquer modo, nunca fui uma pessoa das mais coerentes.

— É verdade. Mesmo nos seus piores dias, ninguém poderia acusá-la de ser coerente.

Ellen virou-se para ele, um sorriso enigmático pairando em seus lábios.

— Claro, sou coerente à minha maneira, Rick... Ei; estamos chegando. Diminua a marcha e vá pegando a outra pista. Vire a direita naquele atalho.

O carro entrou numa estrada de terra e começou a chacoalhar como uma bateadeira de bolo.

— Mas... Isso não é uma estrada. É uma cratera lunar! — Rick exclamou com um assobio.

— Viu só? E por isso que viemos em um carro com tração nas quatro rodas. Vá devagar e tudo correrá bem.

Sim, Rick planejava ir devagar com Ellen e fazer amor com ela até o amanhecer. Com certeza, tudo correria muito bem... Minutos depois, ela disse-lhe para parar o carro.

— Pronto Rick. Chegamos.

— É aqui que vamos acampar? — ele perguntou, olhando a vegetação densa em torno de si.

— Não. A partir daqui teremos que seguir a pé.

— O lugar fica muito longe?

— Não. Andaremos cerca de um quilômetro. Mas você vai adorar! Imagine; só nós dois no coração da natureza, ao lado de uma fogueira, deitados juntinhos no saco de dormir... Vai ser o máximo!

— É o que você diz — ele murmurou com ar de dúvida.

Os dois começaram a descarregar o carro.

— Você vai se maravilhar com a paisagem — Ellen comentou enquanto colocava sua mochila às costas.

— Prefiro olhar para você.

— Eu estava falando de mim — ela replicou com um sorriso cheio de malícia.

Antes de iniciarem a caminhada, Ellen estendeu-lhe um vidro de repelente de insetos:

— Passe um pouco disto nos braços.

E a caminhada começou.

Aquilo definitivamente não era o que Rick tinha em mente. Quem, em sã consciência, gostaria de passar um fim de semana romântico com repelente de insetos nos braços, carregando mochilas no meio de um punhado de árvores? Ele decidiu que precisava de um pouco de inspiração para se animar.

— Me fale mais sobre a paisagem, Ellen.

— Ah, não haverá obstáculos. São muitas terras nuas... Prontas para serem exploradas.

— Terra nua é?

— Sim. Exceto por um oásis de cetim preto...

— O que estamos esperando então? — Rick deu-lhe a mão e sorriu.

— Vamos checar essa paisagem agora!

— Calma. Lembre-se de que a paisagem não vai fugir de você.

— Eu sei. Mas será que você e a sua paisagem não poderiam andar mais depressa?

— Ora, Rick, aí não teria nenhuma graça. A grande diversão de caminhar por trilhas no mato é aproveitar o passeio... Entrar em comunhão com a natureza.

— Tem certeza de que não haverá outras pessoas no lugar onde vamos acampar?

— Tenho. Trata-se de uma propriedade particular. A entrada de estranhos é estritamente proibida.

Ele franziu as sobrancelhas. Diminuiu o passo, apreensivo, e segurou-a pelo braço.

— Espere aí. Se for proibida a entrada de estranhos, como é que vamos entrar lá?

Ellen deu de ombros e recomeçou a andar.

— Eu sou a proprietária do terreno. Para ser mais exata, a Visão

Interior é dona dessas terras. Como sou a diretora do centro, não há com que se preocupar. Tudo sairá bem. Só precisamos tomar cuidado com as plantas venenosas.

— Não sei por que, mas a idéia de ficar num hotel me atrai cada vez mais...

— Você nunca ficaria tão perto da natureza se estivesse num hotel. No máximo, teria que se conformar com carpetes de cores berrantes e móveis empoeirados. Pense em como será maravilhoso sentir o perfume das flores e olhar as estrelas!

— Pensei que iríamos dormir numa barraca.

— Ah, eu trouxe uma barraca também. Por sinal, você a está carregando.

Rick achou aquela informação bastante esclarecedora. Então era por isso que aquele saco de lona dava a impressão de ter sido enchido com pedras. Ele se sentiu o próprio burro de carga.

— Tem certeza de que sua mochila não está pesada?

— Tudo bem. Costumo carregar o dobro de peso todos os dias quando estou no meu escritório — ele disse com ironia.

— Já estamos quase chegando — Ellen assegurou-lhe.

— Tudo bem.

Talvez ela tivesse mesmo razão. A verdade é que, quando chegaram ao seu destino, Rick estava se sentindo o próprio homem de Neandertal, um grande explorador de montanhas desconhecidas. Só ele e a imensidão da natureza. Daniel Boone com uma barraca de lona nas costas.

Ele se livrou de sua carga e abriu os braços, respirando o ar fresco. Depois se virou para Ellen e declarou prático:

— Vamos fazer uma divisão de tarefas. Você prepara o jantar e eu armo a barraca.

— Tem certeza? Você nunca fez isso antes...

— Ora, Ellen. Não pode ser tão complicado armar uma barraca. Afinal, não estamos falando de construir uma nave espacial!

Mas Rick logo descobriu que era mais difícil lidar com aquele amontoado de ferros, cordas e lona do que regular o motor de seu carro ou programar o aparelho de vídeo para gravar um filme na tevê. Entretanto, não estava nem um pouco inclinado a admitir seu fracasso. Não seria uma tranqueira daquelas que iria derrotá-lo.

Enquanto isso, Ellen já havia conseguido apanhar gravetos secos e estava acendendo uma fogueira. Vendo que ele ainda não tinha passado

do estágio de fincar estacas no chão, ela gritou-lhe:

— Tem certeza de que não quer ajuda Rick? Eu poderia...

— Não precisa me ajudar. Eu me arrango — ele replicou, no mesmo momento em que uma das estacas recém-colocadas se soltou.

Bem ou mal. Rick acabou conseguindo montar a barraca. Limpando nas calças a poeira das mãos, ele chamou Ellen para contemplar sua "obra-prima".

— Viu só? Eu não disse que ia conseguir?

— Ficou perfeito — Ellen elogiou, embora um dos lados da barraca estivesse ligeiramente mais inclinado que o outro. — Vamos comer?

— Ora, se vamos! Estou morrendo de fome. O que temos para o jantar?

— Espetos variados. Berinjela, brócolis, batata-doce, cenoura, carne de soja e, de sobremesa... marshmallows assados.

Os dois se ajoelharam ao pé do fogo e fizeram uma alegre refeição. Demoraram-se na sobremesa, segurando cada qual o seu espeto com um marshmallow tostado na ponta. Entre um bocado e outro, foram trocando beijos adocicados, e não demorou em que se esquecessem de vez da comida.

Rick passou a língua em toda a extensão do pescoço dela, terminando na orelha pequena e delicada. Ellen estremeceu. Estava começando a ficar atordoada de novo... E eles ainda nem estavam se beijando de verdade! Fazer amor com Rick, na realidade, só contribuía para aumentar a atração que sentia por ele.

Mas isso só acontecia porque sentia algo muito mais forte do que simples atração. Algo que a fazia querer cuidar de Rick, ficar á seu lado e acordar todas as manhãs na mesma cama que ele.

Rick afastou-se um pouco para fitá-la. Ellen perguntou-se se ele seria capaz de adivinhar seus pensamentos e não fez nenhuma tentativa de escondê-los. A luz incerta do fogo dançava no rosto de Rick, conferindo-lhe uma aura de sensualidade e mistério enquanto ele desabotoava sua blusa devagar.

— Esta fogueira está me deixando acalorado. E você? — ele sussurrou.

— Isso está me deixando acalorada — Ellen disse, passando a mão de leve no cóis da calça jeans dele.

Rick gemeu e semicerrou as pálpebras.

— Se está com tanto... Calor, por que não tira a camisa, Rick?

Ela ajudou-o a despir a camisa, e as mãos de ambos se enroscaram

aqui e ali enquanto lutavam com os botões.

Ellen havia trazido o saco de dormir para junto do fogo, e os dois mais que depressa se deitaram nele.

Rick explorou a suavidade dos seios dela com as mãos e com a boca. Abriu lentamente o zíper da calça de Ellen e desnudou-lhe as pernas esguias. Ellen, muito prestativa, ajudou-o a livrar-se de sua calça também.

Estirando-se ao lado de Rick, ela desenhou um mapa imaginário no tórax musculoso, usando os lábios e a ponta dos dedos. Foi de leste a oeste, de norte a sul...

— Quero estar dentro de você — Rick murmurou.

— E por que não faz o que tem vontade? — Ellen perguntou num tom provocante.

— Ah, porque ainda temos um obstáculo. Isso... — Ele puxou-lhe a calcinha de cetim preto e atirou-a sobre o ombro.

— E isso... — Ela puxou a cueca de algodão e atirou-a sobre o ombro também.

Rick colocou um preservativo e possuiu-a com ardor.

— Pronto. Agora estou dentro de você... — sussurrou, investindo impetuosamente no âmago de Ellen. — E fora... — Ele recuou. — E dentro... — Ele tornou a mergulhar na carne macia que o acolhia sem reservas.

Ellen emitiu um gemido surdo e acabou rindo, deliciada.

— Você é um perverso...

— Sou sim.

— Gosto disso num homem.

— Gosta mesmo?

— Sim... Não pare Rick... Assim, assim!

— Você está sendo; autoritária de novo — ele disse com um sorriso travesso.

Ellen ergueu os quadris e agarrou-se a ele, arranhando-lhe as costas, apertando-lhe as nádegas. Quase sem fôlego, murmurou:

— Isso... É uma reclamação?

— Não mesmo...

O prazer se intensificou e Ellen não conseguiu dizer mais nada. Era como se estivesse viajando numa espiral de emoções. Alto, cada vez mais alto rumo ao êxtase... Até que ela se viu no centro de uma explosão de estrelas.

— Ainda não consigo acreditar que fizemos amor a céu aberto —

Ellen murmurou anos-luz depois.

— Ora, você não falou que estávamos em uma propriedade particular?

— Sim, mas nunca fiz isso antes.

— Nem eu — Rick admitiu. — E foi bom demais. Se eu soubesse, já teria acampado há muito tempo.

— Uma estada agradável não depende de acampar, mas de uma boa companhia — ela replicou, dando-lhe um beliscão.

— Com certeza. E, nesse sentido, não posso negar que estou muito bem acompanhado... De uma mulher especial, criativa e incrivelmente sexy.

Ellen espreguiçou-se e voltou a aninhar-se nos braços dele. Seu olhar ficou perdido nas estrelas distantes.

— Eu nunca lhe falei dos quatro estágios da criatividade? Acho que você iria gostar de ouvir sobre eles. — Ellen olhou para Rick e em seus lábios pairou um meio sorriso. — Hum, na verdade é; melhor eu lhe mostrar cada um deles. O primeiro estágio é o empenho.

E assim, muito empenhada, ela beijou-lhe a palma das mãos, e seus beijos foram deslizando pelo braço dele até chegarem ao ombro.

— Hum, deixe-me ver se entendi bem.

Rick afastou uma mecha loira de seu rosto e correu os dedos pela face dela, pelo pescoço alvo e pelo vale acetinado que havia entre seus seios.

— Muito bem, você aprendeu direitinho — Ellen falou com voz rouca, enquanto ele mordiscava a curva de seu ombro.

Mas Rick não se deu por satisfeito e fez questão de prosseguir seu aprendizado, mostrando-lhe que era um aluno muito aplicado. Sem pressa, ele deixou suas mãos se aventurarem por aquele corpo feminino. Começou pelos pés delicados, subiu para as pernas, fez uma parada no sexo recoberto de pêlos macios...

Não demorou muito para que o desejo os dominasse mais uma vez. Ellen acavalou-se sobre Rick e guiou o membro ereto para dentro de si.

— O segundo estágio é... A retirada — ela murmurou com voz entrecortada, soerguendo os quadris.

Rick gemeu e puxou-a para si.

— O terceiro estágio — prosseguiu Ellen — é a concentração... Profundidade mental.

Ela inclinou-se, afagou-lhe os cabelos e beijou-o com uma voracidade quase incontrolável.

— E, finalmente, o quarto estágio é a elaboração — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Pode deixar que eu cuide da última etapa — Rick disse, fazendo com que ela ficasse deitada de lado.

Ele colocou o joelho dobrado dela sobre o próprio quadril e iniciou um movimento de vaivém.

— Assim está bom?

— Ah, Rick, eu sabia que era um homem criativo. Você aprende muito rápido...

— Rápido? — Ele acelerou os movimentos até deixá-la sem fôlego.

— Isso é muito bom. Eu acho que vou... Eu vou...

— Eu sei que você vai — Rick disse com uma expressão maliciosa.

—... Gritar!

Ele não fez menção de detê-la. E o grito de Ellen rasgou o silêncio da noite, seguido pouco depois pela respiração arquejante de Rick quando ele também atingiu o clímax.

Durante um longo tempo, nenhum dos dois se moveu ou falou. Por fim, Ellen acariciou os cabelos negros dele e sussurrou:

— Eu te amo.

Perplexo, Rick sondou seu rosto. Ela estava com as faces coradas, seu olhar era a um só tempo satisfeito e sonhador.

— Ei, não me olhe com essa cara de espanto. Tudo bem. Não precisa dizer nada. Eu só falei o que falei porque não sou muito boa em esconder minhas emoções.

Ela aconchegou-se ao peito de Rick e logo adormeceu.

Já para ele as coisas não eram tão fáceis. Por muito tempo, ficou de olhos abertos, mirando o céu e estreitando Ellen em seus braços. Perguntava-se incessantemente por que algum dia alimentara a vã ilusão de que aquele caso seria simples. Nunca tinha passado por uma situação mais complicada em toda a sua vida.

Ellen já estava de pé quando ele finalmente acordou na manhã seguinte. A primeira coisa que Rick notou foi o aroma de café fresco. Suspirou, agradecido. Receara que ela fosse obrigá-lo a beber um daqueles chás de ervas insossos.

Ele sentiu-se bem mais disposto depois de tomar uma xícara de café com creme. Procedeu a sua higiene matinal num córrego ali perto e vestiu uma bermuda e uma camiseta limpa. Feito isso, estava pronto para encarar o mundo... E aquela mulher que dizia amá-lo.

Ela estava sentada sobre o saco de dormir, enrodilhada como uma

serpente.

Rick sentou-se a seu lado e perguntou:

— O que está fazendo?

— Minha ioga matinal. — Ellen respirou; fundo e abriu os olhos. — Pronto, terminei.

— Ótimo. Eu já estava com saudades.

Ele atraiu-a para si e beijou-a com um abandono febril. Depois que se separaram Ellen sorriu e olhou para o céu.

— Fomos brindados com um dia lindo. Definitivamente, esse é um dos céus de Sisley — ela declarou.

— E quem é Sisley?

— Ele foi um artista impressionista francês. Ficou famoso pela beleza dos céus que pintava.

— Você gosta muito de arte, não é?

Ellen assentiu.

— Era uma das minhas matérias preferidas na escola. Meu pai desaprovava meus gostos, é claro. Dizia que arte era perda de tempo. E, na opinião dele, tempo é dinheiro. Enfim, nunca fui a filha que ele esperava. Uma vez até me acusou de envergonhá-lo perante os amigos. Disse: "Por que não arranja uma profissão decente e me dá motivo para ter orgulho de você?".

Rick não se conteve e imprecou baixinho.

— Isso foi há muito tempo — ela continuou. — Minha mãe tinha morrido havia mais ou menos um ano. Eu sentia falta de ter uma família e cheguei até a escrever para meus primos, na tentativa de estabelecer um vínculo com eles. Mas não adiantou nada. Foi por isso que resolvi sair de casa e procurar minha própria família... Uma família de amigos que me compreendessem e me amassem pelo que sou.

Notando a fisionomia contrafeita de Rick, ela concluiu que ele não se sentia muito à vontade com aquela conversa porque não tinha família. Assim, Ellen mudou de assunto, perguntando-lhe abruptamente se desejava ovos mexidos para o café da manhã.

Enquanto ela acendia uma fogueira, Rick lembrou-se das palavras que Ellen lhe dissera logo que se conheceram: Não há nada que me desagrade mais que uma mentira. Aquele dia agora lhe parecia muito longínquo, quase como um sonho. Sem que ele percebesse, a situação lhe escapara ao controle. Nada seria como antes. Entretanto, havia um detalhe a esclarecer: Ellen ainda não sabia qual era sua verdadeira identidade.

Ele teria que contar-lhe tudo. Muito em breve.

Pelo menos, Rick pensou, já havia quebrado o acordo com o velho Redmond na véspera, pouco antes do incidente com o caminhão de entregas que quase atropelara Ellen. Sua esperança é que isso atenuasse a reação dela quando descobrisse que ele estivera mentindo aquele tempo todo.

Por outro lado, Rick não tinha coragem de estragar aqueles momentos maravilhosos que os dois estavam passando juntos.

Queria, precisava fortalecer os laços entre eles antes de revelar a verdade.

As horas voaram e, à tarde, Rick e Ellen empreenderam a viagem de volta à Visão Interior.

Ele ainda não havia lhe contado nada. Após o café da manhã, optara por beijá-la em vez de falar, e os dois tinham acabado fazendo amor de novo.

Rick sabia que estava sendo egoísta, mas simplesmente não encontrava coragem para pôr em risco o frágil elo que agora os unia.

Durante todo o trajeto de volta ao centro, ele procurara uma brecha para abordar aquele assunto delicado. Quando percebeu, já estavam estacionando em frente ao escritório da Visão Interior.

Caridade veio correndo na direção deles e parou ao lado do jipe, esbaforida.

— Ainda bem que vocês chegaram! Eu não sabia mais o que fazer!

— O que aconteceu? — Ellen perguntou, preocupada. — Sua filha teve uma recaída?

— Não, Raio de Sol está bem.

Ellen relaxou.

— O que houve então? Entrou algum ladrão no escritório? O computador pifou de novo? — ela gracejou ciente da dificuldade de sua secretária para lidar com qualquer tipo de máquina.

— Não, não é isso... — Caridade gesticulou, aflita. — Acabei de receber a ligação de um homem que diz ser o Sr. Richard Potter.

As cartas estavam lançadas. Rick soube disso no momento em que ouviu a declaração de Caridade.

— Deve haver algum mal-entendido... — Ellen começou a dizer.

— Preciso falar com você — Rick interpelou-a.

— Espere só um minuto. Deixe-me esclarecer esse equívoco.

Ele agarrou-lhe o braço e puxou-a de lado.

— Não há nenhum mal-entendido... Isto é, há, sim, mas... Que

diabo, Ellen, eu não sou Rick Potter.

— O quê?

— Meu nome é Dunbar. Rick Dunbar.

Ela abriu desmesurada mente os olhos. Por alguns segundos, foi incapaz de falar.

— Por que se fez passar pelo Sr. Potter? — perguntou por fim.

— Vou lhe contar tudo, mas preferiria que conversássemos a sós — ele replicou, indicando com um gesto de cabeça a secretária e Celeste, que acabara de chegar.

— Caridade, diga ao sujeito no telefone que eu retornarei a ligação em meia hora. — Ellen virou-se para Rick: — Vamos conversar no meu chalé.

Mal entrou na sala, ela foi logo inquirindo:

— Quer me explicar o que significa tudo isso?

— Seu pai... Ele me contratou para encontrá-la e levá-la de volta a Seattle.

Ellen deixou-se cair pesadamente no sofá.

— Do que está falando?

— Sou detetive particular.

— Não acredito! — Ela balançou a cabeça. Sua voz estava contida e trêmula. — Está dizendo que meu pai mandou você me preparar uma armadilha, como se eu fosse um animal?

— Eu não interpretaria as coisas desse modo...

— Claro que não. Tenho certeza de que apenas cumpria ordens. E meu pai é mestre em dar ordens.

Ellen sentiu uma dor aguda espalhando-se em suas entranhas. Era como se uma parte dela estivesse morrendo lentamente. Á muito custo reprimiu o choro.

— Meu pai mandou também que dormisse comigo? Isso também era parte do grande plano, hein? Meu Deus! Será que por algum momento você pensou que, se me seduzisse, conseguiria me convencer a voltar para Seattle?

— Pare de dizer bobagens! É óbvio que fazer amor com você não estava no contrato!

— Ah, não? Espera mesmo que eu acredite nisso?

— É a pura verdade, Ellen. Escute, eu quis abrir o jogo com você antes, mas não sabia como abordar o assunto...

Ela respirou fundo. Olhou-o com súbita frieza.

— Claro que ia abrir o jogo. Sabe Rick, o problema de mentir é que,

depois, ninguém mais acredita em você. Durante minha vida, aprendi que as pessoas traiçoeiras não têm conserto. A desonestidade e a falsidade de um caráter nunca são totalmente eliminadas. Bem, mas a farsa acabou. Você pode parar de fingir agora. Não há necessidade de continuar soprando palavras doces no meu ouvido.

— Que droga! Eu não estou fingindo!

— Pois eu estava. Queria lhe dar uma lição. Ah, vejo que ficou surpreso, não é? Você não é o único espertinho por aqui, sabe? Achei que já era hora de uma mulher ensinar-lhe uma ou duas coisas.

Rick olhou-a intensamente.

— Por acaso estava mentindo quando disse que me amava?

— Por quê? Pensa que é o único que pode sair por aí partindo corações?

— Não minta Ellen. Você disse que me amava. Ela deu de ombros com um gesto de desprezo.

— O homem para quem eu disse isso não existe, a não ser na minha imaginação. Eu nunca poderia amar alguém que chegou tão baixo quanto você, Rick. E tudo por causa de dinheiro!

— Ah, é? Pois há apenas algumas horas eu tive a nítida impressão de que estava apaixonada por mim — ele revidou com uma típica indulgência masculina.

— Aquela altura eu ainda não sabia da verdade — Ellen rebateu com raiva. — Mas agora eu sei. Só espero que meu pai tenha lhe pagado uma soma bem polpuda por esse trabalho, porque você sem dúvida mereceu cada centavo!

O olhar magoado que Rick lhe dirigiu naquele momento provocou-lhe um aperto no coração.

Depois o ressentimento dele se transformou em indignação e Rick replicou:

— E mereci mesmo, senhorita. Tem gente que precisa trabalhar para sobreviver, sabia? Nem todos nascem num berço de ouro. Pelo contrário. Existe muita gente morando nas ruas, sem ter o que vestir ou comer. Isso, sim, é um problema, não as queixas de uma filhinha mimada que foi criada com todas as comodidades. Você é teimosa, Ellen, e não enxerga o que acontece bem debaixo do seu nariz!

— Eu concordo plenamente. Se tivesse olhado debaixo do meu nariz, logo teria percebido quem você é.

Rick não disse mais nada. Girou sobre os calcanhares e saiu do chalé batendo a porta atrás de si. O baque seco fez Ellen se retrair. E

sua cólera dissolveu-se em estilhaços de dor. Dor e desespero.

Rick atirou a mochila no banco traseiro do carro sem nem se dar ao trabalho de fechá-la. Logo estaria longe dali. E já não era sem tempo: aquele lugar só lhe havia trazido problemas desde que pusera os pés lá.

Ele estivera a ponto de contar a Ellen que cancelara o contrato com o velho Redmond. Mas as palavras ficaram presas em sua garganta quando a ouviu se gabar de que seu amor não passara de uma farsa. Sim, felizmente não falara nada. Já fizera um papel bastante ridículo sem revelar que havia perdido dez mil dólares por causa de um rabo-de-saia.

Rick fechou a porta do carro com violência e ligou o motor. Enquanto manobrava o carro, viu Índia correndo em sua direção e freou. Ótimo, pensou com azedume, tudo o que eu queria era topar com essa ruivinha desbocada! Índia sorriu-lhe. Ele olhou-a carrancudo. As maneiras femininas não o enganavam. Desde cedo as mulheres aprendiam a se insinuar no coração dos homens para levá-los à ruína. Aquela garotinha não era exceção. Dali a uns quinze anos, ela sem dúvida estaria judiando de algum pobre infeliz que caíra na besteira de cruzar seu caminho.

— Agora vou usar o meu penico — ela anunciou alegremente.

Rick nem sequer piscou.

— Todos; temos nossos problemas, menina.

Ele estava a ponto de acelerar quando Índia esticou os bracinhos e conseguiu alcançar sua mão. Virando o rosto angelical para Rick, ela falou:

— Eu gosto de você.

Depois a menina desatou a correr para o alojamento, deixando Rick mais melancólico do que nunca.

Ellen não soube dizer quanto tempo permaneceu encolhida no sofá, entregue a um pranto desolado e silencioso. Num dado momento, o telefone tocou.

— Ellen, aqui é Caridade. Você está bem? Acabo de ver Rick partir.

— Não se preocupe comigo, amiga. Minha intuição falhou miseravelmente, mas vou me recuperar.

— Ei, você por acaso está chorando?

— Não... Eu estava — Ellen garantiu-lhe, apanhando um lenço de papel para enxugar os olhos. — Mas não estou mais.

— Qual é o problema?

— Lembra-se da ligação daquele homem que afirmava ser Richard

Potter? Pois bem, nós todos fomos ludibriados. Rick é um impostor. Meu pai o contratou para me levar de volta a Seattle.

Houve uma pausa do outro lado da linha e depois Caridade exclamou:

— Não pode ser verdade!

— Mas é — Ellen confirmou amargamente. — Incrível, não? Como é que não percebi o que estava acontecendo? Havia muitos indícios de que Rick era um impostor. Primeiro, ele não se parecia nem um pouco com um executivo. Aliás, nem se deu ao trabalho de disfarçar! Em vez disso, teve o descaramento de alegar que nós estereotipávamos as pessoas!

Houve novo silêncio do outro lado da linha. Por fim, Caridade perguntou:

— E o que pretende fazer agora?

— Vou retornar a ligação do Sr. Potter e pedir-lhe desculpas pelo mal-entendido. E, daqui por diante, quero adotar outra política na recepção do centro. Todo hóspede que vier se registrar deverá apresentar documentos que comprovem sua identidade. Depois... Bom, depois vou continuar levando minha vida como sempre fiz.

Minutos mais tarde, Celeste foi procurá-la no chalé.

— Acabei de saber o que aconteceu. Trouxe-lhe um chá especial de menta.

— Ah, Celeste, você tinha toda razão! Minha intuição falhou...

Ellen fungou e não conteve o choro. A amiga sentou-se a seu lado e abraçou-a.

— E as crianças, Celeste? Você não deveria estar em aula agora?

— Guido está cuidando delas por mim. Felizmente — ela murmurou.

— Do contrário, Rick não teria saído com vida daqui.

— Eu me sinto uma idiota por ter acreditado nas mentiras de um patife como ele.

— Não fique assim. Todos nós fomos ludibriados.

— Nem todos; Celeste. Nem todos. Guido sempre desconfiou de Rick. E você também tinha suas suspeitas. Eu deveria ter dado ouvidos às suas advertências.

— Você deu ouvidos ao seu coração, Ellen. Ninguém pode culpá-la por isso.

— Mas eu me culpo.

Ela soluçou baixinho. Celeste afagou-lhe os cabelos num gesto cheio de ternura.

— Você é muito severa consigo mesma.

— Se eu tivesse sido mais severa, agiria com maior cautela em vez de me atirar nos braços de um canalha.

A ordem do dia era tentar animar Ellen. Todos foram visitá-la e, de uma forma ou de outra, tentaram distraí-la de seu problema. À noite, Willy preparou-lhe um prato especial. Para não decepcioná-lo, ela tentou comer tudo. No fim, acabou deixando a comida quase intacta.

Guido tinha outro estilo de mostrar solidariedade. Sua maneira de reconfortar Ellen se traduzia em abraços paternais e numa infinidade de insultos dirigidos a Rick.

— Maldito filho da mãe — resmungou. — Porcaria, eu bem que deveria ter seguido meus instintos!

— Não é culpa sua, Guido.

— E nem sua. O responsável por tudo isso é seu pai. Aquele velho empolado e... Oh, me desculpe, acho que me exaltei...

— Pois você é mais paternal comigo do que ele próprio. Muito obrigada por todo o apoio que sempre me deu, Guido — Ellen disse, dando-lhe um beijo estalado na bochecha.

— Agora trate de ir dormir. Está precisando de descanso, ouviu bem? — ele desconversou, enrubescendo.

Guido tinha razão.

Mas quem disse que ela conseguiu dormir?

As reminiscências das horas passadas com Rick vieram assombrá-la como fantasmas antigos.

Ellen não conseguia ficar no quarto. Não conseguia olhar para o roupão que usara dias antes.

Cada canto do chalé, cada detalhe lhe lembravam a presença de Rick. Em sua memória, desfilaram os beijos, abraços e pequenos desentendimentos dos dois.

Ellen recordou as palavras que ele lhe dissera no galpão de cerâmica: "Se não usar força, vai conseguir moldar a argila nos mais diversos formatos..." Que ironia! Pois fora exatamente isso que Rick fizera com ela! Sem empregar força, usara todos os artifícios para moldá-la a seu bel-prazer.

Rick fora longe demais. Fazer amor com ela só para ganhar sua confiança era um truque baixo demais.

Ellen estremeceu. Estava se sentindo suja, destroçada. De todas as coisas que seu pai já lhe dissera ou fizera, aquela fora a pior de todas. Quanto a Rick... Ellen não tinha palavras para exprimir sua sensação de

abandono. Ele bem que a avisara de que não era um cavaleiro de armadura que vivia de salvar mocinhas indefesas. Como estava certo! E como ela fora estúpida por não lhe dar crédito...

— Chefe, que surpresa! Não esperava que voltasse esta noite! — Vinny exclamou ao vê-lo entrar no escritório.

— Pois trate de tirar os pés da minha mesa — Rick grunhiu. — E dê o fora da minha cadeira!

— Ops... Parece que as coisas não deram muito certo nas montanhas, não é? — o rapaz comentou dando um pulo.

— Você está sendo otimista — ele retrucou antes de afundar na cadeira de couro. — A propósito, o que faz aqui? Não é pago para ler gibis e dormir em cima da minha mesa. Se fizer isso de novo, será despedido, ouviu?

— Calma; chefe. Sei que está nervoso e não falou por mal.

— Falei, sim. E sério Vinny.

— Ah, seu senso de humor é imbatível mesmo, chefe. Ah, ah, ah!

Rick torceu o nariz e só então divisou um saco de dormir perto da janela. Retesou-se e olhou-o como se fosse uma entidade malévola que tivesse surgido ali só para provocá-lo com recordações dos dias que passara acampando com Ellen.

— Que diabo esse negócio está fazendo aí? Foi você que o trouxe para cá, Vinny?

— Bem... É que... Veja bem, minha mãe e eu; desentendemos-nos e ela me expulsou de casa.

— Conte outra história. Eu conheci sua mãe. Ela se derrete por você. Nunca o expulsaria.

— Ok, ela não me expulsou exatamente. Nós tivemos uma discussão feia por causa da menina com quem tenho saído.

— E há quanto tempo vem dormindo aqui?

— Só dois dias. Não vai me demitir, vai, chefe? — o rapaz perguntou cautelosamente.

— Hum. Sua mãe sabe onde está?

— Claro! Ela sabe tudo e mais um pouco. Tem uma rede de informantes inacreditável.

Rick suspirou e recostou-se na cadeira. Massageou os músculos doloridos da nuca e disse:

— Bem, pode ficar.

— Oh, muito obrigada! Você é o máximo, chefe!

— Claro.

Sim, ele era o máximo. Mas máximo em quê? Não passava de um mentiroso. E do maior idiota que já havia surgido na face da terra. Ellen não havia lhe jogado na cara que o usara como um mero passatempo, aproveitando a ocasião para lhe dar uma lição?

Vinny olhou-o penalizado. Nunca vira o chefe num estado tão miserável.

— Está com algum problema?

— Sim. Problema de coração. O pior de todos.

Rick mordeu a língua. Que diabo o levava a soar como um tolo melodramático? Por que não dissera simplesmente que tinha se metido numa confusão com uma mulher?

Mas, no fundo, ele sabia muito bem que não era só isso...

Vinny, desajeitado como sempre, ainda tentou consolá-lo:

— Não fique assim, chefe. A medicina moderna tem feito muitos progressos na cura dos problemas cardíacos.

— Duvido que tenha uma cura para o meu.

— Oh, não fale desse jeito que me assusta! Sua doença não é fatal, é?

— Deixe de bobagem. Eu sou invencível.

Rick deu um sorriso. Quem lhe dera poder acreditar nisso.

Na manhã seguinte, após uma tentativa frustrada de fazer sua ioga matinal, Ellen deliberadamente escolheu roupas de cores berrantes para ver se conseguia se animar um pouco.

Vasculhou o armário e tirou uma camisa havaiana e calça vermelha-tomate.

Não iria se deixar abater. As crianças precisavam dela e não as desapontaria. Imbuída dessa determinação, respirou fundo e se encaminhou para a sala de aula.

As crianças, porém, costumam ter um sexto sentido para essas coisas, e os alunos logo pressentiram que havia algo de errado com sua professora.

— O que aconteceu, tia? Você está anormalmente contente. Parece minha mãe no dia em que meu pai foi preso — Bob disse-lhe. — Mas a alegria dela era falsa, eu logo percebi. Minha mãe só estava tentando me animar.

— Você acertou Bob. Hoje estou um pouco triste. Mas não é nada grave. Não são todos os dias que a gente se sente feliz. Porém, são os momentos de tristeza que nos fazem valorizar as pequenas alegrias que temos. É... Como a chuva, que nos faz dar mais valor aos dias de sol.

— Faz sentido. Mesmo assim, ainda acho que chove demais para meu gosto — interrompeu Larry.

— Professora, olhe só o que eu fiz! É você tomando sorvete na estação Paraíso — Marta declarou, mostrando-lhe o desenho que acabara de pintar.

Ellen apanhou a folha de papel que a menina lhe estendia sentiu uma pontada no coração.

Lembrava-se muito bem daquele dia... Rick sentado á seu lado no banco de madeira, seduzindo-a com o olhar e afagando-a com as mãos de um traidor...

— O que achou do desenho? — Marta insistiu.

— É... É lindo; minha querida. Fez um grande trabalho.

Marta sorriu, deliciada com o elogio. Jordan aproveitou a deixa para mostrar seu desenho.

— Veja, eu também fiz um grande trabalho. Sabe, decidi que quando crescer; vou ser pintor. Aliás, vou até guardar este desenho. Ele é bom demais para ser jogado fora.

— Faça isso, Jordan — Ellen murmurou. — Conserve tudo o que for importante para você. Cuide das coisas que preza. Não deixe ninguém tirá-las de você.

Ah, ela pensou com um suspiro, se arrependimento matasse...

— Pelo jeito, você não é a única que está chorando hoje — Byron informou Ellen ao chegar; em seu chalé para tomar uma xícara de chá.

— Por quê? Quem mais está chorando?

— Caridade. Ficou muito; abalada com tudo o que aconteceu.

Ellen franziu a testa.

— Não entendi. Isso não é motivo para chorar. Afinal, ela mal conhecia Rick.

— O problema é que Caridade se sente responsável pela sua depressão, porque foi ela que lhe chamou para atender o verdadeiro Richard Potter no telefone.

— Ah, que bobagem! Caridade não tem culpa de nada. Se um mensageiro traz notícias ruins, isso não é razão para crucificá-lo.

— Diga isso a ela.

— Pode deixar.

Byron olhou-a, ligeiramente embaraçado. Retirando um fiapo imaginário de sua camisa, disse:

— Dada a sua situação, eu não lhe contei nada, mas... Caridade e eu nos aproximamos muito nos últimos dias.

— Fico muito feliz de saber disso. Eu me perguntava quanto tempo demoraria em você abrir os olhos e perceber o interesse de Caridade — ela provocou-o, contente de que pelo menos alguém estivesse se dando bem no terreno do amor.

Byron encolheu os ombros com um gesto displicente.

— Imagine... Nunca pensei que uma mulher bonita como ela pudesse se interessar por um sujeito numa cadeira de rodas.

— Besteira sua. Achei que você fosse mais perspicaz.

— Eu não tinha certeza se Caridade aceitaria um homem como eu.

Ellen parou com a xícara de chá no ar e encarou-o de forma reprovadora.

— Ora, vamos esclarecer alguns pontos nessa questão, Byron. Escute muitas mulheres adorariam ter um homem como você. Honesto, inteligente, sexy, atraente e, como se não bastasse, bem-humorado e com um coração de ouro. Você é o máximo. Não quero mais ouvi-lo dizendo asneiras, hein?

— Sim, senhora.

Rick tinha aquela mesma mania de chamá-la de "senhora" quando queria gracejar. Ellen estremeceu e afastou-o do pensamento.

— Você e Caridade têm muito que compartilhar. Os dois são decentes, honestos e nunca se venderiam por causa de um maço de dólares.

— Como Rick fez, não é?

— Isso mesmo. As suspeitas de Guido infelizmente se confirmaram. Byron refletiu alguns instantes e olhou-a com ar grave.

— Não tenho tanta certeza disso. Além do mais, Rick nem era um bom ator.

— Como assim?

— Se quer saber minha opinião, ele estava caído por você, por mais que relutasse em admitir. — Byron riu. — Rick até fez uma escultura reproduzindo o seu rosto numa de minhas aulas.

— E que fim levou essa escultura?

— Ele a destruiu — Byron reconheceu de má vontade.

— Bem, Rick tentou me destruir também. Mas não é qualquer canalha à toa que vai me desestruturar.

— Lembre-se de que ele não foi o único culpado nessa história. Foi seu pai que contratou os serviços de Rick.

— Não me esqueci disso, Byron. Nem por um minuto.

Ele recostou-se na cadeira e cruzou as mãos no colo. Quando falou,

seu tom continha uma nota de desafio:

— Vai tomar alguma providência a esse respeito?

Ellen aceitou o desafio sem pestanejar.

— Vou, sim, Byron. Não quero mais ficar me martirizando. Irei para Seattle e direi meia dúzia de verdades a meu pai.

— Boa garota!

E foi exatamente isso que ela fez na tarde seguinte, logo após a última aula.

Antes de partir, demorou-se tentando decidir que roupa seria mais apropriada para a ocasião.

Queria causar boa impressão, mas, por outro lado, não tinha nenhuma intenção de se esforçar para agradar o pai.

Fazia cinco anos que não o via. Não sabia o que esperar daquele encontro. Só sabia que precisava vê-lo para que aquele episódio sujo não passasse em brancas nuvens, como muitas outras coisas que ele já lhe fizera. No fim, Ellen concluiu que não adiantava ficar se preocupando com as roupas que usaria. Seu pai, de qualquer modo, a desaprovava como sempre.

Assim sendo, Ellen optou por uma roupa que lhe agradasse: um vestido curto de seda preto, uma echarpe colorida e uma jaqueta jeans desbotada. Finalizou o conjunto com uma tiara e brincos de cristal branco.

Eram precisamente três e vinte quando ela entrou no escritório do pai, afetando uma desenvoltura que estava longe de ter.

A secretária introduziu-a na sala dele e Ellen foi até sua mesa com passos firmes.

— Soube que queria falar comigo.

Como previra, seu pai fez uma careta de desagrado e disse num tom ríspido:

— Será que, uma vez na vida, você não poderia ter se vestido de uma maneira mais adequada a uma reunião de negócios?

— Acontece que não estou aqui para participar de nenhuma reunião de negócios. Só vim lhe dizer que exijo que pare de controlar minha vida.

— Alguém tem que fazer isso — foi á resposta curta e seca de Howard Redmond.

— Para seu governo, estou muito satisfeita com meus projetos. O fato de você não concordar com minhas idéias não lhe dá direito de...

— Suas idéias são malucas — ele fez questão de ressaltar.

— Em sua opinião.

— Você é igualzinha à sua mãe. Sempre com a cabeça na Lua.
Ela ficou rubra de indignação.

— Não ouse insultar minha mãe! Se quiser saber o que acho, ela era boa demais para você!

— Não lhe perguntei nada.

— Não. Claro que não. Você nunca se importa com o que os outros pensam. Já tem respostas para tudo, por que fazer perguntas, não é?

— Como se atreve a falar assim com seu pai?

— E como se atreve a mandar um detetive particular para xeretar a minha vida? — Ellen gritou, fora de si.

Howard balançou a cabeça com expressão contrariada.

— Não adianta. Você é mesmo igual à sua mãe.

— Muito obrigada. Foi o maior elogio que já me fez.

— Não era minha intenção fazer um elogio. Se sua mãe não fosse tão estupidamente ingênua, achando que poderia mudar o mundo, hoje ela ainda estaria viva.

Ellen estreitou os olhos e perscrutou-o.

— Do que está falando? Ela morreu num acidente de carro.

— Sim. Quando estava a caminho de uma de suas ridículas reuniões de caridade.

— Você... Nunca tinha me contado isso.

— De qualquer modo, não era da sua conta.

— Ah, não era? — ela perguntou, ultrajada.

— Sua mãe me abandonou. Eu a amava e foi assim que ela retribuiu ao meu amor.

— Abandonou? Como?

— Sua mãe morreu, não morreu? E me deixou sozinho.

— Ora, mas é evidente que aí não se trata de um abandono intencional.

— Ela não deveria ter saído tão tarde naquela noite. E, depois do acidente, deveria ter lutado com mais afinco para sobreviver ao desastre.

Por baixo da máscara de impassibilidade dele, Ellen notou quanto estava transtornado. Seu pai estava ressentido. E irado. De repente, muitas peças daquele quebra-cabeça começaram a se encaixar no cérebro dela.

Seu pai sempre fora um homem autoritário e controlador. Mas não pudera ter nenhum controle sobre a morte da esposa. Era por isso que guardava tamanha mágoa dela.

O comportamento de Ellen também lhe fugia ao controle. Agora,

pela primeira vez, ela compreendia a absurda necessidade que seu pai tinha de fazê-la acatar suas ordens.

Ellen não alimentava nenhuma ilusão quanto à convivência difícil entre os dois. Mas a compreensão trouxera-lhe também uma nova lucidez, e toda a sua raiva se dissipou. Da mesma forma como ele nunca poderia ser o pai que ela desejava, ela tampouco poderia vir a ser a filha que ele esperava.

— Por que queria falar comigo? — perguntou num tom neutro.

— Negócios.

— Claro. A razão de sempre. O que mais poderia ser? Mas eu já lhe disse que não estou interessada nos seus negócios.

— Pois deveria. Sua mãe deixou para você a parte que lhe cabia na nossa empresa. Herdará as ações dela quando completar trinta anos. Até esse dia, caberá a mim; administrar seus bens. Só que agora quero vender a empresa e não posso fazê-lo se não comprar a sua parte.

— Isso tudo é novidade para mim.

— Não importa. Estou disposto a lhe pagar um preço justo.

— Sabe o que é mais engraçado nessa história? Se você fosse um pai de verdade para mim, eu lhe daria minha parte. Mas, já que esse não é o caso, eu lhe venderei minhas ações pelo valor de mercado.

Ele apanhou uma pasta sobre a mesa e estendeu-a para Ellen.

— Ótimo. Assine o contrato de venda.

Ela abriu a pasta e leu rapidamente o documento. Antes de assiná-lo, porém, pediria a Byron que pesquisasse o melhor preço do mercado. Sabia que seu pai era um sovina e não iria deixá-lo tirar proveito da situação.

Ellen recolocou a pasta sobre a mesa e disse:

— Primeiro vou falar com meu consultor financeiro. Seria mais simples se tivesse me enviado este contrato pelo correio. Por que quis me ver pessoalmente?

— Porque você tem tanta raiva de mim, que temi que vendesse sua parte para terceiros.

— Pois então relaxe. Esse é o seu modo de agir, não o meu.

— Por que diz isso?

— Você armou um plano sujo com Rick Dunbar. Queria me punir por desobedecê-lo, não é?

— Contratei Dunbar para encontrá-la e trazê-la a qualquer custo para Seattle.

Ela já suspeitava disso. Mesmo assim, a confirmação de seu pai

atingiu-a como uma faca afiada.

— O que significa exatamente "a qualquer custo"? Significa, por acaso, que Rick Dunbar deveria me seduzir?

Howard Redmond remexeu-se na cadeira, impaciente.

— O sujeito é um idiota. Cancelou nosso acordo. Não só perdeu o restante do pagamento, como ainda me devolveu os cinco mil dólares que lhe dei de adiantamento.

— Espere aí... Você disse que Rick desistiu do acordo? Quando?

— Não sei... Se não me engano, ele me telefonou na quinta de manhã...

— Tem certeza?

— Deixe-me ver. Sim, foi na quinta-feira de manhã. Eram onze horas e eu estava de saída para jogar golfe.

Os olhos de Ellen brilharam de felicidade. Então Rick havia telefonado para seu pai antes de fazer amor com ela. Desde então, não trabalhara mais naquele negócio sujo. Ela apanhou a bolsa e precipitou-se para a porta.

— Ei, aonde vai com tanta pressa? — Howard inquiriu.

— Vou procurar meu cavaleiro de armadura brilhante!

CAPÍTULO XI

— Onde ele está? — Ellen perguntou quando finalmente conseguiu localizar o escritório de Rick. — Preciso tratar de um assunto urgente com o Sr. Dunbar!

— Já lhe disse senhorita. Sou só a faxineira — a mulher de avental repetiu.

Sem olhar para Ellen, ela começou a tirar o pó dos móveis.

— Ora, vamos. Deve saber alguma coisa...

— Tudo o que sei é que o Sr. Dunbar faz uma bagunça dos diabos no escritório e não me deixa tocar em nada que esteja sobre sua mesa... Mesmo que sejam os restos de um sanduíche de dois dias!

Ellen decidiu tentar outra abordagem. Munindo-se de paciência, perguntou:

— Onde está a secretária dele?

— E como é que eu vou saber? O expediente já acabou há mais de uma hora.

Foi nesse instante que, providencialmente, Vinny entrou na sala. Ellen virou-se depressa e não esperou para mudar o alvo de seu interrogatório.

— Onde Rick está?

— Posso saber com quem estou falando? — ele inquiriu com ar profissional.

— Ellen. Ellen Redmond. E você é...?

— Vinny... Associado de Rick. Por que quer falar com ele? Talvez eu possa cuidar do seu caso. Não, espere, deixe-me adivinhar: quer flagrar um marido infiel?

— Não...

— Então procura uma pessoa desaparecida?

— Correto.

— Pois veio ao lugar certo. Dunbar & Associados é uma firma especializada em localizar pessoas desaparecidas.

— Eu sei. A placa na porta diz "Rick Dunbar, investigador particular". Mas não faz nenhuma referência a "Rick Dunbar & Associados".

— Ainda não tivemos tempo de corrigi-la.

Ela estudou-o e franziu o cenho.

— Você me parece um pouco jovem demais para ser um detetive particular.

— Não aparento minha verdadeira idade. Mas já ajudei Rick em muitos casos. O último foi a poucos dias, nas montanhas.

Ellen retraiu-se. Desconfiava que aquele caso dissesse respeito a ela.

— Que caso foi esse?

— Não posso revelar. É confidencial.

— Que tal se me desse o endereço de Rick? Ou é confidencial também?

— Por que não me deixa cuidar do seu caso?

— Você não entende Vinny. Preciso resolver um assunto pessoal... Entre mim e Rick. — Ela abriu a bolsa e apanhou duas notas de cem dólares da carteira. — O que acha de eu lhe dar duzentos dólares para que me diga onde ele está?

Vinny arregalou os olhos, mas manteve-se firme:

— Não sei, não... O que vai fazer quando encontrá-lo?

— Não vou ameaçá-lo ou feri-lo, eu lhe prometo. Muito pelo contrário.

Ele ainda hesitou um pouco. Depois foi até a escrivaninha e pegou uma caneta.

— Rick saiu de carro para fazer um trabalho de vigilância. Está no cruzamento dessas duas ruas...

Vinny escreveu o endereço num pedaço de papel e entregou-o a Ellen.

Ela abraçou-o efusivamente e enfiou os duzentos dólares no bolso da camisa dele.

— Muito obrigada! Não sabe como me ajudou!

Dito isso, Ellen voou para o elevador.

Rick estava sentado em seu carro, que fora estrategicamente estacionado numa encruzilhada deserta. Numa das mãos, segurava um copo de café frio, e, enquanto mantinha os olhos fixos na entrada de um prédio mais adiante, ia se perguntando como é que tinha conseguido virar sua vida de pernas para o ar em menos de duas semanas.

Antes, um bom filé com fritas e algum dinheiro no banco eram o que bastava para deixá-lo satisfeito e feliz. Agora não era capaz nem sequer de beber um simples copo de café sem se lembrar de Ellen e seus chás de ervas. Desgostoso, ele tomou mais um gole de café frio. Depois que fizera amor com Ellen no chalé, tomara uma xícara de chá com ela. Aquele episódio marcara-o por causa da xícara, absolutamente comum se não fosse por um detalhe: na base, exibia uma porção de sapos pintados de verde.

Na ocasião, Ellen notara seu olhar espantado e dissera:

— Gosto muito dessa xícara. Ela sempre me lembra que a gente tem que beijar muitos sapos até encontrar um príncipe. Mas agora já encontrei o meu.

Ellen finalizara aquela declaração com um beijo que o deixara sem fôlego...

Ele notou que alguém estava batendo na janela do carro. Piscou, para se certificar que não estava delirando. A pessoa parada ali se parecia muito com... Ellen... Que diabo, era ela!

Rick abriu a porta do lado do passageiro e Ellen sentou-se a seu lado.

— Desculpe-me de aparecer sem avisar. Mas, como você não tem telefone no carro... Sabe, deveria pensar seriamente em comprar um aparelho celular. Seria muito útil para agilizar seu trabalho — ela disse num tom ligeiro.

— Você por acaso veio aqui para vender telefones?

Ellen tentou ignorar a frieza na voz dele. Respirou fundo e umedeceu os lábios ressequidos antes de prosseguir:

— Não... Vim aqui para lhe dizer que segui seu conselho e comprei uma caixa de metal para guardar minhas ferramentas e que... Eu te amo.

— Ela corou e acrescentou rapidamente: — Menti para você quando disse que não o amava... Mas isso foi antes de saber o que eu sei.

— E o que você sabe?

— Que você cancelou o acordo com meu pai e devolveu-lhe todo o dinheiro. Que você realmente é o homem que eu sempre pensei que fosse e que... É bom para mim.

— Por quê?

— Porque a sua postura lógica e racional contrabalança com meu temperamento impulsivo.

— Eu não diria que vir me procurar no meio de um trabalho de vigilância é um procedimento muito lógico e racional. Ali, naquele prédio, poderá entrar a qualquer minuto o suspeito de um assassinato.

No fundo, porém, era exatamente esse tipo de atitude que fazia Ellen ser o que ela era. E Rick amava-a por isso. Por sua imprevisibilidade, irreverência e entusiasmo.

— Uau! Que emocionante! Pensei que fosse só um trabalho de rotina. Se quiser, posso ajudá-lo. Afinal, não consegui encontrá-lo aqui? Até que eu tenho jeito para fazer investigações.

Rick sorriu ao recordar-se de algumas investigações bastante sensuais que ela havia feito nele.

— Talvez pudéssemos trabalhar juntos no futuro — Ellen concluiu.
— Na verdade, estou planejando me mudar para Seattle e fundar um centro para crianças desamparadas. Você me fez ver que existem pessoas necessitadas aqui mesmo. Quero ajudá-las no que estiver à meu alcance.

— Então vai começar outro projeto? Isso está se tornando um vício. Você se deu conta de que já morou em pelo menos uma dezena de estados nos últimos anos, Ellen?

— E você já se deu conta de que talvez eu estivesse à procura de algo? Ou de alguém? Você, por exemplo...

Ela notou o brilho do fogo que começava a arder lentamente nos olhos de Rick. Segundos depois, ele tomou-a nos braços e beijou-a com toda a força de sua paixão.

— Foi impressão minha ou você me fez uma proposta? — Rick perguntou antes de tornar a beijá-la.

— Não. Sou uma garota à moda antiga. Se há alguma proposta a ser feita, é melhor você se encarregar dela. Se acha que pode me aceitar como sou com todas as minhas manias malucas... Não sou uma mulher muito normal, você sabe...

— Graças a Deus.

— Realmente não se importa de eu ser um pouco excêntrica?

— Não. É exatamente por isso que eu amo você.

Ela sentiu um aperto na garganta e falou com voz trêmula:

— É a primeira vez que você diz que me ama.

— Mas não será a última, eu lhe garanto. Quer se casar comigo, Ellen?

— Você ainda tem alguma dúvida?

Eles se beijaram com renovado ardor. Suas mãos se buscaram e depois se puseram a palmilhar o território conhecido de seus corpos. Sem perceber, Ellen começou a desabotoar a camisa de Rick. Em resposta, ele deslizou a mão sob sua blusa e acariciou-lhe o seio...

Uma vez na vida, Ellen tentou ter um comportamento lógico e racional:

— E a sua vigilância? Não quero atrapalhar seu trabalho...

— Esqueça meu trabalho — ele sussurrou, reclinando o banco e puxando-a para si.

— Rick... Estamos em um carro, no meio da rua! — Ellen protestou quando ele ergueu-lhe o vestido e começou a acariciar seus recessos mais íntimos.

— Eu conheço a cidade. Confie em mim, sei o que estou fazendo...

Assim dizendo, Rick acomodou-a no colo e tirou sua calcinha rendada.

— Isso é tão decadente — ela murmurou, passando a ponta da língua na orelha dele.

— Eu sei.

— Nunca fiz amor dentro de um carro.

— Fique longe da buzina e não teremos problemas.

— As janelas estão ficando embaçadas...

— Ótimo.

— Hum... Você tem alguma proteção contra... Ferrugem!

— No bolso da minha calça...

Ellen ajudou-o a colocar o preservativo. Rick penetrou-a com uma estocada firme e os dois começaram a se mover em sincronia, cada vez mais rápido. Mais rápido mais rápido...

— Oh, Rick... Não acredito que estamos fazendo isso.

— Pois acredite.

O fato de sua união estar camuflada sob a saia de seu vestido era um elemento incrivelmente erótico para Ellen e ela ficou ainda mais

excitada. Fechou os olhos por um momento e foi sacudida por espasmos de prazer. Rick juntou-se a ela naquela explosão de sentidos e os dois tiveram um orgasmo simultâneo.

— E então, professora; passei no teste? — Rick sussurrou-lhe num tom provocante. — Acha que sou criativo o bastante?

— Você é perfeito para mim — Ellen murmurou com voz rouca.

E a recíproca era verdadeira. Disso Rick tinha certeza...

Fim

CATHIE LINZ ainda não tinha trinta anos quando abandonou o trabalho de bibliotecária para se dedicar aos livros românticos. Desde então, essa popular autora de Chicago já publicou mais de vinte livros. Foi recentemente premiada como melhor autora do ano pela *Romantic Times*. Ela gosta de saber a opinião de seus leitores e já recebeu cartas até da Nigéria. Viajante contumaz, Cathie freqüentemente busca inspiração nos episódios cômicos de suas viagens. E o caso desta história, inspirada numa ida às montanhas Cascade, no Estado de Washington. Mas, mesmo assim, Cathie sempre fica contente de voltar para sua casa, seus dois gatos, seu computador e sua lata de biscoitos!

NÃO PERCA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

13 - UM FILHO... POR AMOR

Mary Lynn Baxter

Quando Joanna Nash, testemunha-chave num processo, é atropelada de maneira suspeita, as autoridades a colocam sob proteção policial. E ela contrata o fisioterapeuta Mike McCoy para ajudá-la a recuperar-se dos graves ferimentos sofridos. As hábeis mãos de Mike não só aliviam os músculos doloridos de Joanna, como também acalentam seu coração faminto de amor. Esse homem másculo lhe desperta a sexualidade adormecida, trazendo à tona os sonhos secretos de casamento e maternidade. Mike, porém, deixa claro que não pretende se casar... E o desespero de Joanna aumenta, pois ele é o pai da criança que vai nascer!

14 - LOUCOS CORAÇÕES

Doreen Owens Malek

Helene Danforth amava Martin, seu falecido noivo, embora nunca tivesse sentido uma verdadeira paixão. Ao ficar só e grávida de um filho dele, percebe que precisa fazer alguma coisa para resolver sua difícil situação. Não esperava, porém, que Ben Murdock, irmão mais novo de Martin, a pedisse em casamento! Também nunca imaginou que sentiria

por ele uma atração física tão intensa... Ben jura proporcionar ao filho do irmão uma vida segura, mas sabe que jamais irá perdoar Helene pelas amargas conseqüências de seus atos irresponsáveis. Logo percebe, porém, que não tem como se defender de seu próprio e irrefreável desejo...